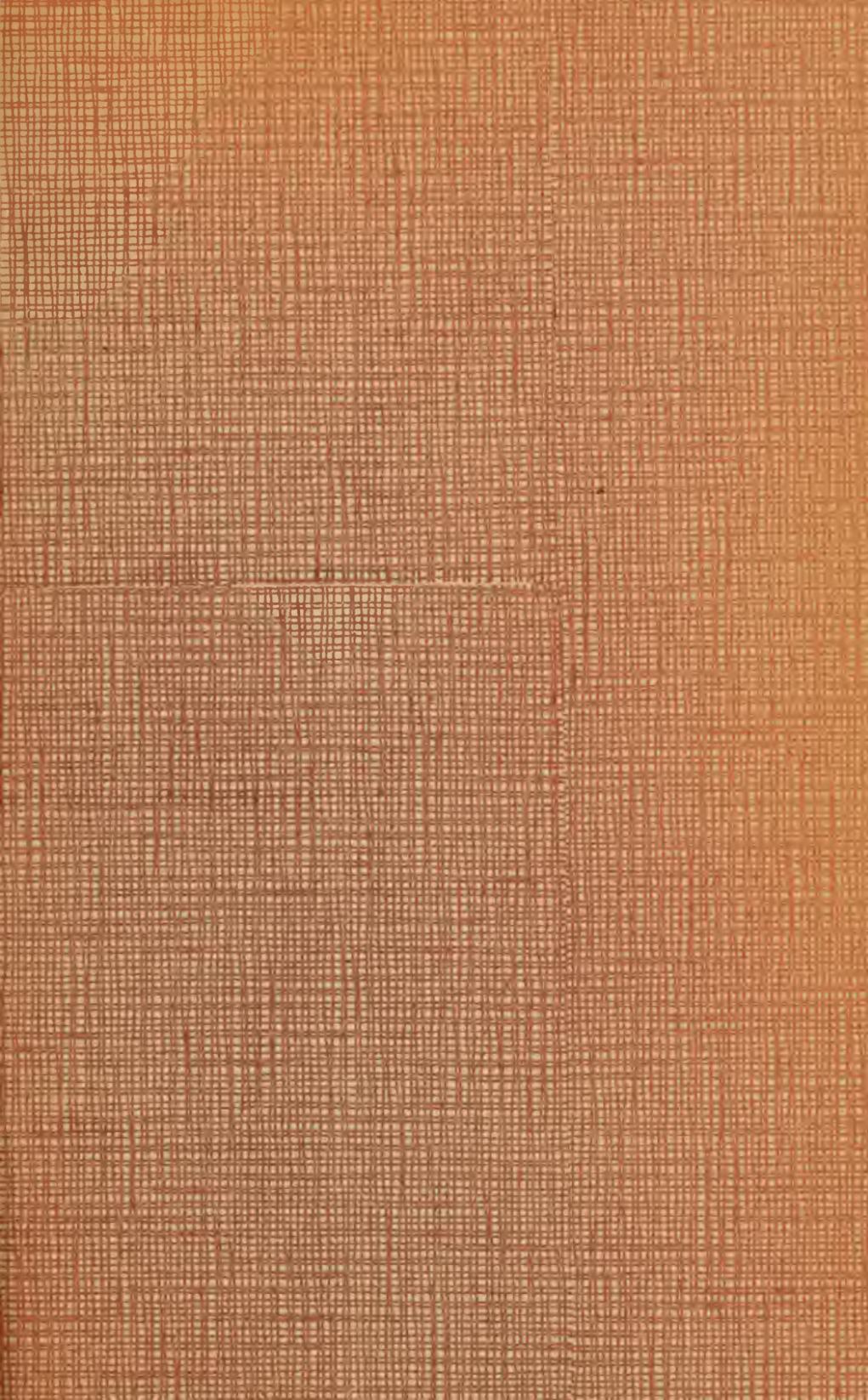




3 1761 07043018 6





ALBERTO PIMENTEL

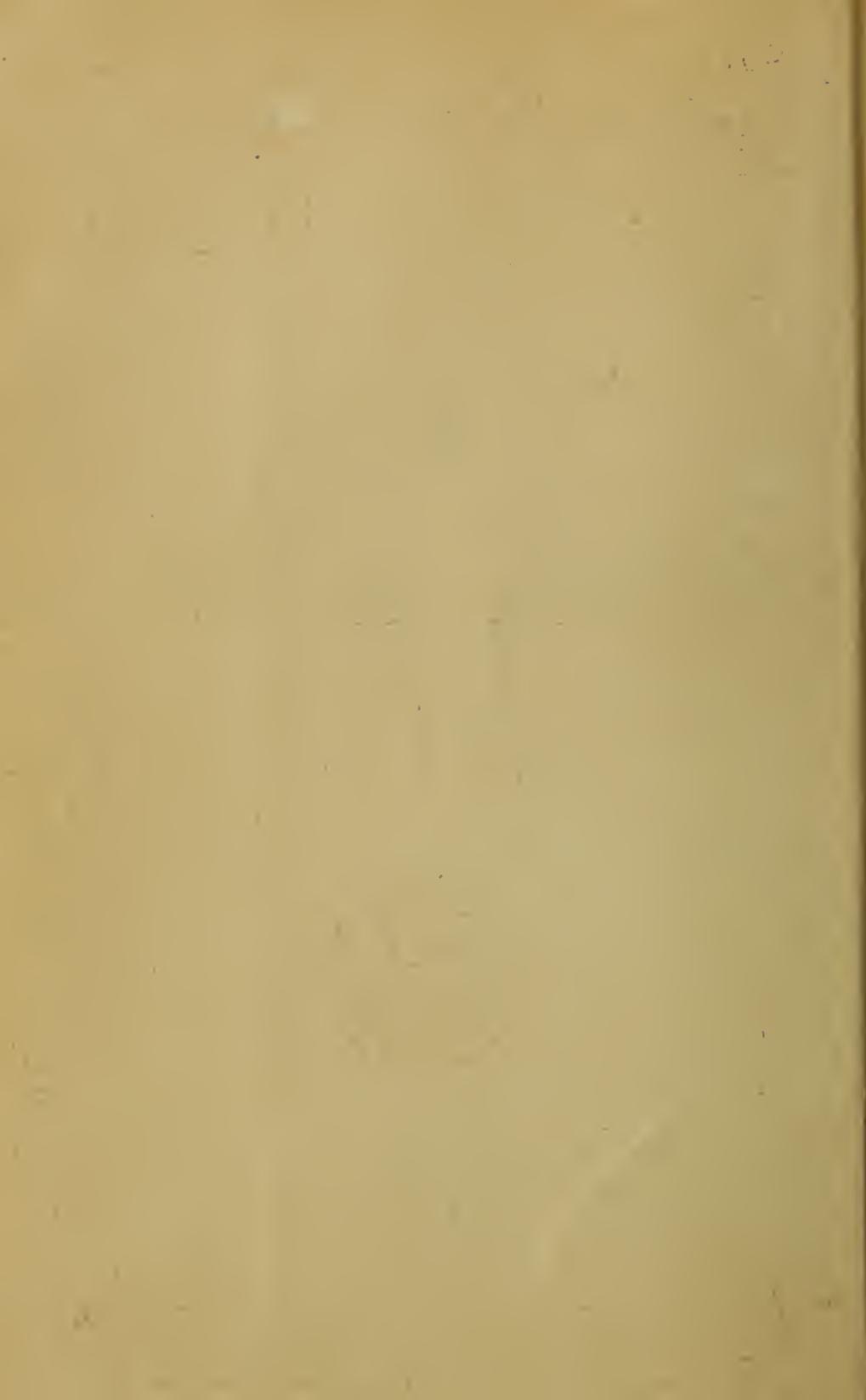
A

Princesa de Boivão

ROMANCE



GUIMARÃES & C.^a — Editores
68 — Rua do Mundo — 70
LISBOA



A princesa de Boivão

Composto e impresso na O O O
O O IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES
R. Diario de Noticias, 59 a 61

ALBERTO PIMENTEL

A princesa de Boivão

ROMANCE

EDIÇÃO DEFINITIVA



1919

GUIMARÃES & C.º — Editores
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

READING

PQ
J261
P46 P 77



A princesa de Boivão

I

O rapazito que se oferecera para meu guia parou e disse :

— E' aqui.

Fiquei surpreendido de ver as umbreiras de um portal humilde intercalando um pequeno lanço de muro esburacado, através do qual os raios do sol furavam como abelhas de ouro, que viessem morder os rubins das amoras entre a folhagem do silvedo. Bambolins de verdura, erriçada de espinhos, trançavam na vêrga de cantaria recortes irregulares completando a moldura de um trecho de céu azul, enquadrado em alizares de hera viva. Andorinhas alegres esvoaçavam chalrando como se, Penélopes aladas, andassem tecendo com o bico e destecendo com as asas uma tra ma aérea num tear invisivel. Legiões de formigas balhavam-se subindo e descendo pela soleira puída,

num tráfego de mariolas em descarga. Dentro do muro, um tronco de árvore esgalhado e seco fazia lembrar, corcovado sobre o caminho, um mendigo raquítico, que em silêncio implorasse a caridade dos transeúntes.

— Tens a certeza? preguntei eu.

— Vossemecê não pregunta pelo casal da Princesa?
Pois é aqui mesmo.

Gratifiquei o rapazito, e despedi-o.

Quando o vi desaparecer galgando, contente, a vertente da Bolhosa, sacudi com o lenço as formigas para me sentar na soleira do velho portal abandonado. Um dos recortes da bambolina pendurava-se baloiçado sobre a minha cabeça. Por cima da parede que, em frente do portal, vedava o caminho, eu via no alto os pincaros da serra e, resvalando suavemente no declive até ao rio Coura, as casas, os milharaes e linhares de Santa Maria de Ensalde, numa curva de anfiteatro, oásis de verdura fresca, que os giestais, as panasqueiras e as estêvas dos baldios cingiam num agreste caixilho arrepiado e intenso.

Era profunda a tranquilidade da natureza; doce, de uma docura opida, a luz do céu, que parecia convidar o coração humano a adormecer ali. Senti mais uma vez na minha vida aquilo a que eu chamarei a salutar dieta da solidão. Como todos os paladares estragados pela indigesta culinária, que na vida das capitais embota e derranca os espíritos por ela alimentados, achei deliciosa a paz insulsa, a quietação anodina que a natureza, pachorrento farmaceútico da

provincia, parece manipular para uso dos dispépticos da alma.

Se ali me demorasse, talvez que chegasse a experimentar o fastio dos convalescentes pela asa de frango e pelo bife na grelha. Mas, de passagem, não tive tempo para enjoar-me da dieta, que aliás me foi agradavel, porque me deu descanso ao espirito.

E ainda me demorei menos tempo do que desejava... O pastorzito foi certamente espalhar na freguesia que aquele homem, que tinha chegado, pre-guntou pelo casal da Princesa. Eu fiquei alguns momentos, de pé, olhando o portal.

Depois, já o rapaz iria longe, pus-me a recordar, sentado na soleira, a historia da *Princesa*, que tantas vezes me tinha contado o meu condiscípulo Toscano, de Padornelo, sempre orgulhoso de que o seu concelho se pudesse nobilitar literariamente com um romance autêntico e completo, que ainda ninguem tinha escrito.

Lembrava-me de que êle me dizia: «O Camilo não sabe disto; se soubesse!...»

E preguntava eu a mim mesmo: «Como foi que na falda da Bolhosa pôde, efectivamente, existir a heroína de um romance, que tanto exaltava a imaginação e o orgulho do Toscano? Pobre Toscano! lá está êle agora missionando em Africa, sem eu saber ao certo onde pára, lembrando-se talvez, em pleno sertão, da sua casa de Padornelo e da historia da *Princesa*. Se eu soubesse que êle voltava um dia, deixava-lhe a historia para que a escrevesse.»

Mas vi chegar duas mulheres, duas raparigas, que se puseram a olhar para mim e a sorrir e a cochichar em som de mofa. Logo depois apareceram três crianças que estacaram a observar-me e a roer as unhas. Não tardou muito uma velha, a passos lentos, fiando de roca à cinta. Não sei ainda hoje donde surgiram mais quatro raparigas e mais sete crianças. Toda esta gente se reuniu em grupo e, perdendo a vergonha, porque a união faz a força, falava, visivelmente, a meu respeito, comentando decerto o estranho caso de eu ter ido ali de propósito para visitar o casal da Princesa.

Uma rapariga fez estalar entre os seus alvos dentes o cristal de uma rizadinha trocista, que me incomodou.

Levantei-me, no desespéro de um actor pateado, com vontade de descompor a platéa. Mas reflecti que o melhor era transigir, submeter-me, e disse para o grupo :

— Muito bons dias. Estão talvez a rir-se de que eu quisesse ver o casal da Princesa ?... Pois quem me contou esta historia foi o sr. padre Toscano, de Padornelo.

E logo a velha retorquiu :

— A'gora ! O sr. padre Toscano ?! Então vossemecê, ainda que eu mal prégunte, falou com êle há munto tempo ?!

— Não, senhora ; falei com êle há vinte anos...

E' verdade que o padre José Toscano, virtuoso missionario de Africa, se algum dia se repatriasse, mal poderia escrever a historia da *Princesa* com o desassombro que é permitido a um narrador a quem a manga da batina não reprime o braço.

Esta consideração afugenta do meu espirito a ultima sombra de escrupulo que poderia ter em aproveitar um assunto, que o Toscano por tanto tempo acariciou na sua imaginação romanesca.

As dificuldades levantar-se-iam para lhe embrigar a pena logo ao principio da narrativa. Não era preciso ir mais longe. Porque a historia deve começar pelo princípio, na benfadada manhã de S. João, em que as raparigas do Alto Minho vão despir-se entre os linhares e, num paganismo afrodisíaco, retouçar-se sobre o linho fresco, orvalhado pela aurora.

A Tomasia de Ral¹ e a Rita de Parada² tinham combinado ser as primeiras a banhar-se no bento orvalho do linhar. Iriam logo de madrugada para gozar em plena liberdade a frescura do banho santo e a primazia de desmoutarem, a coberto de pérfidos olhares curiosos, os tufos cerrados do linho verde e húmido.

Cumpriram a preceito. A indecisa claridade da ma-

¹ Ral é uma das origens do rio Coura, limite da freguesia de Ensalde.

² S. Pedro Fins de Parada.

nhã dealbava ainda vagamente o céu, quando ambas se encontraram no lugar ajustado.

Foram correndo para o linhar numa pressa de folgazã porfia. Chegaram. Cortaram a direito pela seara dentro, a bela seara onde o dilúculo ia avivando tons de limpida esmeralda na maciez de um fino tapete de veludo. Atrás delas arrepiava-se a longa revessa dos caules, agitados pela sua rápida passagem.

A meio do linhar que lhes dava pelo joelho, mergulharam na seara, despiram-se, acamando as roupas umas sobre outras. E rindo como náides na agua, rolavam flutuando ou imergindo na ondulação desse vasto lago de verdura, que lhes emperlava o corpo de uma sudámina de orvalho, como um fúlgido poejo de diamantes moídos.

— Mas tudo isso, exclamará surpreendido o leitor, é uma *bambocciáta* flamenga, de Van Laar, empastelada sobre uma paisagem de Claudio Loreno! É uma cópia servil de Poussin, colhida deante do famoso quadro em que os pastores da Arcádia folgam inocentemente na plenitude da primavera e da mocidade.

— Perdão! perdão! Isto é Minho puro, Minho bucólico e genuino. Lá diz o autor do *Minho pittoresco*: «Este costume de se rebolarem pelo linho é geral quasi na provincia; as raparigas escolhem para isso a manhã de S. João, e, ás duas ou trez, sahindo misteriosamente de casa por alta madrugada, vão para um linhar, já de ante-mão preferido, rolando-se pelo linho avelludado. Quantas vezes, porém, apesar

do seu mysterio, os olhos de Pan não luzem sensualmente nos tuhos da folhagem !»

Padre José Toscano teria certamente muitas dificuldades em começar a historia da Princesa pelo principio . .

Tanto mais que João Sabino, um enjeitado de Ensalde, jornaleiro moreno e forte, criado ao Deus dará sob a tutela da Providencia, fôra estender-se de borco no linhar, todo cosido à terra, os olhos arregalados, fascinados, tantalizados, e poderia, se tivesse lido Ovidio, repetir com o lúbrico poeta sulmonense:

Oh ! roupas invejosas !
oh ! roupas importunas,
que tão gentis columnas
me estaveis a encobrir !
columnas tão airoosas,
de tanta graça, tanta,
nem mesmo as de Atalanta
no seu veloz fugir,
quando se entre-mostravam
e de alvas deslumbravam
seu doido seguidor ! ¹

Desde esse dia João Sabino, que poderia talvez vacilar na escolha entre a Tomasia de Ral e a Rita de Parada, decidiu-se definitivamente, com uma paixão devoradora, cuja origem êle não queria revelar a ninguem, pela Tomasia de Ral.

¹ Tradução de Castilho.

Quando os outros rapazes lhe diziam que a Rita era uma cachopa forte, bem parecida, corada e sã como um pêro, João Sabino, guardando cuidadosamente o seu doce segredo, limitava-se a responder:

— Pois sim, pois sim, mas a Tomasia é um caramelo!...

II

Alguns dias depois, aquelas duas raparigas, que desde crianças eram amigas inseparáveis, evitavam-se uma à outra, detestavam-se.

A Rita de Parada acusava a Tomasia de Ral de lhe ter roubado o coração de João Sabino. A Tomasia de Ral queixava-se de que a Rita de Parada lhe fazia uma grande injustiça, só porque o João Sabino a perseguia, sem que ela o atendesse.

Na época das vessadas, a Rita e a Tomasia, que andavam à sóga das vacas gradando a terra, tiveram uma viva altercação, estando a ponto de agatanharem-se enraivecidas.

Os circunstantes riram-se, apuparam-nas. E a Tomasia de Ral, corrida e desesperada, jurou em voz alta que havia de provar a toda a freguesia que o João Sabino tinha para ela menos préstimo que um feixe de molima.

A molima é a rama da giesta que serve de adubo vegetal.

Tomasia pretendia dizer na sua: nem para estrume o quero.

— Olha a fidalga impostora! regoucou a Rita de Parada, dando a entender que a Tomasia jurava falso.

E a Tomasia, confirmando o que dissera, insistiu muito concentrada :

— Vós o vereis.

Daí a quatro dias, a Tomasia de Ral tinha desaparecido de Ensalde.

— Deitou-se a afogar na Chã, dizia a opinião pública.

Na Chã de Lamas, principal nascente do rio Coura, há uma lagôa.

Estivesse morta ou viva, a Tomasia tinha desaparecido, e a Rita de Parada folgou de se vêr só em campo.

Mas não tardou a desenganar-se de que por suas proprias mãos dera corda para se enforcar. O povo, imputando-lhe a desgraça da Tomasia, tratava-a com desabrida secura. E João Sabino não levantava os olhos para ela, nem sequer a saudava quando acontecia encontrá-la. O povo aborrecia-a, mas João Sabino odiava-a. E então a alma da Rita começou a ser atormentada pelo remorso de ter contribuido para desgraçar duas pessoas, porque depois que a Tomasia desaparecera, o João Sabino, segundo toda a gente dizia, pouco lhe faltava para dar em maluco.

Uma vez o sacristão de Ensalde foi encontrar a Rita a chorar, sentada numa pedra.

O Lelo tratava as terras do Passal, repicava o sino, ajudava à missa, e dizia êle que sabia tanto latim como um padre. Destinara-se à vida eclesiastica, es-

tivera no seminario de Braga, donde fugiu de noite escorregando por um lençol, para ir patuscar nas vielas de Trás-da-Sé. Mudara de rumo, porque, pela morte dos pais, os crédores arrebataram-lhe o futuro patrimonio. Fez-se sacristão para aproveitar o latim e as vantagens de um emprêgo que lhe permitia encobrir antigos habitos femeeiros sob a capa de beatério.

Gostou sempre muito da Rita, que era uma garçôa rubicunda. Mas a Rita, virada para o João Sabino, não dava trela ao sacristão.

Como êle a encontrasse chorando, agarrou a ocasião pelos cabelos. Procurou insinuar-se com terna condolencia.

— Mal haja quem te faz chorar, Rita ! disse o sacristão aproximando-se e parando.

— Ah ! ti'Lelo, a culpada sou eu. Não deito a culpa a mais ninguem. Mas não me passa daqui — e indicou a garganta — o nó de ter desgraçado a Tomasia e de ver o João Sabino tão triste como perdi-gão que perdeu a pena. Tenho muntos remorsos. Não posso comer, nem dormir.

— Já te confessastes ? preguntou untuosamente o sacristão.

— Ainda não, ti'Lelo.

— Pois fizestes' mal. Precisas alijar a carga ; verás como ficas mais sossegada depois.

— Eu sei lá se o sr. abade, que é tão miudinho, me deitará a absolvição !

— Deus deixou na sua igreja remedio para per-

dcar todo o genero de pecado. Deves reconciliar-te com Deus para teres sossego. Eu lá digo ao senhor abade que vais amanhã confessar-te.

— Pois diga, ti'Lelo, que eu tomo o seu conselho.

O que o sacristão queria era atraí-la para a igreja, tornar-se o seu mentor, rendê-la pela gratidão, que procuraria inspirar-lhe aconselhando-a.

Poucas horas depois, o abade, avistando João Sabinho, que já não queria falar a ninguém, chamou-o paternalmente e disse-lhe :

— Rapaz ! tu não sabes que a tristeza é o patrimônio do diabo ?!

— Sei, sr. abade, mas pegou comigo uma ralação, que até me faz aborrecer a serra da Bolhosa quando olho pra ela. Tudo me aborrece ! Não se me tira do sentido a Tomasia, Deus me perdôe ! E' uma paixão cá de dentro, tão funda e escura como um poço.

— Pede ao teu anjo da guarda que te desvie daí o pensamento. Isso é tentação do demônio.

— Pois é, é, sr. abade. Mas eu, quando penso naquela cachopa, que não sei onde pára, parece-me que estou à beira de um pomar, onde os frutos tentassem a gente ao pecado da gula...

O abade ficou a olhar para ele admirado.

— Senhor abade, em consciencia lhe digo que sempre gostei mais da Tomasia que da Rita, mas desde certa ocasião a Tomasia pegou a apetecer-me como se eu tivesse a bôca munto azeda e ela fosse um medronho munto doce.

O abade continuava a olhar fito no João Sabino, e a sua fisionomia tomara uma dupla expressão de surpresa e desánimo. Seria facil traduzir o pensamento que a fisionomia do abade reflectia. Devia ser este :

Pobre João Sabino ! pobre serrano minhôto, a quem a ignorancia conserva o amor brutal, a animalidade libidinosa do homem primitivo. Nem um vislumbre de espiritualização neste sentimento fogoso, que lhe incendeia o sangue. E' um sátiro em plena natureza. Ausencia completa do nobre ideal que o coração humano procura atingir pelo casamento católico. E eu, infeliz pastor deste rebanho alpestre, eu, que tanto tenho trabalhado para conseguir educá-lo, nada tenho feito, nada tenho conseguido. Meu Deus ! dai-me forças e coragem para redobrar de esforços e perseverança.

— Olha, João Sabino, disse-lhe o pároco dando às suas palavras um brando tom de paternal autoridade, preciso ouvir-te com vagar, saber como foi que nasceu no teu coração esse amor selvagem, que te atormenta, e é um pecado mortal. Mas noutro lugar mo hás-de dizer. Quero ouvir-te de confissão, para que juntos invoquemos a misericordia de Deus.

João Sabino fez-se pálido, e todo o seu coração estremeceu numa vibração nervosa.

— Não ! pensou ele, contar ao abade a história do linhar, isso é que eu não conto. Tenho vergonha, tenho medo. Falei de mais, e agora o abade quer saber o resto... Jesus me valha !

— Até breve, João Sabino, disse-lhe o pároco afastando-se visivelmente preocupado e triste.

E o João Sabino, despedindo-se, ficou a olhar para o chão depois que o abade desapareceu.

Ao cabo de alguns minutos, como se tomasse uma resolução desesperada, disse consigo mesmo:

— A mim não me há-de o sr. abade tornar a vêr.
E no dia seguinte fugiu de Ensalde.

III

Mas a Rita de Parada não pôde ir confessar-se, como prometera ao sacristão, porque toda a aldeia se alvorocou com a desaparição de João Sabino.

As mulheres gritavam pranteando aquela enorme desgraça, originada pelo ciume da Rita. Ululavam em côro, correndo desorientadas, e prometendo castigá-la corporalmente como causadora de duas mortes.

Porque mulheres e homens eram concordes em dizer que o João Sabino tinha seguido o caminho da Tomasia, indo afogar-se na lagôa da Chã.

E em altas vozes faziam o elogio dos dois, do João Sabino e da Tomasia: que êle era o melhor rapaz da freguesia, e ela a mais perfeita moça de Ensande..

Foi preciso que o abade corresse a proteger a Rita de Parada, salvando-a da indignação do povo.

— Vós não podeis fazer justiça por vossas mãos, porque nem sois juizes nem algozes. Esta mulher cometeu uma leviandade, mas não praticou um crime. E' um caso de consciencia apenas, e não um de-

lito que a lei haja de punir. Podeis provar que ela matou alguem ? Não. Podeis provar que o João Sabino e a Tomasia morreram ? Tambem não. Ora pois ! deixai a pobre Rita com o seu remorso, e esperai que a penitencia e o arrependimento a reabilitem perante Deus e os homens.

Subiu de ponto a preocupação do abade com o desaparecimento de João Sabino.

A freguesia, onde apenas duas ovelhas gafas tinham aparecido, um certo *Canastreiro* e o filho, estava agora ameaçada de uma profunda desordem moral pela cegueira das paixões, que a ignorancia e o exemplo estimulariam. De si para si, o abade acreditava a voz do povo: que a Tomasia e o João Sabino se tinham afogado na lagôa da Chã. Dois suicídios dentro de poucos dias! Era horrivel, numa terra onde até então sempre Deus e só Deus tinha disposto da existencia humana. A lagôa passaria a ser um sorvedouro de voluntarias vítimas. Se o exemplo não fosse reprimido, mulheres e homens, à menor aflição e desgosto que tivessem, recorreriam ao suicídio.

Tornava-se, portanto, necessário dar uma lição severa, tremenda, que impusesse terror.

Algumas beatas tinham querido mandar dizer missas pela alma da Tomasia e do João Sabino.

O abade respondera-lhes :

— Não sabemos ao certo se morreram, e ainda que morressem, mataram-se. A Igreja não pode continuar a ser mãe dos filhos ingratos que sacrilegamente a enjeitaram.

Mas o abade comprehendia que este correctivo não era bastante, assim como o não seria a catequése, porque a sugestão da palavra não penetra tão facilmente os espiritos incultos como a impressão do castigo corporal.

O abade de Santa Maria de Ensalde ignorava que ainda no seculo XVII era costume em alguns países, sobretudo no norte da Europa, castigar as mulheres caluniadoras, bulhentas, enredadeiras ou viciosas obrigando-as a percorrer as ruas da povoação com uma ardósia pendurada ao pescoço. Escolhia-se quase sempre um dia de mercado para ser maior o número de espectadores e o efeito do exemplo. Um pregoeiro, tocando buzina, chamava o público. E na lousa toda a gente podia ver, explicado em desenhos alegóricos, o motivo da punição: uma cabeça de mulher com a lingua de fóra designava que a ré delinquira por maldizente ou intriguista; as figuras de um cão e de um gato bulhando mostravam que era rixosa e desordeira; uma botelha bastava a explicar que reincidia no abuso da embriaguez.

A ardósia ao pescoço era já uma alteração do primitivo castigo, porque substituia o cão ou o gato vivos que, nos tempos medievais, amarravam ao peito das mulheres incriminadas para que lho arranhassem com as unhas ou dilacerassem com os dentes.

Mas o pároco de Ensalde, ignorando esta tradição, algumas noites levou a pensar na resolução que adoptaria para conter e disciplinar a sua paróquia, que o ciume de uma única mulher perturbara profundamente.

Ao cabo de muito scismar, achou um alvitre, que lhe pareceu o melhor de todos. Julgou te-lo inventado, e enganou-se; mas partiu do princípio de que a pena corporal dava sempre excelentes resultados entre gente rústica e timorata.

A Rita de Parada faria confissão geral e penitencia pública: durante algumas noites, arrastaria por deante do casal da Tomasia e da choça do João Sabino pesadas cadeias de ferro, invocando em voz contrita os seus nomes, para que ambos lhe perdoassem o mal que inconscientemente lhes causára.

Esta imposição do abade produziu a maior impressão no espírito dos paroquianos, que, de repente, se mostraram compadecidos do castigo inflingido à Rita de Parada.

E estremeciam de terror quando, alta noite, à hora dos fantasmas e dos espectros, eram acordados pelo tilintar das ferropeias que ressaltavam de laje em laje, e pela voz soturna da Rita, que a espaços parava para clamar: «Tomasia de Ral e João Sabino! tende dó de mim, perdoai-me o mal que vos fiz».

O abade encarregara o Lelo de pôr os grilhões à Rita, e de fiscalizar que ela cumprisse a penitencia.

A pobre rapariga, com ser robusta e sadia, su- cumbiu perante a ideia de ter que vaguear pela freguesia durante sete noites, sózinha, a horas mortas, arrastando pesadas cadeias de ferro e evocando almas penadas.

Tendo-se afogado na lagôa da Chã, nem o João Sabino nem a Tomasia haveriam encontrado ainda o

descanso eterno; errariam carpindo-se e esperando que a expiação da Rita lhes minorasse a responsabilidade do suicídio.

Tudo isto fazia medo, horror à pobre cachopa, que se lastimava da sua desgraça arrepelando os cabelos, e batendo os dentes numa convulsão de frio, como se tivesse saído de um longo banho de mar.

Mas o sacristão dissera-lhe com intencionada ternura:

— Cal’-te, Rita. Eu vou fazer-te companhia, e ajudar-te a arrastar os grilhões. Não tenhas medo.

Ela ficou a olhar para o Lelo, boquiaberta, num espasmo de agradecida surpresa.

Pois êle, que devia ser um fiscal rigoroso, oferecia-se-lhe espontaneamente para cireneu compadecido! Que bom homem aquele! pensava a Rita; não admirava que muitas raparigas, como constava, se tivessem deixado vencer pelas suas boas maneiras e pelo seu bom coração.

A' terceira noite de penitencia, as nuvens negras, que desde o fim da tarde pairavam sôbre a serra da Bolhosa, desceram e alastraram-se. Caíram alguns chuveiros fortes, mas breves.

O Lelo disse à Rita que se abrigasse debaixo de uma árvore, e como os ramos escorressem grossos pingos de água, cobriu-lhe carinhosamente os ombros com a roda do gabinardo que trazia vestido.

Bem juntos um ao outro, êle sentiu-lhe a polpa tépida do braço, e compassivamente lhe conchegou melhor o gabinardo.

— Que bela mulher! pensava o sacristão.

E a Rita de Parada, por sua vez, pensava também:

— Quanto melhor não é êle para mim do que o João Sabino!

No dia seguinte, o sacristão dizia ao abade:

— Apesar da chuva, a Rita andou toda a noite.

— Bem ouvi, respondeu candidamente o pároco.

IV

Ora a Tomasia de Ral não tinha ido afogar-se na lagôa da Chã de Lamas.

Ela fugira de casa alta noite, quando os pais dormiam profundamente o sono crasso que restaura as forças gastas num dia de trabalho rural.

A sua ideia dominante era afastar-se de Ensalde, onde nunca mais queria voltar, mas não lhe sofria o coração sair da província do Minho. Receava morrer de saudade.

Iria oferecer-se como jornaleira ou criada em alguma das casas nobres da província. As primeiras que se lhe deparavam eram as dos Caldas de Vasões e do morgado de Val-das-Donas. Mas ficavam muito perto de Ensalde, ambas essas casas, e a de Val-das-Donas estava desconceituada pela tradição devassa do morgado velho.

Ela bem sabia as solicitações, as ciladas com que Dom José Maria Pacheco a tinha perseguido tantas vezes, insistente e baldadamente.

O plano da Tomasia era, pois, obter, em qualquer povoação, que não fosse muito próxima nem também

muito distante de Ensalde, uma colocação honesta e tranquila.

Pensou em dirigir-se para a freguesia de Pinheiros, perto de Monção, a fim de pedir abrigo e trabalho no palacio da Brejoeira, solar proverbialmente hospitaleiro, onde todos os viandantes e todos os peregrinos tinham guarida certa e mesa farta.

Mas, ao cabo de revolver dúvidas e hesitações no espírito atribulado, decidiu não passar de Valença. Tomara uma resolução definitiva, a que não foi estranha a saudade, porque muitas vezes tinha a Tomasia ouvido dizer que da montanha de Valença se avistava ao longe, como sombra pousando no horizonte, a serra da Bolhosa.

Lembrou-se portanto de ir assoldadar-se na casa de Boivão, onde habitava, separado do pai, o filho único do morgado de Val-das-Donas.

Era um rapaz, D. Rodrigo Maria, que recebera na pia do baptismo o sobrenome tradicional num ramo da familia dos Pachecos, por memória da devoção com que o rico-homem Lopo Fernandes Pacheco, válido de Afonso IV e chanceler da rainha D. Brites, invocou na lide de Tarifa a intercessão da Virgem Santissima em favor de portugueses e castelhanos contra os moiros.

Não é ponto averiguado se os Pachecos de Val-das-Donas descendiam, com bom fundamento, do grande Lopo, de Ferreira de Aves. Mas não padece dúvida que o rico-homem de Afonso IV tinha especial devoção com a Imaculada Mãe de Cristo, por-

que na figura de pedra que o representa, deitado, sobre o tumulo onde jaz na Sé de Lisboa, enrola-se em torno da baínha da sua espada a piedosa legenda: *Ave Maria gratia plena.*

Con quanto o senhor de Boivão fosse um rapaz, contavam-se maravilhas do seu doce carácter, um pouco melancólico, e da sua piedade filial pela memória da mãe, a quem o proprio marido preparara morte traiçoeira.

Os factos encarregavam-se de definir os caractéres do pai e do filho, profundamente antagónicos entre si, como se não fossem pessoas do mesmo sangue.

Poucos fidalgos de província poderiam competir em celebri dade lendária com o morgado velho de Val-das-Donas, D. José Maria, porque nele avultavam torpíssimos desregramentos.

Mulheres e cavalos eram as suas principais manias, a sua grande paixão, calcada sobre a tradição de classe. A's mulheres, em geral pobres raparigas do campo, tratava-as como senhor suserano, brutalmente lascivo. Não amára nunca, não tinha conhecido jamais o que no amor pôde haver de espiritualização sentimental. Era um soba sertanejo, vivendo numa poligamia primitiva e irresponsável. Apenas, quando encontrava resistência aos seus caprichos, o preocupava vagamente a conquista do pômo defeso, única hipótese em que o espírito não era de todo estranho aos impulsos da matéria insofrida.

Casara por interesse com uma senhora nobre, feia,

e rica, muito mais velha do que êle. No dia em que lhe nasceu um filho, liquidou as suas contas conjugais, considerou a mulher um ser inútil e importuno no lar doméstico.

Ao romper do dia, tomava uma chícara de café e entrava no picadeiro. Gastava largas horas educando em dificuldades de equitação os potros, de raça apurada, que eram a glória da sua coudelaria.

Dizia-se que fôra um alazão, ensinado por êle, que matara a morgada. Contava-se, como um episódio da sua crónica, salientemente superior em feitos escandalosos à dos outros fidalgos minhôtos, que, em o morgado dando certo sinal, o alazão se levantava rapidamente nas patas, sacudindo o cavaleiro desacautelado.

Era no inverno, das montanhas tinham rolado grandes levadas, que espumavam amarelentas e torvas. Os ribeiros corriam grossos e altos. D. José Maria aceitára o convite para um jantar de parentes, e insistira com a morgada para que o acompanhasse.

Quando ambos passavam na *Ponte dos cavaleiros*, que separa a freguesia de Castanheira da freguesia do Bico, o ginête do morgado, assustando-se com o ruído da corrente, fitou as orelhas, e ladeou, apertando contra a guarda da ponte o alazão montado pela morgada. Foi então que D. José Maria, como se quisesse animar o seu cavalo, articulara um som gutural, muito regougado e cavo, semelhante ao rosnar de um cão. O alazão empinou-se imediatamente, cuspindo a amazona, que foi bater no para-

peito de pedra e se despenhou, ferida e desmaiada, na água.

Tudo isto se passou num momento. Os lacaios apareciam-se açodados, D. José Maria, simulando uma profunda angústia, gritou-lhes oferecendo uma larga remuneração ao que salvasse a morgada, e apeou-se também, correndo empós os lacaios. Mas quando conseguiram tirá-la da agua, era cadáver. D. José Maria estava viuvo, e tutor legítimo de seu filho, a criança que tinha ficado em Val-das-Donas entregue aos cuidados de uma «ama séca», a Ovaia,¹ criada antiga da casa.

Viudo aos trinta e dois anos, vigoroso e frascário, enriquecia-o a administração de vastíssimas propriedades, que se estendiam por toda a província do Minho até à fronteira galega. Em Boivão, no concelho de Valença, deixara a morgada uma das melhores e mais rendosas terras que trouxera em dote.

D. José Maria nunca mais tornou a casar, nem precisava, dizia ele com impudente vangloria de polígam. E não era porque lhe faltassem propostas de casamento, apesar da trágica notoriedade que tivera o acontecimento da *Ponte dos cavaleiros*, mas porque, sultão minhoto, não lhe escaceavam odaliscas no vasto serralho provinciano.

Na época em que a Tomasia de Ral fugira de casa, o morgado de Val-das-Donas orçava pelos cin-

¹ *Ovaia*, corrupção vulgaríssima do nome Eulália, em todo o norte do país.

coenta e dois anos. O filho não estava emancipado, mas vivia em Boivão, administrando, por acôrdo com o pai, as propriedades que no concelho de Valença lhe pertenciam por legítima materna.

Fôra do agrado de ambos este acôrdo. O pai sentia-se constrangido na presença do filho, que o tratava com fria obediencia. Era uma testemunha cuja silenciosa vigilancia não só o constrangia, mas até o irritava. O filho, que sabia a história da morte da mãe, aborrecia o pai, sem o desrespeitar.

Separaram-se por conveniencia mútua, e apenas se avistavam quando o pai, querendo significar ao filho que a lei lhe garantia direitos, que desejava reservar embora os não exercesse, fingia ir visitar as propriedades de Boivão.

D. Rodrigo Maria ia saíndo o portão do palacio, na ocasião em que a Tomasia de Ral subia a avenida de plátanos que da estrada conduzia ao portão.

Parou e perguntou-lhe:

— O que queres tu, rapariga?

Ela respondeu com voz comovida:

— Eu vinha pedir a s. ex.^a que me tomasse como jornaleira ou criada.

— D'onde és tu?

— Saiba s. ex.^a que sou de Ensalde.

— És de Ensalde? E vens tão longe pedir trabalho?!

A rapariga pôs os olhos no chão, perturbada por esta pregunta.

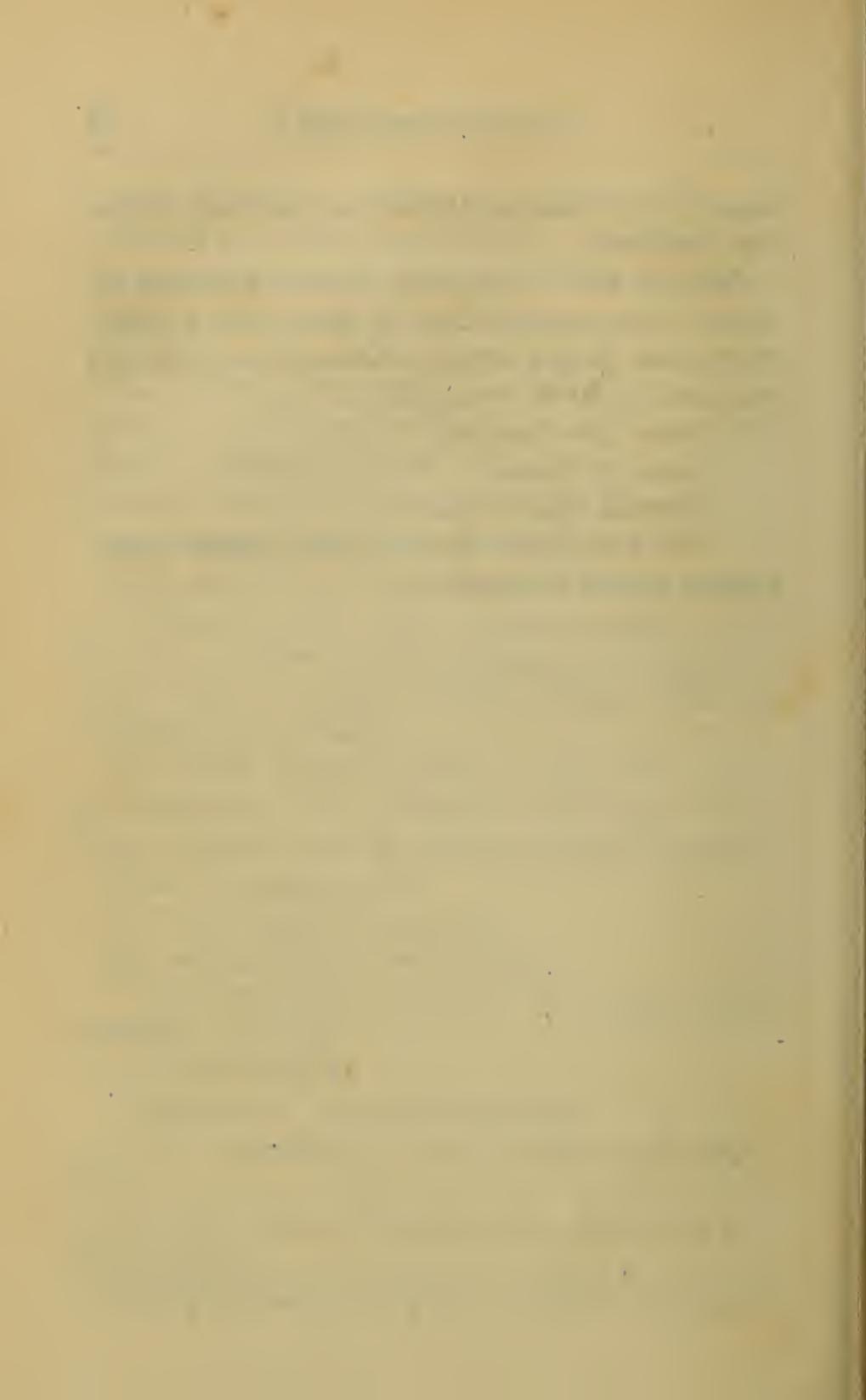
D. Rodrigo julgou adivinhar o segredo da campo-

nesa: vem certamente fugindo ao descrédito de um erro amoroso.

Teve dó déla, e completou o seu pensamento dizendo mentalmente: «Esta ao menos não é indiferente à sua propria deshonra. Quem sabe se não será mais uma vitima de meu pai?...»

E tornou com bondade:

- Como te chamas?
- Tomasia, meu senhor.
- Pois bem. Podes dizer lá dentro que me encontro e que eu te admiti.



V

Dois dias depois o senhor de Boivão lembrou-se daquela rapariga de Ensalde que tomara ao seu serviço, e mandou-a chamar.

A Tomasia de Ral tinha andado com as vacas no monte. Era um serviço provisório até que o sr. D. Rodrigo lhe marcasse atribuições. Esse momento chegara, porque o fidalgo se tornou a lembrar dela.

As primeiras quarenta e oito horas haviam sido de crua saudade para a pobre rapariga. Chorava muito numa funda nostalgia, que ternamente se exacerbava quando os seus olhos encontravam no horizonte longínquo a ramificação setentrional da serra da Bolhosa. Era «o delicioso pungir» de todos os corações que a ausencia atormenta.

Tomasia começava a sentir-se fraca deante do voluntário sacrifício que se impusera. Chegava a parecer-lhe que não tivera razão bastante para fugir de Ensalde, e que fôra imprudente dando vulto a um pequeno conflito, que em verdade proviera de um vulgar «dize tu direi eu» com a Rita da Parada.

Acusava-se de não ter reagido contra o seu génio assomado e melindroso, que, pensava ela, a havia de fazer infeliz toda a vida, e curta vida seria a sua, parecia-lhe, porque a saudade jamais se lhe apagara no coração atribulado.

Sentiu-se vexada quando recebeu ordem para ir apresentar-se ao fidalgo: envergonhava-se de ter os olhos roxos de chorar e o cabelo despenteado. Mas disseram-lhe que o sr. D. Rodrigo estava à espera. Levou as mãos à cabeça e alisou com elas o cabélo; passou a barra da saia pelos olhos para enxugar alguma lágrima retardatária.

O senhor de Boivão lembrara-se do misterio com que aquela rapariga de Ensalde respondera às suas preguntas, quando a encontrou na avenida da quinta, e tornou-lhe a passar pelo espírito a suspeita de que seu pai não seria estranho ao motivo por que ela abandonara a terra natal.

A ocasião dava à fisionomia da Tomasia o que ordinariamente falta às lindas mulheres do campo: a expressão sentimental que espiritualiza a beleza. Reconhecia-se que lágrimas recentes tinham passado na sua face, deixando-lhe um suave vestígio como o do orvalho que amacia a folhagem das plantas.

O fidalgo, ao vêr deante de si a Tomasia, quase a desconheceu, porque não pôde compreender como lhe tivesse parecido menos bela quando pela primeira vez a viu.

E teve pena de que ela, fugindo da terra natal, fosse impelida, como tantas broncas fêmeas do Mi-

nho, pela necessidade de ir esperar, longe da casa paterna, a época em que pudesse amamentar o filho de uma família abastada.

Disse à Tomasia que lhe contasse com inteira verdade, que ele facilmente conseguiria contraprovar, a história da sua fuga. As lágrimas saltaram dos olhos da moça, que mal podia falar. Mas D. Rodrigo tratava-a carinhosamente, com brandas maneiras; pedia, não ordenava; inspirava-lhe confiança, ao contrário do que lhe acontecia na presença do morgado de Val-das-Donas.

Criando alento, a Tomasia contou a sua vida, os motivos por que fugira, e abonou-se com o testemunho que podia dar toda a freguesia de Ensalde.

— Não cometí, disse ela, nenhuma maldade. Não fugi por medo nem vergonha. S. ex.^a pode sabê-lo. Ninguem tem que me dizer nada. A Rita ofendeu-me à conta do João Sabino, e eu quis provar a toda a freguesia que a Rita mentia com quantos dentes tinha na bôca.

A surpresa do fidalgo aumentava de ponto: essa rapariga, a quem estava ouvindo, era uma exceção à regra geral, não fazia carreira para ama de leite; e parecia ter os nervos susceptíveis, o orgulho de raça, os caprichos pundonorosos duma grande dama.

Habilmente, com discreta cautela, abordou D. Rodrigo o assunto mais difícil do seu interrogatório: saber se ela, bonita como era, tinha passado despercebida ao morgado de Val-das-Donas, o que não parecia provável.

A Tomasia achou depressa uma resposta feliz, que outra mulher mais instruída não haveria talvez encontrado tão facilmente:

— Saberá s. ex.^a que a louça de barro, ainda que seja muito ordinária, não arrebenta no fogo como a louça fina.

D. Rodrigo entendeu-a, e a sua admiração foi maior desta vez. Surpreendeu-o ter encontrado uma cachopa que resistira ao morgado de Val-das-Donas, em cujo conceito as raparigas de terras de Coura eram ainda «vassalas», que lhe deviam preito e obediencia. E a Tomasia constituía uma das raras exceções.

— Tens-te portado de modo, dissera-lhe o fidalgo, que mereces a minha estima. Ficarás nesta casa como criada, se quiseres ficar; és livre, resolve como entenderes.

— Fico, sim, meu senhor. E muito agradecida a s. ex.^a.

Isto respondeu a Tomasia pondo os olhos no chão, para ocultar as lágrimas que acudiram a embaciá-los.

A vantagem de posição que o fidalgo lhe oferecia lisonjeava-a tanto, quanto a contrariava perder desde esse momento a facilidade de andando na serra com a manada poder avistar os contornos longínquos da Bolhosa a perderem-se no horizonte.

D. Rodrigo mandou o feitor em missão confidencial a Ensalde saber se a Tomasia de Ral tinha falso verdade.

A resposta foi afirmativa, e aumentada com a no-

tícia de que toda a gente lá supunha que a rapariga se havia afogado na lagôa da Chã, e que um enjei-tado, o João Sabino, apaixonado por ela, lhe seguiro o exemplo.

— Tanto melhor! pensou D. Rodrigo. Assim, ao menos, não virão desinquietá-la aqui.

Este pensamento traía, no fidalgo, o interesse que êle principiava a sentir por essa camponesa insinuante, que denunciava nos seus brios e nas suas lágrimas uma alma delicada.

Espírito doce e melancólico, D. Rodrigo ficou encantado de encontrar um diamante enl bruto no coração daquela mulher; e acariciou a ideia de que a educação poderia lapidar o diamante, facetá-lo como um joalheiro.

Indole totalmente oposta à de seu pai, não era pelo prestígio da autoridade, e menos ainda pela violencia, que êle quereria ganhar um triunfo amoroso. Iniciaria a educação sentimental de Tomasia fazendo-lhe compreender que era amada, e carinhosamente a levaria até vencer-lhe o coração, arrancando ao diamante polido uma centelha de paixão sincera.

Era a Tomasia quem servia à mesa do fidalgo, e êle parecia divertir-se muito em ensinar-lhe os usos da etiquêta, sujeitando-a afavelmente a uma agradável aprendizagem, que tambem a divertia a ela, sobretudo quando se enganava no que devia fazer.

Tomando a sério o seu novo papel, Tomasia comprehendeu que devia pôr o melhor lenço e vestir a saia melhor quando chegava a hora do jantar do fidalgo.

D. Rodrigo notou o facto, e apreciou-o como grato sintoma de que o diamante principiava a polir-se.

E o certo é que a Tomasia não o fizera por malícia, mas por um espontâneo impulso de consideração e reconhecimento para com o fidalgo, seu afectuoso protector.

Como é uso no Minho, a rapariga, apesar do esmôro do vestido, servia à mesa com as mangas da camisa arregaçadas, deixando a descoberto os braços esculturais, que o ardente sol dos campos jámais tinha podido queimar.

A maciez branca da pele e o boleio carnudo da polpa impressionaram o senhor de Boivão, como já tinham impressionado João Sábino no linhar de Ensalde, mas por modo diferente.

O camponês sentira o cio do fauno hirsuto, que se arremessasse através das puas dos espinhais para laçar a Galatéa esquiva, e subjugá-la.

O fidalgo era um poeta de vinte anos, amenamente voluptuário, que contemplava a Galatéa com o amoroso enlevo de um artista, apaixonado, como Pigmalião, pela estátua em que via despertar e palpitar uma alma de mulher.

Muitos anos depois, um pagão do Meiodia, banhando o espírito nesta onda de luminoso helenismo peninsular, que nos emociona perante os esplendores da beleza artística, traduzia no verso o que o fidalgo de Boivão sentia quando contemplava os braços nus da Tomasia de Ral:

Nem arte grega, nem cinzel imita
A perfeição d'esses teus braços nus
Em cujas veias teu amor palpita!
Se um dia no recosto d'esses braços
Quizeras descançar meus hombros lassos...
Jesus! ¹

Pelo fim de Julho, pouco mais de um mês depois daquela manhã de S. João em que a Tomasia de Ral fôra surpreendida no banho como a Suzana da Bíblia, já ela não sentia a dura opressão da saudade, que tanta vez, como uma asfixia que subisse do coração, lhe tinha estrangulado a voz na garganta.

Na mulher ou no homem, a felicidade atinge um egoísmo suino. Fénelon disse algures: *La patrie du pourceau est partout où il y a du gland*. Esta frase não é menos verdadeira quando aplicada, numa translação subjectiva, ao coração humano.

A Tomasia de Ral, logo que principiou a sentir-se amada, tinha o rosto mais enxuto do que as barbas de Ulisses sempre que êle recordava, chorando, os rochedos agrestes da sua remota Ithaca.

¹ Simões Dias, *Peninsulares*.

VI

Na serra de Valença, entre penedias desgrenhadas, embrenha-se melancolicamente o antigo mosteiro beneditino de S. Fins de Friestas, com o seu interessante templo em cujos capiteis abundam figuras de animais ingenuamente esculpidas, e o seu adro solitário abobadado pela densa ramagem de sobreiros e carvalhos seculares.

O aspecto da natureza é ali profundamente rude e austero, raras vezes uma vibração de vida passa varrendo a solidão alpestre, a não ser o uivo do lobo esfomeado e o gemer angustioso do vendaval, que se dilacera nas arestas das penedias ou turbilhóna ululante pelas íngremes quebradas fragosas.

O sino da igreja apenas uma vez por ano acorda do seu longo sôno para cantar um repique festivo em honra do orago, S. Félix mártir, cuja romaria se realiza no primeiro domingo de Agosto.

Então o enxame dos romeiros marinha pelos invios algares da serra, porque essa romaria é das que maior devoção inspiram aos povos do Alto Minho e da Galiza, que, maus vizinhos por odio velho,

fraternizam nesse dia a impulsos de uma piedade identica e de uma cándida superstição comum.

Como sempre, berravam jucundamente, aquêle ano, as côres vivas nos fatos das camponesas minhôtas: lenços encarnados e amarelos, capota cinzenta ou jaleco azul, algumas em colête com os fó!hos da camisa arrendados no pescôço e nos pulsos, saia curta e bordada na crla, avental de linho com riscas longitudinais vermelhas e verdes, cordões e pingentes de ouro, *corações* lavrados, caídos sobre o seio entufado como o papo de uma rôla.

Rivalizavam no colorido flamante do vestuário as galégas com as minhôtas, principalmente nas tintas ásperas dos lenços que traziam atados na cabeça ou encruzados no peito. Algumas saias eram, porém, menos variegadas que as das mulheres do Minho; havia-as pretas e curtas. Tambem apareciam raros exemplares do traço antigo da Galiza, conservado apenas na tradição puritana das montanhas: o cabôlo metido na coifa de malha branca, que se acairelava de ribetes escarlates; colête de pano verde brochado por alamares de veludilho preto, saia de percal e mantéu côr de tabaco, apanhado nos braços.

O sentimento religioso aquietava as rivalidades de fronteira, que de quando em' quando expludem em conflitos armados.

Todas aquelas mulheres, oriundas de nações vizinhas mas independentes, eram contudo igualadas pela comunhão dos hábitos de laboriosidade agricola, pela louçania dos trajes garridos e vistosos, pela

semelhança prosódica do vocabulário, pela credulidade supersticiosamente tímida e hereditária, e por esse instinto poético, vago e confuso, que minhôtos e galégos receberam dos celtas e sobrevive ainda na terna ingenuidade sentimental dos cancioneiros populares da Galiza e do Minho.

Os homens de uma e outra nação mesclavam-se no aspecto geral da romaria, mas diferenciavam-se, ao perto, pela separação espontânea dos grupos em que se enaipavam e divertiam.

Minhôtos de chapéu redondo, jaqueta sobre o ombro, camisa ao vento, varapau na mão; galégos de *montera*, jaleca e polaina, entre os quais aparecia, picante de originalidade, um ou outro *charro*, o taful serrano, que veste de veludo e rendas, e desce das suas montanhas num cavalo pomposamente ajaezado à moda antiga de Castela.

Aqui o português, ao zãozão da viola chuleira, travava desgarres em diálogo amoroso com a cachopa repentista, que no improviso lhe fazia dar água pela barba; além, a moçoila de Tuy soluçava, num quebro de voz dolente, a *muiñeira*¹, que terminava por um *aturuto* explosivo e agudo.

As filarmónicas do concelho de Valençá baralhavam as suas fífias e guinchos com a chiada rascante

¹ As *muiñeiras* (palavra derivada de *muíño*, moinho) são canções conhecidas em toda a Espanha pelo nome de «galegadas».

das gaitas-de-fole e o ribombo floreado dos tambores calaicos.

O arraial apojava na interneira ensurdecadora que resultava da fusão das aptidões líricas de dois povos vizinhos e congéneres.

A Tomasia de Ral apeara-se da sua égua boiúna, que um criado de Boivão prendera ao tronco de um sobreiro, e em companhia de duas mulheres da Retorta, antigas caseiras do fidalgo, a cuja guarda êle a confiára, foi direita à igreja para fazer oração ao milagroso S. Félix mártir.

Elá queria rezar, tinha de certo alguma coisa que pedir, intrometendo o santo nos segredos da sua vida íntima: talvez que devotamente lhe encomendasse a mercê de fazer que o sr. D. Rodrigo Pacheco se tornasse cada vez mais cego do amor que ela lhe inspirára.

Mas o que sobretudo desejava era arejar a sua vaidade de mulher amante e amada, o seu orgulho de escrava liberta e triunfante, apregoar-se feliz por montes e vales, deslumbrar, à luz do sol, algum romeiro de Ensalde, que certamente ficaria assombrado de a ver transformada em princesa de Boivão.

E era justamente isto o que o fidalgo tinha querido evitar. Receava complicações, que pudesssem perturbar esse terno idílio em que êle vivia desde que uma boa fada mandara ao seu encontro essa atraente camponesa de Ral, em que todos os dias se ia aquilatando uma alma inteligente e apaixonada.

Mas D. Rodrigo estava no período de astenia

psíquica, de obcecação amorosa, que não sabe resistir a um capricho da mulher amada. Principiara por opôr-se; acabou por ceder.

E a Tomasia partira na sua égua boiúna, em triunfo, radiante de felicidade e de orgulho, vergastando altivamente as amoras dos silvedos, como Tarquinio Soberbo decepava as cabeças das papoilas.

A' saída da igreja, parou encantada com as folias galégas, que eram para ela quase uma novidade.

As caseiras do fidalgo bem lhe diziam que devia ir visitar a ermida de Santo Ovidio, ver as *télhas furtadas* que os romeiros lhe levam, e auscultar aquela rocha côncava que ressôa como um búzio.

Mas a Tomasia estava enlevada na *muiñeira* que uma guapa mocetona de Tuy espremia docemente entre uns labios vermelhos como o coral, e parecia vibrar de entusiasmo ibérico quando a troveira cortava de estridentes trilos de *aturuto* uma canção que glorificava os lugares célebres da Galiza:

Tres cosas hay en Orense
Que no las hay en España:
El santo Christo, la puente
Y la Borga hirviendo el agoa.

Tambem, ao ouví-la, a Tomasia de Ral estava *hirviendo* como as caldas da Borga, que nascem zoando numa alta temperatura de fornalha.

Aquilo é que era viver, pensava ela, palpitante da alegria de uma festa onde a vida golfava, da fusão de dois povos contentes, em volteios e descantes.

Chegou a ter dó dos seus patrícios de Ensalde, que ainda não tinham visto senão as romarias de Coura, escravos do vessadouro e da espadela, e apenas iam em alguns domingos do ano dançar monotonamente a *Caninha verde* em torno de qualquer ermida engalanada.

Foi nesse enlevo de felicidade que a surpreendeu a sua patricia Terêsa Linheira, a qual trazia pela mão um filho de quatro anos amortalhado num hábito de paninho côr de rosa.

— Cruzes, canhôto !! exclamou a Linheira. És tu mesma em carne e osso ?! Então não te deitastes a afogar na lagôa da Chã !?

A Tomasia de Ral respondeu-lhe com uma sonora risada. Esse encontro enchera-a de satisfação : tinha, finalmente, aparecido, como ela tanto desejava, uma pessoa de Ensalde, para testemunhar a sua ventura.

— Quem te meteu essa maluqueira na cabeça, ó Terêsa!? Pois vocês imaginavam que eu tinha morrido!? Que diziam a isso os meus pais ?

— Correu essa fama, que tu mai-lo João Sabino se tinham ido afogar ambos e dois.

— Ambos e dois! repetiu com desdem a Tomasia. Ambos e dois é muita gente... Então o João Sabino tambem desapareceu ?

— Por tua causa, cachopa! Mas agora juro eu que êle está tão vivedouro como tu, porque ainda não há uma hora que o vi com estes que a terra há de comer. Tu não o encontrastes ?!

E a Tomasia, muito pensativa, respondeu :

— Não encontrei. Ele está cá ? !

Sentia-se lisonjeada, orgulhosa de que dois homens, um fidalgo, outro plebeu, estivessem apaixonados por ela.

— Vi-o eu. O pobre rapaz contou-me que tinha fugido para Valença com tenção de assentar praça no 7 de caçadores. Por tua causa não queria mais saber de Ensalde. Mas como há já dois anos que o sr. administrador o livrou de soldado, não o quiseram aceitar na tropa sem tornar à junta. Teve de ir a Viana, onde o deram por fero,¹ e agora veio para o 7 e anda na recruta. Ora uma coisa assim ! exclamava a Linheira fitando a Tomasia. E dizer que teus pais andam de luto e que a Rita de Parada teve de fazer penitência com grilhões a rastos para que Deus Nosso Senhor lhe perdoasse a tua morte mai-la do João Sabino !

— Os meus pais... coitados ! E a Rita !... coitada dela ! Quem foi que lhe deu esse castigo ?

— O nosso abade, mulher !

— Pois diz lá que estou viva e escorreita e que podem quitar o dó.

— Perfeitaça e tafula, benza-te Deus ! Eu ouvi dizer que tinha chegado ao arraial uma rapariga de Ensalde que era amiga do fidalgo de Boivão...

Tomasia agarrou o braço da Linheira, para que se calasse. Mas as duas caseiras do fidalgo não ti-

¹ Forte, robusto.

nham ouvido, porque estavam a fazer perguntas ao pequenito, o qual lhes explicava que vinha cumprir a promessa que a mãe fizera a S. Félix, visto como fôra mordido por um cão que parecia danado.

E' uma das especialidades milagrosas de S. Félix, a de preservar da hidrofobia.

— Fala mais baixo, disse à puridade a Tomasia, porque estas mulheres podem ouvir-te.

— Já percebo. Olha, cachopa, uma nódoa cai em bom pano, e se tinhás de perder-te — filosofava a Linheira cochichando sentenciosamente ao ouvido da Tomasia — melhor foi que te perdesses com o filho do que com o pai, que é velho e tem cabelos no coração.

— Eu não estou perdida! respondeu a Tomasia repelindo o adjectivo, que lhe não soara bem.

— Conta-me lérias! continuou, muito solerte, a Linheira. Não que eu quis vêr quem era a rapariga de Ensalde, que toda sécia tinha chegado a cavalo numa égua, e saístes-me tu!...

— O sr.^º Tomazinha! exclamou uma das caseiras. Olhe quem acolá vem!

Era D. Rodrigo Pacheco, que chegava montado no seu baio lobeiro, e que vinha expressamente com o fim de seguir a Tomasia, cuidadoso de que ela pudesse encontrar alguém de Ensalde.

Tomasia despediu-se da Linheira, mas o fidalgo ficou inquieto ao verificar que se tinham realizado os seus receios.

— Pois podes lá dizer, recomendou a Tomasia à

Linheira de modo que o fidalgo a ouvisse, que sou a mulher mais feliz deste mundo.

Esta frase foi uma imprudencia, que mais ainda incomodou o fidalgo.

Ao fim da tarde, quando a Tomasia saiu do arraial, D. Rodrigo emparelhou o seu baio com a égua que ela montava.

O fidalgo, loucamente apaixonado, mas apreensivo e receoso, ia calado e triste. Ela sorria radiante de felicidade e orgulho.

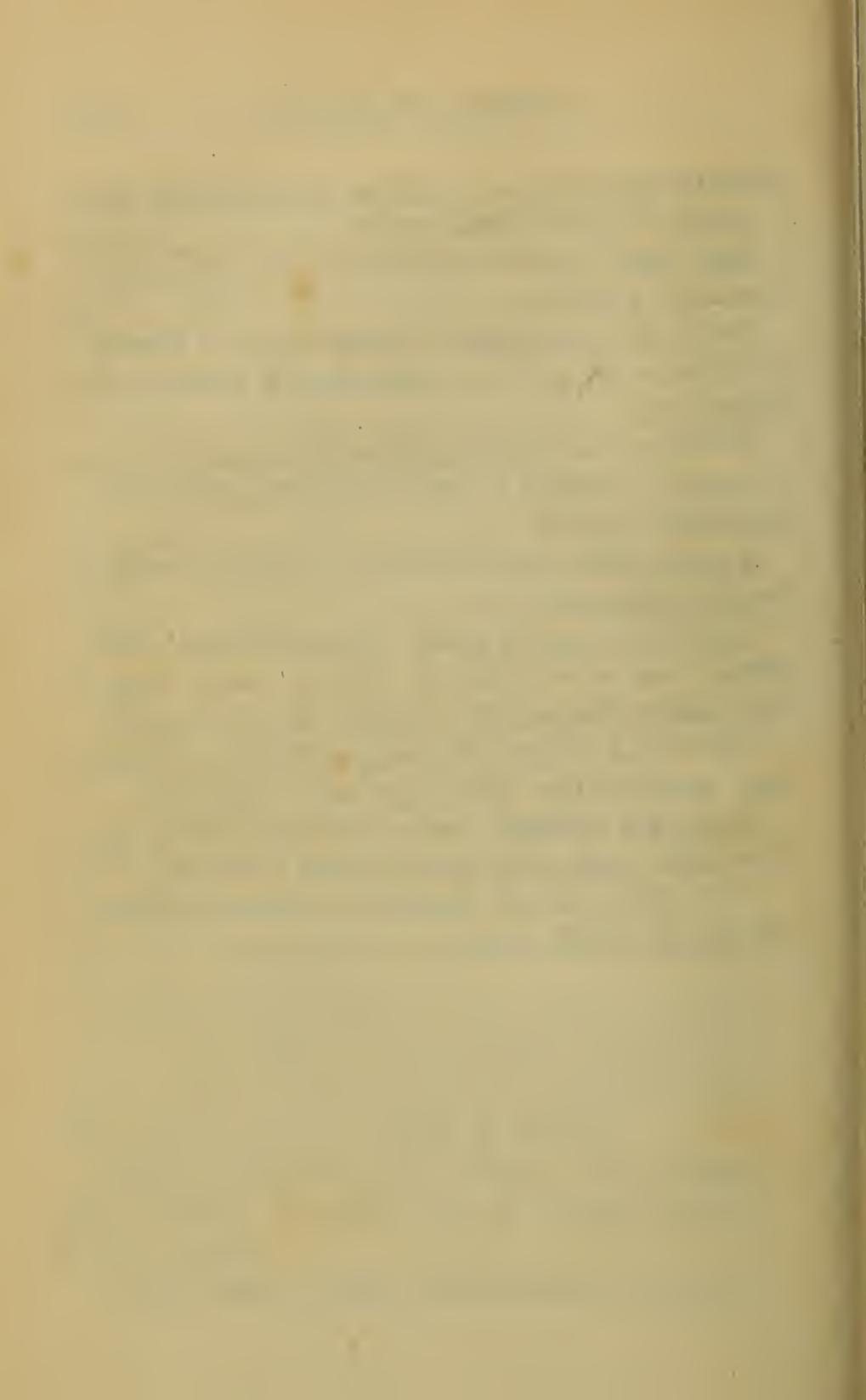
A meio caminho encontraram um grupo de soldados de caçadores 7.

Tomasia fez reparo neles, e reconheceu o João Sabino, que, ao reconhecê-la também, parou fulminado como se tivesse visto uma alma do outro mundo.

Floreando a chibata, Tomasia vergastou a anca da égua, que atirou um salto e apressou a andadura.

E um dos soldados berrou zombeteiramente ao João Sabino, que ainda estava parado e absorto :

— O' diabo ! Já vais derreado da marcha ! olhem que grande soldado este !



VI

Foi no dia seguinte que se espalhou em Ensalde a inesperada notícia de que a Tomasia e o João Sabino estavam vivos e sãos, ela na casa de Boivão, êle no quartel de caçadores 7 em Valença.

Ora é força confessar que esta notícia causou muito menos sensação do que o falso boato de que ambos se tinham ido afogar na lagôa da Chã.

A opinião pública comenta com maior interesse as grandes catástrofes do que os acontecimentos felizes, seja porque a sensibilidade humana vibre mais facilmente pela dor que pela alegria ou porque a inveja inata ao espírito da vil humanidade o torne cioso das felicidades alheias.

E, todavia, a Terêsa Linheira, com a natural tendência do povo para a hipérbole, figura de retórica que nasce espontâneamente fantasiosa nas arengas de soalheiro, avultara as louçanias que a Tomasia tinha encontrado no solar de Boivão, pintara-a com o fausto de uma princesa que tivesse deslumbrado os romeiros do arraial de S. Félix, o Minho e a Galiza.

E, segundo o vezo fatal da humanidade, a Linhei-

ra procurara logo ferir a tecla sentimental, que mais podia impressionar os seus ouvintes, lamentara a sorte do João Sabino, que, por desastrosa coincidência, tinha de assistir à desvergonha com que a Tomasia se exibia manceba do fidalgo de Boivão.

As primeiras pessoas a quem a Linheira o contou foram os pais da Tomasia.

A mãe, que lá chamavam a *Choca*, por andar sempre adoentada, chorou; mas conformou-se depressa dizendo: «Um pé escorrega a muito boa gente.»

O pai não chorou, mas exclamou com desalento: «Não foi pra isso que eu a criei.»

A mãe replicou sentenciosamente: «Home! ninguém foge ao seu destino.»

E o pai, pusilânime escravo de gleba, num país onde o moiro deixou a tradição do fatalismo e onde os proprietários de retalhos de terra se escravizam quase feudalmente aos grandes proprietários, concordou submisso: — Assim é, mulher.

Pareceram chegar ambos à conclusão resignada de que o melhor genro de contrabando é aquele que pode pagar generosamente os estragos que fez.

Daí a dias disse a *Choca* ao marido:

— Home! estou com vontade de ir vêr a nossa filha.

E o Bento de Ral respondeu-lhe:

— Primeiro vais tu; eu irei para a outra vez.

Era a hora da Rita de Parada lavar no rio Coura, com o mulherio da terra, quando lá chegou a noticia.

— Vêdes vós que eu estava inocente! exclamou ela vitoriosa.

E as outras, muito matreiras, calaram-se.

A Linheira contou tudo, pormenorizando o ouro que a Tomasia levava ao pescoço, e a galhardia da égua boiuna em que aparecera no arraial.

Uma das mulheres observou:

— Há diabos que têm sorte!

E logo outra confirmou:

— Pois é mesmo! aquela feduncia, cheia de não-presta, guardava-se pra comer bons bocados!

Uma terceira mulher ironizou num saracote arqueando os braços e espalmando depois ambas as mãos:

— Toda ela era não-me-toques! e vai senão quando saiu pior do que as oitras.

A Linheira passou a contar o que sabia a respeito do João Sabino, que tambem tinha encontrado no arraial.

A Rita ouviu-a calada, mas o ciume estomagava-a. Estando êle ao pé da Tomasia, certamente havia de reavivar-se a sua grande paixão por ela, uma felizarda, que não chegava para as encomendas. Sentiu-se despeitada, e lembrou-se do Lelo, a única pessoa que a tinha tratado afectuosamente quando toda a população de Ensalde a repelia, e que jámais deixara de dizer-lhe onde quer que a topasse: «Cachopa, tu has-de compreender um dia que te quero cá de dentro do cascabulho.» Era como se dissesse: «Do fundo do coração.»

Onde estaria êle, o Lelo? preguntou a si mesma a Rita de Parada. Queriavê-lo, apresentar-se deante

dêle completamente reabilitada da culpa que injustamente lhe haviam atribuido. Foi pôr em casa a roupa lavada, e saiu para ir procurar o Lelo.

Em caminho da igreja, ouvindo as três badaladas do meio dia, disse consigo mesma:

— Bem! o Lelo está na fôrre.

Deitou a correr para o encontrar. Quando ela chegou, vinha êle a descer.

— O' ti'Lelo! gritou ofegante a Rita, então já sabe a notícia que a Linheira trouxe ?!

— Já sei, rapariga, respondeu êle com alegre malícia. Nanja eu que acreditasse no carrêgo que te punham. Bem sabes como sempre fui teu amigo quando toda a gente te virava a cara.

— Isso é verdade, ti'Lelo.

— E' porque tu, bem sabes, não me sais do bestunto. Ora espera! apostrofou êle com mais radiosa fisionomia. Hoje deve ser dia de festa cá na terra. Vou dar um repique em tua honra para fazer pirraça a toda esta canalha de Ensalde.

A ideia do repique agradou à Rita como demonstração de júbilo público pela sua reabilitação.

Mas retrucou ela timidamente:

— E se o sr. abade se zanga ?

— Se se zangar, digo-lhe que repiquei em honra de Nossa Senhora dos Anjos, que teve hoje a sua missa. E de mais a mais êle não tem à mão outra pessoa que saiba tanto latim como eu. Não te importes com o resto. Vou dar o repique; mas tu has-de vir vêr.

A Rita, desvanecido assim o seu receio, entrou e subiu dois degraus de pedra.

«Era uma boa partida!» ia pensando.

O Lelo, logo que ela entrou, fechou a porta da tôrre.

A Rita voltou-se, e perguntou:

— Então vómcê fecha a porta?!

O sacristão respondeu:

— E' por causa dos mocitos, que sobem pela escada acima, quando me ouvem repicar. Esta zaragilha pequena é levada da breca.

A Rita acreditou, e subiu. O Lelo, atrás dela, aproveitava as vantagens da sua posição regalando os olhos na admiração gulosa de umas colunas, que não eram precisamente as de Hércules.

Chegados ao campanário, disse êle á Rita:

— Ora tu vais vêr o que é um repiquezinho tangido por mão de mestre.

E começou a fazer adejar o sino num volteio festivo, forte e rápido.

O abade, muito espantado, veio à janela e gritou:

— O' Lelo! ó Lelo! que novidade é essa agora?!

O Lelo não o podia ouvir. Mas o repique cessou. O abade ainda ficou à espreita a vêr se o Lelo descia da tôrre, e não o viu saír.

.....
Um dia Henrique IV, o *vert galant* coroado, estando em Meulan, soube que o duque de Mayenne, chefe da Liga, viera acampar ao alcance de um tiro de peça.

— Ah ! êle ainda se lembra da *journée d'Arques* ! exclamou Henrique IV. Pois nós lhe responderemos.

E quis subir à tôrre de Saint-Nicaise para vêr se descobria as posições ocupadas por Mayenne. Não se sabia do sacristão para abrir a porta, mas apareceu uma airosa mocetona, que foi buscar a chave.

Logo que chegou ao alto do campanário, Henrique IV disse aos dignitarios da côte que descessem e esperassem. Mas a garçoa, que era filha do sacristão, recebeu ordem do rei para ficar, a fim de esclarecê-lo sobre as comunicações com o acampamento do inimigo, ou quaisquer assuntos confidenciais.

Os fidalgos esperaram, aborrecendo-se. Henrique IV apenas se lembrou de descer, quando um canhonaço dos sitiantes levou alguns degraus da tôrre. Mas então já não era fácil a descida, e o rei teve de escorregar agarrado à corda do sino. Entretanto chegava uma escada-de-mão, que se tinha ido procurar, e que serviu ainda para a rapariga descer. Quando ela punha o pé no chão, outro canhonaço de Mayenne arrasou a cúpula do campanário.

Decididamente, não há nada novo debaixo do sol.

O Lelo era o *vert galant* de Ensalde, o feliz Henrique IV da Bolhosa.

VIII

A *Choca* levou dois dias e duas noites a pensar na estranha aventura da filha.

Examinava o assunto sob todos os aspectos. Mas, depois da combinação que fizera com o marido, não quis propositadamente tornar a falar-lhe na Tomasia, com receio de que êle, que de vez em quando soluçava como atribulado por um pensamento doloroso, se arrependesse de a deixar ir a Boivão. Conhecia-lhe o carácter fraco, timido e apreensivo; receava que reconsiderasse de motu próprio ou arrastado pela murmuração do povo.

Fechava-se, pois, em si mesma a pensar na filha, ponderando os prós e os contras da situação em que a Tomasia se colocara. O seu espírito era uma como balança, em que os prós desciam e os contras subiam. Foi melhor, pensava ela, que a cachopa caísse por mancebia nas mãos de um fidalgo rico do que pelo casamento nas do João Sabino ou outro qualquer pobretão, dos que não tinham eira nem beira. As bôcas do mundo falavam por inveja e sempre tinham que dizer. São como as ventoínhas, que

a menor viração faz cantar, mas que tão de pressa se voltam para o norte como para o sul. Fala-se hoje numa coisa; amanhã noutra. A maledicencia fazia impressão ao marido; a ela, tanto se lhe dava como se lhe deu. E contudo era honrada, pertencia ao número dessas mulheres impecáveis que ordinariamente teem por maridos homens cobardes, frios, e medrosos. Não podendo encontrar neles um defensor e um guia, defendem-se e guiam-se elas a si mesmas.

Além daquelas razões de alta filosofia experimental que tranquilizavam o espírito da *Choca*, uma outra havia, que pesava mais que todas: a fatalidade do destino. Era fado; tinha que ser. Tanto valia gritar contra as desgraças que acontecem como querer atirar pedras ao céu. E' esta a lei histórica aceita pelo povo português, quer proviesse de herança moçárabe, quer de uma eterna idiopatia comum a todas as raças. Chame-se Providência, como queria Bossuet, chame-se fatalidade cega, como queria Voltaire, há uma força misteriosa, que determina os acontecimentos humanos: o povo reconhece-a, e submete-se-lhe resignado.

A mãe de Tomasia achou prudente precipitar a sua ida a Boivão; não viesse o marido com algum obstáculo.

Três dias depois que a notícia rebentou em Ensande, a *Choca* levantou-se mais cedo, ainda de noite. Parecia-lhe conveniente sair de casa antes do sol, para não ser vista. O marido sentiu-a fatigear na arca, que é o guarda-roupa das aldeias.

— O que é isso ? ! preguntou êle, de rijo, sobressaltado.

— Não barregues, Bento. Sou eu que vou a Boivão vêr a cachopa.

— Que mosca te mordeu, com o sol ainda em casa de Deus !

-- Não mordeu mosca nenhuma. Sou mãe ; quero r ver a minha filha. E melhor é que os vezinhos me não enxerguem.

O marido ia a pouco e pouco sentindo aclarar-se-lhe a razão. Sentou-se na cama, esfregou os olhos, e disse :

-- A modo que me parece ainda cedo para lá ires deixa passar mais uns dias...

— Isso é bom de dizer. A cachopa voltou do outro mundo, ressuscitou como Cristo Nosso Senhor — Deus me perdôe a heresia — e tu ainda queres que eu não vá vê-la ! E' pra já; ando aqui à procura do meu lenço de lã.

O marido esteve mais algum tempo sentado no leito ; depois tornou a deitar-se, sem dizer palavra.

— Olha — recomendou-lhe a mulher enquanto revolvia o interior da arca procurando o lenço — se alguém préguntar por mim, responde que me deu a dórr do costume.

Pouco depois sentiu-se trapear um pano, como bandeira batida pelo vento ; era o lenço que a Choca sacudia para desdobrá-lo. Pusera-o na cabeça, passando-o ao redor da testa, dando-lhe um nó sôbre a nuca, e deixando-lhe as pontas caídas nos ombros.

Em palmilhas, com os tamancos na mão, levantando cautelosamente a pequena aldrava da porta, disse ao marido:

— Adeus. Se eu me demorar, não tenhas cuidado.

— Vai com Deus, respondeu êle tranquilamente. Encosta a porta, que daqui a migalha é dia.

O Bento arrancou do peito um fundo suspiro, e voltou-se contra a parede. Passava-lhe pelo espírito a visão da filha prostituida. Fechou os olhos como a chamar o sono, que faz esquecer todos os desgostos. Mas o sono não veio. Como o fio de um cutelo, que corta rápido e fundo, passou-lhe pelo coração a tristeza de não a ter levado à igreja, num dia festivo de casamento de aldeia, sob a metralha de grossos confeitos muito duros e de malmequeres desfolhados, na aleluia de um repenicar estrídulo de sino, cantante como a voz de uma cigarra ao sol. Depois essa dor muito aguda, que parecera golpear-lhe a alma, foi-se atenuando na brandura de pensamentos suavemente tristes: lembrava-se da Tomasia pequenina, chorando de noite, com dorzinhas, dizia a mãe. E êle então levantava se, passeava-a nos braços, conchegando-a ao peito, aquecendo-a com o hálito, como se a tivesse encontrado exposta ao frio da serra. Via-a ir-se aquietando, estremecendo ainda de momento a momento, abrindo os olhos, para cerrá-los logo, até descair num sono doce como de passarinho. Muito geitoso, pousava-a no leito, onde a mãe, quasi a dormir, parecia estender maquinamente o braço, encurvando-o para lhe contornar a cabeça,

sem contudo lhe tocar. E o Bento tornava a deitar-se contente da sua canseira, como lhe acontecia quando à noite, fatigado, voltava de cavar a terra, que devia florir e frutificar pelo seu trabalho.

Lentamente, todas essas recordações saudosas se diluiram como dissolvidas num vago pensamento, que principiou a invadir-lhe a alma, acentuando-se cada vez mais: pena de não ter ido com a mulher vêr a filha, esquecendo e perdoando.

Saltou do leito, vestiu-se à pressa, para, alentado pelo ar vivificante da manhã, ir trabalhar, pisando no campo, a golpes de enxada, a dureza do torrão e do destino.

Para os que trabalham na lavoura, a aurora é uma fada, vestida de luz, que vem todos os dias oferecer-lhes, num raio de sol, um almôço espiritual. Os operarios da cidade estimulam o organismo bebendo logo de manhã um copinho de aguardente: *matam o bicho*, diz o calão. As classes poderosas da sociedade tomam no leito uma chávena de café ou chocolate. Mas o trabalhador dos campos, sóbrio e espartano, refaz-se nas primeiras horas do dia a tragos de luz e ar fresco — esse ar vivo e picante que passa através dos ramos verdes impregnando-se de aromas acres e de orvalho em perolas.

Quando naquela manhã o Bento de Ral atirou a primeira enxadada à terra, parecia um coveiro que quisesse enterrar num fôsso muito fundo os seus próprios pensamentos, que o torturavam, porque nunca

pensara tanto, nem tão preocupadamente, como nessa poucas horas.

A *Choca*, apesar de engoiada e molenga, meteu-se ao caminho com uma intrepidez de recoveira. Dir-se-ia que a filha estava puxando por ela para Boivão, tal era a rapidez e firmeza dos seus passos. Pequenina e magra, desaparecia na estrada como essas figurinhas que marcham velozmente num teatro de *mariionnettes*, sem levantar os pés do chão.

Quando ia subindo a avenida dos plátanos, na quinta dos Pachecos, o coração batia-lhe ruidosamente como um despertador no peito. Ela abafava. Receava não poder falar; experimentava a voz querendo tossir à força.

Encontrou no pátio do solar uma criada, que tinha ido prender os cães. Perguntou-lhe pela Tomasia de Ral, que desejava vêr. Não disse quem era; queria fazer uma surpresa à filha. A criada olhou para ela, mediu-a de alto a baixo, sem responder palavra e, como quem foge a uma situação embaraçosa, desapareceu por uma porta, que deixou aberta.

A *Choca* sentou-se num degrau da escada de pedra, a olhar fixamente na porta por onde a criada saira. Esperava que a filha viesse dali. Mas o tempo fôra passando, e não tornara a aparecer mais ninguém. Ao cabo de uma hora de espera, a *Choca* impacientou-se e pôs-se a bater palmadas na porta, chamando. Veiu então a Ovaia, «segunda mãe» do fidalgo, que fingiu não saber o que se tinha passado, e que perguntou:

— O que quer vossemecê, santinha ?

A *Choca* respondeu entaramelada :

— Eu queria falar à *Tomasia de Ral*.

— A sr.^a *Tomasia* não está cá, respondeu *Ovaia* serenamente.

A *Choca* ficou surpreendida, num espasmo de assombro. Só passado alguns instantes cobrou forças para dizer :

— Não está cá ! Mas a *Teresa Linheira* viu-a na romaria de S. Félix e foi mesmamente a *Tomasia* que lhe contou onde estava.

— Essa tal *Linheira* mentiu. Não está cá.

— Mas então, exclamou a *Choca* numa explosão aflitiva de lágrimas, onde é que está a minha filha ? !

— Ah ! vossemecê é a mãe da sr.^a *Tomasia* ! Pois não sei que lhe diga, nem que lhe faça.

— Sou a mãe, sou — dizia a *Choca* soluçando — e vinha para lhe dar um abraço, que já há muito tempo que a não vejo.

— Bem entendo. Vossemecê vinha talvez buscá-la para a levar consigo. Pois não está cá.

— Não vinha buscá-la, não, senhora. Vinha vê-la, meter-lhe as costelas dentro com um abraço, porque eu, no fim de contas, sou mãe, e tenho muitas saudades dela, que é o sangue do meu sangue. Mas que hei-de eu fazer agora, sem saber onde pára a minha rica filha ! ?

Tendo explorado as intenções pacíficas da *Choca*, disse-lhe *Ovaia* :

— O que vossemecê deve fazer é entrar, descansar e comer alguma cousa.

— Eu tenho lá vontade de comer! O que eu queria era vêr a cachopa, e mais nada.

— Mas esperando vossemecê, talvez que algum criado cá da casa saiba dizer para onde é que foi a sr.^a *Tomasia*.

Esta proposta era tentadora, e a *Choca* aceitou-a como um último vislumbre de esperança, a que lançava mão para não morrer de angústia.

Entrou numa vasta quadra ladrilhada de seixos, e mobilada apenas por um longo banco de carvalho, em cujo espaldar de alto recorte tintas pálidas, desbotadas pela antiguidade, coloriam frouxamente o brasão dos Pachecos, sublinhado por uma faixa coleante, em azul, com letras brancas dizendo: *Ave Maria gratia plena*.

Esteve algum tempo de pé, com a mão direita automaticamente pousada sobre o espaldar do banco.

De repente abriu-se ao fundo da quadra a grande porta verde, que dava entrada para o interior do palacio, e a *Tomasia* apareceu, radiante de alegria, numa fulguração de oiro novo, que brilhava em arrecadas e cordões, sobre a renda de linha, na gola da camisa.

A *Choca*, aturdida com a inesperada aparição da filha, ficou imóvel com a bôca aberta, respirando alto; e a *Tomasia*, correndo para ela, ria e chorava exclamando: «O' senhora mãe! vossemecê por aqui!»

Entretanto a grande porta verde conservava-se entre-aberta, para que alguem, que certamente estava

dentro, pudesse ouvir o que mãe e filha diziam. Depois da romaria de S. Félix exercia-se em redor de Tomasia uma vigilancia activissima; por ordem de D. Rodrigo Pacheco, os dragões guardavam o pomo de oiro no jardim das Hespérides.

O fidalgo arrependera-se de a ter deixado ir ao arraial, onde ela encontrara aquela linheira de Ensande, que teria dado com a língua nos dentes. D. Rodrigo previra a hipótese, mas não tivera coragem para resistir às instancias de Tomasia. O amor vencera mais uma vez a razão, como sempre acontece. Mas os sobressaltos do fidalgo cresceram de ponto depois que nas circunvizinhanças de Boivão tinha sido visto, por duas ou três vezes, um homem suspeito, que parecia um soldado à paisana, olhando muito para as janelas do solar.

Era João Sabino, a quem a súbita aparição da Tomasia, à volta da romaria, fizera despertar na alma um inferno de amor e ciúme. Ele, desde essa hora, amava-a tanto quanto a odiava, porque soubera no dia seguinte toda a verdade: que a Tomasia de Ral era a amante do fidalgo de Boivão.

Se a encontrasse casada com um camponês, ter-se-ia resignado. Mas exasperava-o vê-la afrontosamente vendida a um homem rico e nobre, num impudor de grandeza e ostentação que o esmagava a ele, pobre enjeitado, aldeão humilde, sempre repelido na sinceridade do seu amor tão desinteressado como ardente.

Quando se lembrava de a ter surpreendido no li-

nhar, no dia de S. João, branca e nua como uma estátua, com o esbelto corpo alvo e perfeito emperilado do bento orvalho da madrugada, uma alucinação de raiva, de desespero, de vingança e amor parecia requeimar-lhe o coração como frágua intensa e vivaz, porque era no leito do fidalgo de Boivão que esse apetitoso «caramelo» se derretia ao calor de carícias quentes e de beijos comprados.

Que a Tomasia era um «caramelo» sabia-o êle, o João Sabino, e guardara discretamente o segredo, num culto íntimo e pagão, que o endoidecia de voluptuosidade; mas outro homem sabia melhor do que êle como se funde um corpo de mulher branco de neve na gula febricitante do amor feliz.

O João Sabino confrontava o seu destino com o de Tomasia, e desesperava-se até ao frenesim: ao passo que ela era tratada como princesa no solar de Boivão, sendo hoje a amante do fidalgo e podendo ser amanhã sua mulher, êle, por não conseguir esquecê-la, tinha fugido de Ensalde e vestira a farda de soldado, andava de correias às costas a *servir o rei*, que é a escravidão mais temida pelos camponeses do Minho, amantes de liberdade como os pássaros.

Todos estes pensamentos se baralhavam em tropel no cérebro de João Sabino nas duas ou três vezes que fôra de Valença a Boivão, e andara rodeando, como um lebréu que fareja a caça, o solar dos Pachecos.

Nem êle saberia dizer a si mesmo se era o amor ou o ódio, que o atraía ali; se quereria ver aparecer

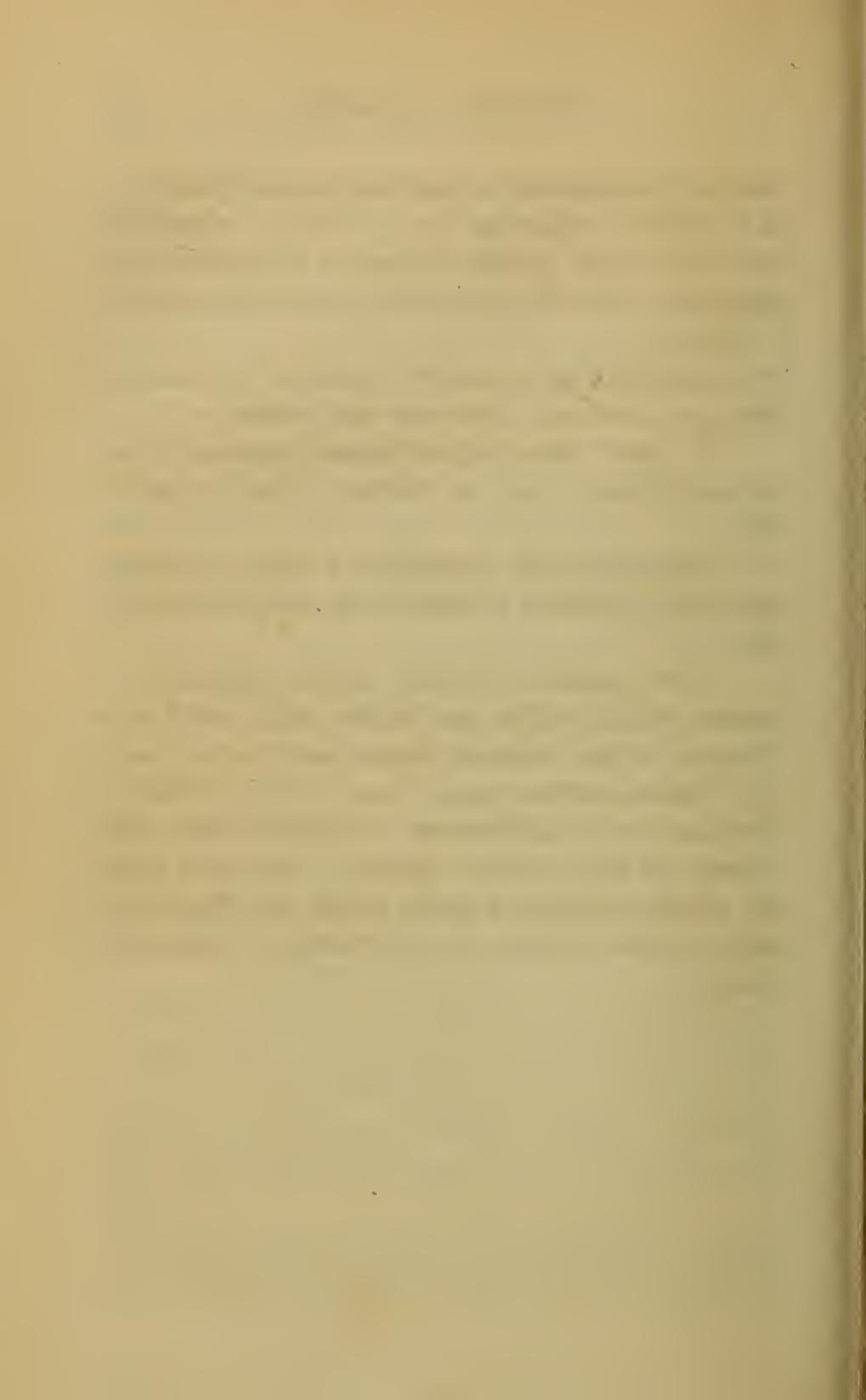
Tomasia casualmente a uma das janelas do solar ou se o avistá-la, ainda que fosse de longe, o amarguraria tanto como quando ela passou na estrada, vergastando a anca da égua boiúna no dia do arraial de S. Félix.

Os soldados de caçadores riam-se do João Sabino, por o acharem cada vez mais sombrio:

— O' diabo! dizia-lhe um, depois da romaria ficas-tes embuchado como se tivesses comido marmelo crú!

— Foste lá e não quebraste a *telha*! calemburava outro, aludindo à tradição das «*telhas quebradas*».

... Ora quando a *Choca*, na sua tagarelice expansiva, contou à filha que soubera tudo pela Teresa Linheira, a qual também dissera em Ensalde que o João Sabino sentara praça, e que o viu no arraial, a Tomasia, pondo rapidamente o dedo indicador sobre a ponta do nariz, intimou silêncio à mãe, para evitar um assunto perigoso naquele jardim das Hespérides onde o pomo de ouro era guardado por dragões vigilantes.



IX

O fidalgo de Boivão tinha dado ordens severas aos criados do solar: não entraria ninguem que viesse de Ensalde, a não ser a mãe de Tomasia, se por ventura viesse, como a filha esperava, porque lhe conhecia o génio afectuoso e indulgente.

As duas caseiras da Retorta, que foram à romaria de S. Félix, não haviam dado provas suficientemente abonatórias de esperteza e desvélo. D. Rodrigo escolheu a sua velha Ovaia para a prantar de vigia ao lado de Tomasia. Não queria que a gente de Ensalde viesse, com explorações e mexericos, perturbar, amesquinhar a suprema felicidade em que êle vivia na convivencia de uma camponesa, cujo espirito ia cinzelando, dia a dia, como um estatuário em êxtase.

Podia dizer-se que a Tomasia absorvia já toda a existencia de D. Rodrigo. Ele lembrou-se de ensiná-la a lêr, e ela aprendia com uma rápida perspicácia, cravando seus límpidos olhos nas letras do alfabeto, como para fixá-las com firmeza na memória. Na soleturação, a Tomasia de Ral principiava a fazer jogos malabares com as sílabas, juntando-as com a mes-

ma facilidade com que as separava. O fidalgo muitas vezes empregava o processo de escrever todas as letras de uma palavra intervalando-as com espaços em branco, como sentinelas perdidas em torno de uma ideia. Tomasia, guiada por uma intuição penetrante, ia buscando as letras, acasalando-as em sílabas, completando a palavra. Chamava ela a isto — render a guarda — visto que o fidalgo chamava às letras, assim dispostas, sentinelas perdidas. E riam-se ambos das comparações que faziam ; sobretudo, das alusões chistosas que ela encontrava de repente na morfologia alfabetica. Assim era que chamava ao O «cabeça ôca» ; ao C o «corcundinha» ; ao R o «rabo de raposa» ; e ao H a «letra do amor», pelo traço de junção que ligava as duas hastes.

A Tomasia de Ral foi de algum modo a predecessora de Lemare e Castilho na mnemonização do alfabeto pela alegoria...

O fidalgo, em cada lição de leitura e escrita, via hora a hora adejar para a luz essa viva inteligencia de mulher, acordada e impelida por êle, que se sentia lisonjeado e orgulhoso como um descobridor feliz.

As qualidades do carácter não eram superiores nem inferiores às do espírito : Tomasia mostrava-se dócil sem baixeza, amavel sem adulção nem acahnamento.

Compreendera maravilhosamente a sua posição no solar. Para o fidalgo conservava-se num discreto meio termo entre a fugitiva de Ensalde e a favorita

de Boivão, de modo que poderia transitar rapidamente de um papel para outro. Quanto aos criados, fizera-se aceitar, sem murmurações nem protestos, como sendo a primeira entre êles depois de ter sido a última — o que significa, dentro de qualquer classe, a mais difícil das conquistas.

Foi assim que a Tomasia de Ral conseguiu chegar e vencer. E, contudo, obtivera-o sem grande esforço de vontade, nem intencional artifício de usurpador disfarçado em peregrino. No dia da sua chegada a Boivão tomara apenas uma precaução única, obedecendo a um hábito tradicional muito arraigado entre o povo: entrar com o pé direito. Mas ia tão perturbada, que ainda chegara a pôr no primeiro degrau da escada de pedra o pé esquerdo, e às vezes, no meio da sua felicidade, assaltava-a esse preconceito, e um vago receio do futuro sobressaltava-a infantilmente.

D. Rodrigo Pacheco, arrependido de a ter deixado ir ao arraial de S. Félix, resolvêra faze-la guardar como um tesouro, e até essa reclusão carinhosa aumentava, no espírito romanesco do fidalgo, o valor da posse. Tambem os castelãos da idade-média defendiam a sua dama numa torre bem forte e bem alta, aonde não pudesse chegar as canções dos trovadores, nem os olhares dos cavaleiros aventurosos.

Recordando a história da Tomasia, o fidalgo de Boivão acreditava na predestinação amorosa das almas, porque essa encantadora rapariga parecia ter caído do céu para integrar a sua existencia. Mas, no temor dos felizes que receiam deixar de o ser,

lembava-se de que a Tomasia tinha fugido de Ensalde quando uma outra rapariga a acusava injustamente de lhe disputar o coração de João Sabino. D. Rodrigo até sabia o nome do rapaz, porque a Tomasia o declarara; ignorava apenas que tivesse sentado praça em Valença. Tomasia apavorou-se de fazer esta revelação pelo muito que inquietaria o fidalgo. E não se enganava. Ele preocupava-se com a possibilidade de qualquer loucura que pudesse praticar esse rival despeitado e bronco.

Depois da romaria, a Ovaia, na solicitude da sua espionagem, contava que um homem desconhecido já tinha passado duas vezes por deante do solar, olhando curiosamente para as janelas. D. Rodrigo recomendara-lhe muito que não dissesse nada a Tomasia, posto que um pormenor, observado pela Ovaia, afastasse um pouco do seu espírito a hipótese de que esse homem fosse João Sabino. O desconhecido, segundo a Ovaia informou, usava bigode e os camponeses do Minho não o usam. Contudo, se não era João Sabino podia ser qualquer espião mandado por ele, ou ele próprio disfarçado.

Um momento de reflexão fazia que o fidalgo perguntasse a si mesmo que direitos podia o enjeitado alegar para vir incomodá-lo na posse da Tomasia. Ela não só lhe não tinha feito promessas ou concessões, mas até o repelira sempre. Poderiam tê-la amado muitos homens, mas a honra, a virtude de Tomasia, quando ela chegou a Boivão, era como um pomo virgem, onde nenhum pássaro bicara ainda.

Fôra D. Rodrigo o primeiro a colhêr a flor da sua beleza, intacta e pura.

O fidalgo tranquilizava-se completamente quando, nos mínimos incidentes, reconhecia a dedicação da Tomasia. Ela mesma lhe contara o que disse a Teresa Linheira sobre o que se passou em Ensalde depois que de lá fugira, e, aproveitando a visita da mãe, pediu licença para mandar à Rita de Parada, a título de indemnização pela penitencia que o abade lhe impusera, um cordão de ouro, com a recomendação expressa de que não viesse agradecer-lh'o e guardasse segredo. D. Rodrigo vira apenas o aspecto simpático deste procedimento generoso, e dissera a si próprio: «Poucas fidalgas de raça seriam capazes de tão nobre acção!»

Quanto aos pais de Tomasia, não havia a recear reclamações. A mãe viera visitá-la, trazendo-lhe o seu perdão, concessão aliás vulgaríssima nas famílias rústicas do Minho.

D. Rodrigo, conhecendo os costumes da sua província, quis pagar a posse da Tomasia como se fosse uma dívida de dinheiro, e, por intermédio da filha, ofereceu à mãe vinte peças de ouro, que a Choca viu reluzir na palma da mão, fascinada num deslumbramento de sonho.

Mas todas essas generosidades do fidalgo e da amante foram causa de se contarem em Ensalde histórias fabulosas, hipérboles desmesuradas, glosando a riqueza em que a Tomasia vivia, e a paixão que o morgado tinha por ela.

A Rita de Parada recebeu o cordão depois de ter consultado o Lelo sobre se o poderia aceitar por vir da «mão de uma perdida».

Naquelas devotas regiões quem tem telhados de vidro não receia atirar pedras aos do vizinho. A mais desonesta mulher do campo indigna-se em público com a falta de honestidade das outras, sobre tudo se encontrou um director espiritual, padre ou sacrista, que lhe assegure que *«il y a avec le ciel des accommodements.»*

A Rita de Parada estava justamente neste caso, porque, sob a direcção espiritual do Lelo, fizera-se beata, frequentadora da igreja, delegada de confiança dêle para engomar as toalhas, renovar as flores dos altares, e deitar o vinho e a água nas galhêtas. Era uma situação muito cómoda para ambos: êle, prendendo-a à igreja, prendia-a a si mesmo, tinha a segura; e ela convencera-se finalmente de que a mão que se vota a Deus lava a mão que se entregou ao diabo.

O abade, candidamente, enchia-se de íntimo júbilo por ver os excelentes resultados do que êle julgava ser «a sua obra». Fôra a penitencia que afervorara a fé, a piedade da Rita de Parada; os grilhões, que lhe fizera arrastar, algemaram-na à igreja, haviam de prendê-la eternamente ao céu. E a mão que a Rita entregava ocultamente ao diabo parecia-lhe beatificada na graça com que entufava as rendas das toalhas e compunha os ramalhetes dos altares.

O Lelo autorizara a amásia a aceitar o cordão de ouro, porque se a religião mandava fazer restituições,

a mesma religião, logicamente, quereria que fossem aceitas.

Mas a condição de guardar segredo, imposta pela Tomasia, não fôra respeitada pela Rita nem pelo Lelo. Nem um nem outro deixaram fugir a ocasião de consolidar com mais uma colhér de argamassa o pedestal onde a inocencia da Rita se erigia aos olhos do povo de Ensalde como público monumento, *ære perennius*. A dádiva do cordão era uma reabilitação solene, em que a Providencia, na sua incorruptível justiça, quisera colaborar evidentemente. Por causa da Tomasia arrastara a Rita grossas cadeias como um forçado das galés, mas o Divino Juiz, que reabilita os inocentes e recompensa os justos, fizera que a verdadeira culpada, a Tomasia, por sua própria mão transformasse as pesadas algemas de ferro num precioso grilhão de ouro. Era o prémio da virtude, quase um milagre, e pouco faltou para que se modelasse uma piedosa imagem de Santa Rita de Parada com a corôa das virgens na cabeça, a palma dos mártires na mão, e o cordão do milagre no pescoço. O Lelo por toda a parte o dizia, bem alto, para que todos o ouvissem e soubessem.

Tambem não ficou no escuro o pedido que a Tomasia mandara fazer à Rita para que não fossevê-la a Boivão. Aconselhada pelo Lelo, a «beata» repeliu publicamente esse afrontoso pedido, porque jamais uma virtuosa mulher, como ela se apregoava, podia transigir com o espectáculo hediondo de uma escandalosa mancebia.

Os pais da Tomasia não divulgaram por palavras o donativo das vinte peças em ouro, mas involuntariamente o denunciaram, comprando uma nesga de terra, encravada entre a sua horta e o seu campo, e uma junta de bois para a engorda.

Não queriam eles certamente divulgar a origem do seu dinheiro, mas sobrepon-s-se às considerações da prudencia o desejo, a ambição que todo o camponês alimenta pela posse da terra. Para a gente do campo, a terra é o único emprego de capital que lhe inspira confiança e que lhe desperta cubica. E' o eterno Banco, que num ano de má colheita pode não dar dividendo, mas que não quebra nunca, porque Deus o administra, e na mão de Deus os juros que não foram pagos num ano, acumulam-se para o ano seguinte. De mais a mais, coisa notavel! o cofre desse poderoso Banco está patente aos olhos dos depositários, que todos os dias podem ir contemplar o seu pecúlio, contá-lo, acariciá-lo, sem que os estranhos o roubem. O que é o furto de um cacho de uvas ou de uma espiga de milho em relação à abundancia e riqueza da terra? Tanto monta como um grão de areia no fundo do mar. Não chega a ver-se. As árvores e as searas são milhões seguros, agarrados, chumbados ao solo, um capital sólido, mais pesado que o ouro, mais forte que o bronze, mais reprodutivo que o dinheiro.

A «posse da terra» deslumbrou, pois, os pais da Tomasia, que involuntariamente denunciaram a opulencia e desvergonha da filha. Não puderam êles re-

sistir à realização de um antigo ideal de felicidade, em que ambos pensavam, especialmente o Bento, como num impossível que os atormentava pela ambição insaciada. Muitas veses, o Bento sonhara com a aquisição dessa estreita tira de terra, que separava o seu campo da sua horta. Era como a barreira de areia de um istmo, que dificulta a navegação e o comércio separando dois mares. Quando o Bento estava na sua horta, afrontava-se de não poder medir com os olhos toda a propriedade, porque a interposição de um estranho lhe tolhia a vista do seu campo. Doía-se de ver o vizinho falar-lhe umas vezes com a cara metida por entre as bandeiras do seu milho, outras vezes sentado à altura das suas couves, parecendo-lhe que as beijava num adulterio flagrante. Quando o vizinho cantava trabalhando era como se o Bento ouvisse uma canção de Tenório que profanasse o seu lar conjugal. Irritava-se, tanto mais que o intruso lhe dizia a toda a hora, em som de mofa, que estava pronto a vender-lhe a courela. Comprá-la? mas com quê? Ora o dinheiro que viera de Boivão curava todos esses desgostos, muito íntimos e muito fundos. Era a chave encantada que abria a porta de ferro da Terra Proinetida.

Chegara a ocasião do Bento mofar do vizinho, por sua vez. Cada um dentro da sua propriedade, conversavam um dia mais à mão que de costume. O Bento fingia-se ainda pobre, e o vizinho dizia-lhe, férindo-o, que se fazia tanto gosto da courela, lha venderia muito em conta.

— Estás a mangar co'a pobreza! exclamara o Bento, afectando desánimo.

— E' que isto, pra mim, vale pouco, respondia-lhe o vizinho, e a ti fazia-te muito arranjo.

— Dizes isso, porque sabes que não posso comprar-te a courela. Se Deus me ajudasse de um dia para o outro, eras capaz de negar a palavra como um judeu.

— Juro aos santos evangelhos que te vendia a courela. Por tão pouco não metia eu a minha alma no inferno. Olha o grande negócio!

— Digo e redigo. Amanhan já tu não sustentas a palavra dada.

— Venha Deus ou o rei, que na sua presença não direi outra cousa. Mas o que é preciso, amigo Bento, é que apareça o dinheiro, e esse está na arca de quem o tem.

— Pois se não és home de má fé, e se não tens medo que eu possa vir a comprar-te a courela p'r'o futuro, vamos amanhan ambos e dois a casa do tabe-lião, e lá sustentarás a tua palavra nas barbas dele.

O vizinho largou a rir, e disse que sim, que iria, mas que melhor seria guardarem isso para quando, com o dinheiro na palma da mão, se pudesse fazer a escritura.

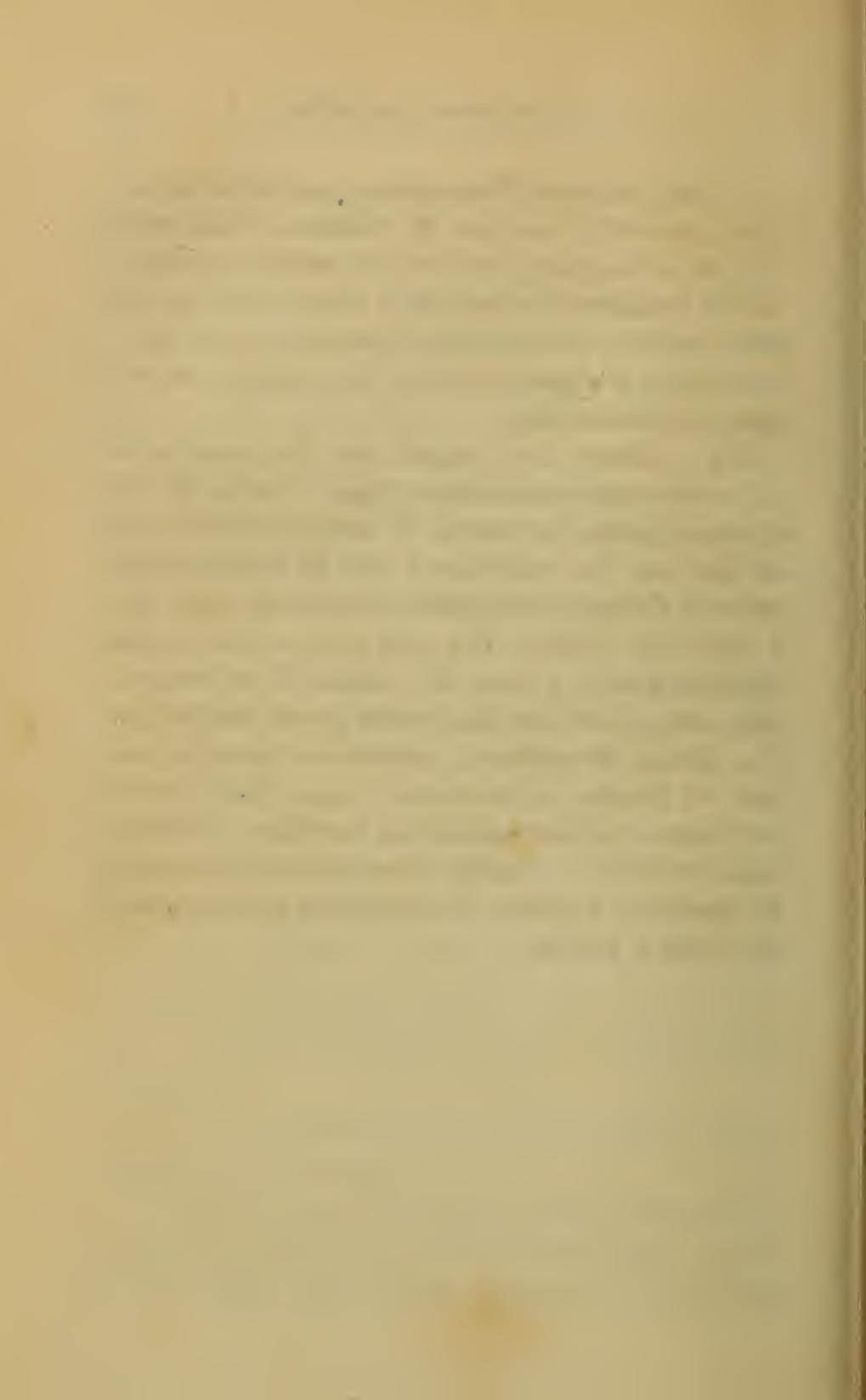
— E' que eu talvez venda o campo, disse o Bento para arredondar a horta.

— Home! queres vender uma cabra para compra um cabrito! Mas se *vito sério* queres vender o campo, não fales a mais ninguem, que eu te fico com êle.

— Talvez adregue. Pois amanhã, por volta das nove horas, aparece tu em casa do tabelião e lá falaremos.

E, no dia seguinte, em casa do tabelião, quando o vizinho imaginava ir comprar o campo, teve de vender a courela, porque havia renovado em voz alta a sua palavra, e envergonhou-se de a renegar em presença de testemunhas.

Era o dinheiro da Tomasia, que chegava para tudo, como o povo comentava: para o cordão da Rita e para a compra da courela. A junta de bois foi a gôta de água que fez trasbordar a taça da admiração popular. A Tomasia, em Boivão, nadava em ouro, dizia a gente de Ensalde. Era uma princesa que possuía tesouros, porque o povo das aldeias, na sua ingenuidade, não admite felicidade maior que a dos principes. E a fantasia do soalheiro, contando o conto da princesa de Boivão, acrescentava o ponto do proverbio: a Tomasia calçava sapatinhos bordados a pérolas, vestia brocados e veludos, dormia num leito estrelado de diamantes e punha na cabeça um pente guarnido de rubins e safiras.



X

O morgado velho de Val-das-Donas ouviu contar a lenda da «princesa», e irritou-se.

Se era verdade o que diziam, o filho dissipava loucamente os rendimentos de Boivão, que só por tolerância paterna recebia, porque não estava emancipado ainda. A «princesa», como o povo dizia, era a Tomasia de Ral, em cuja conquista D. José Maria malograra esforços e ciladas. Na freguesia de Ensalde nenhuma rapariga lhe resistira tão insolentemente como ela, que o tratava como um lacaio. O orgulho ferido do velho libertino despertou em cólera. Sorriu ao morgado de Val-das-Donas a ideia de vingar-se sob pretexto de que o filho, alucinado pela paixão, dissipava a casa e faria um casamento desigual, vergonha dos Pachecos. De mais a mais, as cachopas que D. José Maria atrelara ao seu carro de triunfo aírravam-lhe à cara a generosidade do filho com a Tomasia de Ral, ao passo que elas apenas tinham recebido, como prémio da sua desonra, um lenço barato ou um anel de prata — qualquer bugaria assim.

Algumas chegaram a dizer-lhe crúamente :

— Antes nós tivessemos caído nas mãos do sr. D. Rodriguinho, que ao menos sabe estimar as mulheres.

Azoinado por estes comentários irritantes, deprimentes para a sua fama de conquistador, que rapidamente iam alastrando, o morgado de Val-das-Donas julgou dever intervir imediatamente. Montou a cavalo, e foi a Boivão, onde chegou sem ser esperado, de manhã cedo.

Ao primeiro criado que lhe apareceu, um chamado Gregorio, preguntou de golpe :

— O menino ?

— Saberá s. ex.^a que o sr. D. Rodrigo está ainda deitado.

— Sim ? Pois não o vás chamar por ora.

E, pondo a mão sobre o ombro do criado, segredou-lhe entre afável e severo :

— Diz'-me uma cousa. Não está cá uma rapariga de Ensalde, chamada Tomasia ?

O pobre Gregorio viu-se inesperadamente apertado entre a espada e a parêde. Sabia que desagrada-ria ao fidalgo novo respondendo a verdade, mas teve medo de iludir D. José Maria, que era mau, e não lhe perdoaria nunca a mentira.

— Vamos, responde.

— Está, sim, senhor.

— E como é ela tratada pelo menino ?

— Isso não sei, meu senhor. Nós cá chamamos-lhe a sr.^a Tomasia.

— Estúpido ! Mas respondestes sem querer. E' a

«sr.^a Tomasia», e está dito tudo. Tem muito ouro, que o menino lhe deu?

Gregorio, sentindo se resvalar por um declive cada vez mais perigoso, respondeu atarantado:

— Saberá s. ex.^a que não tenho botado conta ao ouro da sr.^a Tomasia.

O morgado de Val-das-Donas franziu, carrancudo, o sobrólho e, fazendo menção de levantar o chicote, ameaçou dizendo:

— Toma cuidado comigo, alarve! que eu sou capaz de te arrancar ás peneirás dos olhos. Com que então, grande velhaco! não sabes se a sr.^a Tomasia tem muito ouro ou pouco? Sempre me sahistes um inocente!

Tremendo, o criado respondeu numa perturbação aflitiva:

— Saberá s. ex.^a que tem cordão e arrecadas.

— Só?

— Não sei se tem mais; eu ainda lho não vi, meu senhor.

— Ah! agora já vais falando! E é verdade que a sr.^a Tomasia foi à romaria de S. Félix «a cavalo numa égua?»

— Dizem que foi, meu senhor.

— Em qual égua?

— Na boiúna.

— Cáspite! Foi sózinha ou acompanhada?

— Saíu daqui mai-las caseiras da Retorta, ambas e duas.

— Mas o menino não foi também?

— Acho que foi lá ter pela tarde.

— Bem. Por agora basta-me saber isto. Ouve lá. Se deres com a língua nos dentes, e contares a alguém as preguntas que te eu fiz, mando-te amarrar a uma árvore e tiro-te a pele com um pau de cerquinho.

Ouvindo esta ameaça, o Gregorio respirou. Era a solução que, em tão duro transe, mais podia desejar: obedecera ao morgado velho e não ficaria mal visto pelo morgado novo.

Mas, através de uma vidraça, a Ovaia surpreendera D. José Maria a conversar com o criado, e foi, correndo, avisar o «seu rico menino» da chegada do pai.

A má notícia causou dolorosa impressão a D. Rodrigo. Eram raras, e sempre desagradáveis, as visitas do morgado de Val-das-Donas, que o filho, no fundo do seu coração, aborrecia. Entre os dois estava um cadáver, cuja memória D. Rodrigo venerava até o ponto de desejar vingá-la, se isso fosse possível.

Pai e filho compreendiam a necessidade de se avisar poucas vezes. Se ambos se tinham separado voluntariamente, para que interromper uma separação que de comum acôrdo julgaram indispensável? Não se viam e não se lembravam um do outro.

Ouvindo pronunciar o nome do pai, D. Rodrigo sobressaltou-se, receando um conflito. E logo o seu pensamento achou a explicação dessa inesperada visita. O morgado de Val-das-Donas teria sabido que a Tomasia, que tantas vezes lhe resistira, estava em Boivão, e viria desenganar-se por seus próprios olhos, com algum danado propósito de vingança.

Pois, acontecesse o que acontecesse — pensou D. Rodrigo — a Tomasia pertencia-lhe de corpo e alma, era sua, e defendê-la-ia do pai como de qualquer outro homem, com mais encarniçamento ainda, talvez. Esse homem sinistro, de que herdava o nome, roubara-lhe a mãe; podia estar certo de que lhe não roubaria também a amante. E, se tentasse fazê-lo, a vingança seria completa, porque abrangeeria o passado e o presente.

— O que havemos nós de fazer agora? preguntou a Ovaia, muito atarantada.

— Negar, negar sempre que a Tomasia esteja em Boivão.

— Mas se o Gregorio lhe tiver dito tudo?

— Melhor. Meu pai ficará sabendo que desejo ocultar-lha. Ficam definidas as situações. Vai, já, já, chamar a Tomasia, e esconde-a na azenha, com ordem expressa ao moleiro para não deixar entrar meu pai, se êle lá fôr.

— Menino!

— Mando eu.

A Ovaia obedeceu prontamente, num silencio submisso, posto levasse o coração amargurado pelo receio do que podia acontecer. Se o morgado de Val-das-Donas se lembrasse de ir procurar a Tomasia na azenha, sucederia de certo alguma grande desgraça. Ela bem sabia quanto o filho detestava o pai e quanto o moleiro queria ao sr. D. Rodrigo — como um bravo cão de guarda fiel ao seu dono.

A azenha era lugar solitário e sombrio, porque

um riancho, que nascia da serra, passava aí entre um basto carvalhal escuro. O moleiro não tinha boa fama; nem podia ser indulgente uma alma, que não recebia nunca um raio de sol, e só ouvia canto-chonar a água torva na roda da azenha.

Torturada, aflita, Ovaia cumpria as ordens do seu menino, mas desejava poder desobedecer lhe por essa única vez.

A Tomasia, acordada de repente, também ficou muito perturbada e medrosa. Vestira à pressa uma saia, e pusera outra pela cabeça, ocultando o rosto. Fôra descalça, para não perder tempo a procurar as chinelas de polimento, pespontadas de torçal, curvas na ponta como dois barquinhos saveiros.

Quando chegaram à azenha, com o crêdo na bôca, mas, felizmente, sem terem sido vistas, os pés da Tomasia iam tintos de sangue, porque os ferira no caminho.

A Ovaia, muito supersticiosa, viu isso, e ficou ainda mais assustada. Fez a recomendação ao moleiro, que, ouvindo-a, respondeu sorrindo e dizendo:

— A' força, nem Deus nem o diabo seriam capazes de entrar na azenha.

— Crêdo! exclamou a Ovaia tremendo.

E, para voltar ao solar, fez um largo desvio, a fim de que o morgado de Val-das-Donas, se a encontrasse, perdesse a pista da azeinha.

D. José Maria, tendo repetido a ordem para que não chamassem o filho, dirigira-se à cozinha, e mandara fazer café. Trazia os pés muito frios. Sentara-se

no preguiceiro, enquanto esperava, e dizia chalaças às criadas de Boivão, estimulando-as pelo despeito.

— Vós, agora, depois que chegou a princesa de Boivão, já não valeis um chavo galego!...

Queria provocá-las a falarem. Mas as criadas iludiam a dificuldade, respondendo frases sem responsabilidade, no tom jovial que é peculiar às raparigas do Minho. Habituatedas a cantar à desgarrada, as miñôtas teem a resposta pronta, o improviso fácil.

Quando a Ovaia entrou na cozinha, mostrou-se tão surpreendida com a chegada do morgado, que ele acreditou-a.

Educada no respeito pelas raças nobres, especialmente pela família que há tão longos anos servia, foi buscar uma chávena da Índia e uma colher de prata para o fidalgo tomar o café.

— Dá-me também aguardente, ó velhota, mandou D. José Maria.

E, refletindo, chamou-a dizendo:

— Não tragas. Eu vou à casa do jantar para te dar menos trabalho.

— Trabalho nenhum, sr. morgado, trabalho nenhum...

A pobre Ovaia repetia as palavras sem saber o que dizia, porque receava que D. José Maria, estando só com ela, lhe falasse da Tomasia.

O fidalgo tomou o primeiro góle de café e disparou à queima-roupa esta pregunta insidiosa:

— Então como te dás tu agora com a tua patroa?

— A minha santa patroa, Deus lhe fale n alma, morreu da Ponte dos Cavaleiros abaixo.

Ovaia não queria fazer alusão ao crime do morgado; não ousaria tanto, mas só comprehendeu todo o alcance da resposta quando viu D. José Maria agastar-se, e replicar:

— Não te faças tola, Ovaia. Já me deves conhecer o génio. Pergunto-te pela rapariga de Ensalde, que está cá, e parece ser agora a dona da casa.

— Aqui, meu sr., só há dôno da casa: é s. ex.^a; e na sua ausencia, o menino. Tudo o mais são criados.

— Pois suponhamos que seja assim... Como te dás tu com a Tomasia de Ral, que meu filho tomou ao seu serviço... como criada?

— Não sei, meu sr., que haja no solar nenhuma criada de Ensalde.

— Mentes! gritou muito irritado o morgado de Val-das-Donas. Mentes!

Neste momento, D. Rodrigo entrou na casa do jantar. Vinha excessivamente pálido, mas aparentando firmeza de ânimo. Cumprimentou o pai fazendo menção de beijar-lhe a mão direita.

E D. José Maria, excitadíssimo, repetiu com veemencia:

— Mentes!

— Não sei, disse lhe o filho, por que meu pai está tão exaltado com a pobre Ovaia...

— Estou, estou. Porque ela me faltou ao respeito pela primeira vez na sua vida.

— Peço licença para duvidar até saber do que se trata.

— Trata-se de saber se está aqui ou não uma criada minha de Ensalde, que me roubou, e fugiu para Boivão.

D. Rodrigo sentiu uma onda de sangue congestionar-lhe o cérebro. Mas procurou dominar-se, respondendo:

— Eu suponho que nenhuma das minhas criadas é de Ensalde, contudo, se meu pai quer desenganar-se, farei reunir na sua presença todos os criados de Boivão, para que possa reconhecê-los.

O morgado de Val-das-Donas calou-se, coiando o bigode grisalho. Houve um momento de silêncio glacial, que D. Rodrigo interrompeu ordenando a Ovaia:

— Vai chamá-los. Que toquem a sineta para que toda a gente se reuna no pátio.

D. José Maria, muito agitado, visivelmente preocupado como quem procura uma solução hábil, fez ao filho algumas perguntas, muito descosidas, sobre as colheitas prováveis em Boivão.

Ouviu-se tocar três vezes a sineta da casa, que era o sinal costumado para chamar toda a criadagem.

D. José Maria bamboava frenéticamente a perna direita, sobreposta no joelho da outra.

O filho, com uma das mãos intrometida no caco, conservava-se de pé, calado e firme, quase lívido, observando todos os movimentos do pai.

— Podemos descer agora, disse D. Rodrigo, que os criados já devem ir chegando.

O morgado de Val-das-Donas levantou-se de repelão, e tomou a direcção da porta. O filho seguiu-o, silenciosamente.

D. José Maria estava certo de que a Tomasia de Ral não apareceria, mas queria encontrar um novo pretexto para recorrer a violencias. E esse, que se lhe ia oferecer, era excelente para poder acusar o filho de ocultar no solar uma criada que tinha praticado um roubo na casa Val-das-Donas.

Todos os criados de Boivão estavam reunidos no pátio, esperando as ordens, que a sineta anunciara.

D. José Maria relanceou a vista sobre o grupo, e disse com torvo aspecto:

— Estava bem ensaiada a comédia. Mas eu também, à minha parte, quero ser comediante.

XI

Os soldados do 7 de caçadores não estavam bem certos de que o seu camarada João Sabino tivesse o juizo todo.

Cada vez parecia mais embuchado, como êles diziam. Passeava só, e não era pelas ruas da vila, metida dentro de muralhas defrontando Tuy. Quando saía do quartel, entrava numa taberna, bebia meio quartilho de vinho verde, limpava a boca à mão, acendia um cigarro, e largava, solitário, sempre pelo mesmo caminho.

Fardado, já não ousava aproximar-se muito do solar de Boivão, mas procurava sítio donde pudesse adivinhá-lo na ondulação dos montes. Era uma paixão funda e negra, um inferno de alma, que lhe amargurava a vida. Apenas no vinho e no cigarro encontrava alguma tranquilidade efémera. Mas as rameiras da «Parada Velha», que os seus camaradas frequentavam, pareciam-lhe despresíveis, repugnantes. Tudo isto causava estranheza aos soldados do 7 de caçadores, que não podiam admitir excepção na vida alegre da soldadêscia.

As excentricidades do João Sabino, especialmente a de evitar o femeaço, o *pago de das mulheres*, como os soldados diziam, conquistaram-lhe depressa uma alcunha. O espírito das casernas é fértil e gracioso em alcunhas, quase sempre bem achadas. Ao João Sabino puseram a de *Sardão*, fundada na lenda campestre de que este lagarto (*lacerta viridis*) detesta as mulheres, e as persegue, poupando os homens. E êle, o 72 da 2.^a, investia sempre, também, contra os elogios que os camaradas faziam a esta ou aquela cantoneira, que era mais procurada.

Como não havia o João Sabino de detestar as polhas de Valença, se mentalmente as confrontava com a Tomasia de Ral? Via-as pintadas de vermelhão, empastado, com o cabelo luzidio de azeite — a pomada dos alcouces reles. A voz delas, rouquenha, num regougo de galinhas gosmentas, arranhava-lhe os ouvidos, como um pizzicato áspero de violão desafinado. Enfastiava-o a laracha de calão com que atiçavam a hilaridade dos soldados, muito desbocadas numa torpeza de palavrões obscenos, secundados por gestos e atitudes em que pareciam fazer dançar os quadris ou o ventre. Repugnava-lhe vê-las à porta de casa na «Parada Velha», sentadas em cadeiras baixas, sobrepondo a perna, fazendo berrar a meia de algodão vermelho dentre o enfolhamento abalonado das saias farfalhantes de goma, — a ponta do cigarro comprimida entre os beiços sécos numa funda aspiração de fumo intenso. O que se passava por detrás do lençol, pendurado como cortina a pequena distan-

cia da porta, não lhe aborrecia menos: era a sentina pública do prazer, onde todos os transeúntes tinham o direito de entrar.

Nas faces da Tomasia, tal como a saudade reditiva lha figurava, havia a cór espontânea que a natureza parece querer reservar apenas aos frutos e mulheres do campo. O seu cabelo era liso, mas seco; a sua voz, fresca e sã; a sua pele cheirava a rosmaninho. O seu corpo, tal como êle o surpreendera através do linhar na manhã de S. João, fazia lembrar na brancura e na graça o das crianças nuas, que se retouçam nos almarjeais. Era um caramelo de confeiteiro a desfazer-se em assúcar.

Mas a ideia de que entre a Tomasia de Ral e as marafonas de Valença havia um termo de comparação, o mesmo ponto de partida, alucinava-o num desvairamento de sangue a arder no cérebro como álcool inflamado. A única diferença entre uma e outras consistia apenas em que a Tomasia acabava de partir, dando o primeiro passo, vendendo-se pela primeira vez, e as rameiras da soldadêscia já haviam chegado ao *términus* da sua abjecta profissão, entregando-se não ao homem, mas aos homens, como qualquer máquina que se alugasse.

Pelo espírito daquele soldado rude passava a concepção vaga do que há de nobreza ideal na honra das mulheres. Era um poema indeciso, confuso na sua traça, como a do *Mahabhárata*, mas era um poema, cantando a pureza dos anjos suspensa no céu azul por um delgado filamento, ténue como teia de

aranha, mas duro na resistencia da castidade como a chapa de ferro que blinda a casa-forte de um Banco.

Outra das excentricidades de João Sabino era o seu excessivo gôsto pela tatuágem, que aprendera a fazer na praça de Valença com os soldados do 7.

Jamais em Ensalde tinha visto algum homem sarapintar o corpo com desenhos alegóricos, mas, no quartel, agradara-lhe tanto esse costume até aí desconhecido, em que encontrava sensações consoladoras, que o adoptou com uma insistencia de mania.

Se êle tivesse sido educado intelectualmente, desabafaria a sua máqua compondo elegias em verso ou música, traçando a figura ou modelando o busto da Tomasia, tal como sempre a vira em Ensalde e ainda a estava vendo na imaginação saudosa. Mas, ignorante como era, achara um doce alívio em escrever no seu proprio corpo, como nas folhas de um livro, pensamentos desenhados, que haviam de durar tanto como o alento vital. Era uma expansão que o satisfazia, que o consolava na sua dôr. Às vezes, arregacando a manga da camisa, lia em si mesmo, nos debuxos imperfeitos, grotescos, que faziam lembrar asas de borboletas distendidas sobre ambos os braços. Eram corações atravessados por sétas, mãos empunhando punhais, caveiras descarnadas, e tibias em cruz como na simbólica lúgubre dos cemiterios.

Da prática da tatuagem viera-lhe o desejo de aprender a ler, para gravar no corpo o nome da Tomasia, muitas vezes repetido, para escrever palavras

de vingança e desprezo, juras de ódio, pragas de maldição, datas inolvidáveis.

Um soldado da sua companhia prometera-lhe ensiná-lo a ler, e João Sabino já conhecia as letras do alfabeto, que lhe não despertavam ideias alegres como à Tomasia, mas que apenas tinham para êle a significação de serem outras tantas poldras por onde atravessaria o rio da ignorancia em direcção ao país do egoísmo. Queria aprender a ler para abrir uma válvula de segurança, que lhe permitisse respirar melhor. As letras não lhe sorriam aos olhos, nem lhe divertiam o espírito, como à Tomasia. Impunham-lhe um trabalho, que êle suportava com fé, como um doente sofre um vesicatório na esperança de melhorar. Logo que soubesse escrever, parecia-lhe que não lhe custaria tanto a vida, porque descarregaria na escrita um grande fardo, que lhe abafava a alma.

Rapidamente se amestrara na prática da tatuagem. Tinha, na sua caixa, todos os petrechos com que a realizava: um cabo de madeira, no qual se garfavam três agulhas; pólvora triturada e azul de brunideira, para dar a côr.

Imergindo as agulhas na substância corante, punha-se a enterrá-las na pele fazendo-as penetrar até à derme, para gravar bem fundo os contornos do desenho. E, para tornar os traços mais duros, repicava-os, com mão firme, estoicamente.

Sofria tambem, sem lhes dar importancia, as consequencias da operação: a inflamação do braço, quase sempre acompanhada de febre, que o incomodava

durante uns quinze dias, pouco mais ou pouco menos.

A princípio deitava saliva no braço, como lhe ensinaram, para atenuar o prurido resultante da inflamação; mas habituara-se a sofrer, pelo gosto de obter a expressão gráfica de um pensamento íntimo, cujos vestígios ninguém jamais poderia apagar. Porque a verdade é que a repicagem dos contornos com leite, para dissolver a substância corante, como usam fazer os tatuados que se arrependem, não dá resultado completo: ainda que o desenho empalideça, a cicatriz fica.

Às vezes, João Sabino lembrava-se de que sendo indeléveis os desenhos da tatuagem, se ele algum dia voltasse a Ensalde, onde tal costume era desconhecido, seria talvez desprezado pelos seus conterrâneos, quando lhe vissem a pele mosqueada como o costado de um lagarto.

Pelo menos, se inadvertidamente descobrisse os braços, e alguém o surpreendesse, correria logo fama do caso estranho, e toda a gente da aldeia o perseguiria para que lhe mostrasse e explicasse o que queriam dizer essas exóticas figurações cabalísticas.

E se, vendo os corações atravessados por setas, os camponeses, mulheres e homens, percebessem a verdade da alusão, rir-se-iam da sua grande maluqueira pela Tomasia, que, no solar de Boivão, era a ditosa amante do fidalgo.

Rir-se-ia principalmente a Rita de Parada, por despeito e vingança, porque o João Sabino a tinha

desprezado, trocando-a pela Tomasia de Ral, que não fazia caso dêle.

Tranquilizava-o, porém, a ideia de que não voltaria mais a Ensalde, para que ninguém se risse à sua custa. Voltar, para quê? Não era verdade que o supuseram afogado na lagôa da Chã? Pois bem, apesar da Teresa Linheira o ter visto na romaria de S. Félix, continuaria a ser um morto, que tivesse ficado enterrado no lôdo da lagôa. Voltar a Ensalde, para quê?

Eu penso que não tem patria quem não tem família. Em toda a parte há árvores e montes e céu, que ou nos sorriem ou nos entristecem conforme o estado da nossa alma. A patria não é a natureza, a paisagem que nos rodeia, e que trocamos facilmente por outra onde a vida nos corra mais propicia, *le lieu où l'ont est bien*. A patria é o coração de mãe com todo o seu cortejo de afectos e dedicações, e o coração de mãe é tamanho, que parece dilatar-se pelos horizontes da terra em que ela vive; a patria é a nossa família, a nossa casa paterna, o primeiro amor que nos deram no berço, e que jamais é excedido em pureza por outro amor. Quando a morte nos arrebata a família, os parentes, queremos voltar à nossa patria para visitar as sepulturas onde dormem, queremos continuar a viver com êles através de uma campa cerrada que os nossos olhos já não podem atravessar, mas que a nossa saudade penetra ainda. E, feita essa piedosa romagem à ultima casa dos nossos parentes mortos, fugimos dali, para longe, porque já as árvores nos aborrecem, e os montes nos

confrangem, e o céu nos parece sombrio. Vamos então «fazer» uma nova patria, criar noutra provincia ou noutro país uma família, como o agricultor pode transplantar uma árvore, que vai florir e frutificar num clima distante, como o embarcadiço leva as suas recordações de um porto para outro, sem por isso deixar de rir e beber em remotas latitudes.

Onde não há família não há patria, e João Sabino era enjeitado, duas vezes enjeitado — pela mãe e pela Tomasia. Voltar a Ensalde, para quê? Sentir-se-ia infeliz em qualquer parte, ou lá ou muito longe.

Na véspera do dia em que o morgado de Val-das-Donas devia chegar a Boivão, houve ordem no quartel de Valença para que, a requisição do governador civil, uma força de vinte e cinco praças partisse a desempenhar certa diligencia, cujo fim e local não constavam na caserna.

João Sabino marchou, como os outros soldados a quem esse serviço pertencera por escala, sem saber para onde. Mas o coração batia-lhe desordenadamente quando tomaram o caminho de Boivão. E quando avistaram o solar, a que manifestamente se dirigiam, João Sabino asfixiava pelo violento latejar das carótidas, que tinham engrossado como cordões negros retesados no pescoço. O que haveria acontecido? A que iam ali? O 72 fazia a si mesmo estas perguntas, por não ter voz para interrogar os camaradas, que marchavam indiferentes e alegres numa crua atmosfera de sol e pó.

A força fez alto no topo da avenida dos plátanos,

onde lhe saiu ao encontro o administrador do concelho, que primeiro tinha partido de Valença, a cavalo.

E, logo que o administrador apareceu a falar com o alferes, os vinte e cinco soldados foram distribuídos em sentinelas de modo a cercar o palacio.

XII

O morgado de Val-das-Donas tinha previsto, com a perspicácia de uma índole má, tudo quanto lhe havia de acontecer em Boivão.

Traçára um plano, que fielmente cumpriu. Toman-do como ponto de partida os valiosos objectos de ouro, que, segundo a voz do povo, D. Rodrigo tinha dado à Tomasia de Ral, esperava que esses mesmos objectos lhe serviriam para vingar-se comprometen-do-a e para castigar as prodigalidades do filho. Con-trariou-o um pouco saber pelo Gregorio que as apregoadas dádivas se limitavam apenas a uns brincos e cordão; para os seus fins, melhor seria que fosse verdadeira a fama de que a Tomasia possuia joias como qualquer princesa das *Mil e uma noites*. Mas desde que havia um pretexto, embora menor em va-lor do que supunha, para proceder como tinha ima-ginado, o plano não falhara pela base, e do que o morgado de Val-das-Donas precisava era apenas de um pretexto.

Contava com todo o apoio do governo civil de Via-na, que não podia prescindir da sua importancia

eleitoral, da votação dos seu criados e caseiros. Era antiga a mutualidade de serviços entre o morgado e o chefe do distrito, política à parte, porque faltava a D. José Maria essa raríssima dedicação partidária que se inspira unicamente no desinteresse e na convicção. Convinha-lhe, para cobrir a responsabilidade das suas monstruosidades libidinosas, a protecção do governo civil; à autoridade administrativa do distrito convinha, também, a certeza de que podia contar com os votos dependentes do morgado de Val-das-Doans.

Estabelecidas estas relações de recíproco proveito, D. José Maria estava seguro da impunidade com que poderia praticar todos os abusos e delitos.

Vinha já de longe a sua liberdade de acção. Desde a morte da fidalga na Ponte dos Cavaleiros que ele se julgava privilegiado para fazer tudo quanto a má índole lhe sugerisse. O povo falara por essa ocasião, acusando-o de um assassinio premeditado; contudo as vozes do povo não chegaram até ao governo civil de Viana do Castelo.

Mas então onde é que estava a independência do poder judicial, garantida pela Carta? Estava no papel, e em mais nenhuma parte. Os juizes e os delegados, que pretendiam a comarca de Valença, não poderiam pôr lá o pé, se o deputado do círculo lhes contrariasse, junto do respectivo ministro, a pretensão; e o governador civil era criatura da intimidade do deputado do círculo, que o tinha feito nomear.

Postas a funcionar harmoniosamente estas engre-

nagens, a vara da justiça não era instrumento de castigo que deixasse de flectir quando sopravam de Viana ventos favoráveis. O Código Penal, se o governador civil o apalpava, encolhia um pouco a severidade, como a sensitiva retrai as folhas quando lhe tocam.

O velho libertino não admitiu no seu espirito a hipótese de que D. Rodrigo deixasse de negar a Tomasia. Previu com segurança. Por isso escreveu ao governador civil dizendo-lhe que o filho, que não estava ainda emancipado, como era notório, recolhera no solar de Boivão uma rapariga de Ensalde, sua amásia teúda e manteúda, que na quinta de Val-das-Donas havia cometido um importante roubo de objectos de ouro. Pedia, pois, o auxílio do administrador do concelho de Valença e de uma força militar para apreender as joias e realizar a captura da suposta ladra.

Contra o filho poderia intentar procedimento criminal, como receptador, mas contentar-se-ia, se tanto fosse preciso, com fazê-lo sair de Boivão por alguns meses, enquanto D. Rodrigo não atingisse a maioria. E quando isso viesse a acontecer, o morgado de Val-das-Donas contava com a chicana dos tribunais para protelar a emancipação do filho.

Escrevendo ao governador civil, indicou o dia e hora em que estaria em Boivão, e a conveniencia de que o administrador do concelho e a força militar chegassem pouco depois.

Assim se fez, aceitando como boa a denúncia de

D. José Maria, e dando-se com a maior pontualidade as ordens precisas para que se não malograsse tão importante diligencia.

— Desta vez ao menos, disse o governador civil com os seus botões ao ler a carta do morgado, posso serví-lo sem atropelar a moralidade.

Uma só coisa não previra o morgado de Val-das-Donas: que a Tomasia pudesse ir esconder-se na azenha. Ele conhecia perfeitamente os escaninhos do palacio de Boivão, e todos revistaria para encontrar a amásia do filho. Nos primeiros tempos de casado, Boivão fôra o seu harém; tinha ali as fêmeas que macheava. Depois, perdêra de todo o respeito à morgada, e a vergonha. Boivão continuara a ser a séde do serralho, mas a favorita habitava em Val-das-Donas dentro do lar conjugal em promiscuidade com a legítima esposa. Não precisara, portanto, D. José Maria de recorrer, em caso algum, ao escondreijo da azenha, certamente bem escolhido para tal fim. E, como jamais o utilizara, não se lembrou dêle.

Fechado o cérco ao palacio, a Tomasia não poderia escapar-se; nem ela, nem os valores que possuisse. Era caçada certa, na previsão do morgado de Val-das-Donas.

Mas neste ponto falhou o plano, pela imprevista ausencia de um factor — a azenha.

Ovaia teve ainda artes de ocultar as roupas que estavam no quarto da Tomasia; só não tirara das gavetas da cómoda os objectos de ouro, por não saber

onde a Tomasia guardava a chave e, na precipitação da fuga, não ter tido a ideia de preguntar-lho.

Revistados, com a assistencia do administrador do concelho e do alferes, todos os aposentos, todos os armários e sótãos do palacio de Boivão, não foi possível encontrar a Tomasia, mas a mobilia de um dos aposentos denunciava que era aquêle o seu quarto de cama.

D. Rodrigo reunira ali os mais antigos e preciosos móveis, de pau preto, que o solar possuia. O leito, de colunas torneadas, espiralando-se como serpentes negras, tinha um espaldar rendilhado de arabescos, que pareciam acompanhar em triunfo, entre coluna e coluna, a piedosa legenda dos Pachecos: *Ave Maria gratia plena*. Cadeiras altas, de volta redonda e aberta, com o assento almofadado de damasco carmesim, guarneciam o aposento, alinhadas ao longo das paredes. Uma cómoda, com ferragens de prata lavrada, ressaltava da linha das cadeiras, que a excediam na altura.

Sobre a cómoda, um oratório, de charão com raiagens a oiro, enquadrava no resguardo de cortinas de lhama refulgente uma pequenina imagem da Virgem Santíssima, ingenuamente esculturada, que, segundo contava a tradição de família, tinha outrora acompanhado o rico-homem Lopo Pacheco na lide de Tarifa.

Em moldura de ébano, excelentes gravuras a áqua forte representavam a história romanesca da *Cendrillon*, a nossa *Gata Borralheira*, que pela pe-

quenez do chapim se prende galantemente ao *Folklore* europeu. Bambinelas de sêda verde, ladeando duas largas janelas, coavam no aposento uma suave luz de esmeralda como a das estufas num dia de sol.

O aspecto delicado e opulento dêste ninho de amor, que revelava o dedo de um artista, excitou a inveja e a cólera do morgado de Val-das-Donas. No seu tempo, parte daquela mobília pertencia ao quarto dos hóspedes; outra parte, as cadeiras, garneciam a sala nobre do solar. Jamais êle tivera a fina fantasia de reuní-la no aposento de uma das suas predilectas huris, porque estimulado apenas pelo ardor da sensualidade não encontrava no contacto das mulheres mais do que a satisfação brutal do cio.

O mobiliário de uma habitação reflecte o carácter de quem o escolheu e colecionou. E, no amor, especialmente, a delicadeza de certas almas chega a depurar, como um filtro, o que há de animalidade crassa nos gozos do leito. A paixão amorosa em D. José Maria era o salto da fera para subjugar com as garras a fêmea submissa. No filho, a colaboração do espírito alumia como um luar de Agosto a felicidade material da posse; o prazer tinha o vago encanto de um longo sonho voluptuoso que se converte numa doce realidade fugaz.

Havendo conhecido na Tomasia a flexibilidade de uma inteligencia e de uma índole susceptiveis de cultura, D. Rodrigo procurara aclimá-las num meio propício, que suave e lentamente as desenvolvesse.

Não se esquecera, pois, de quaisquer minudencias que pudessem exercer uma accção indirecta, mas perseverante, certo de que, na educação das mulheres, uma flor pode valer tanto como um livro, e a harmonia das côres e dos móveis tanto como uma prelecção de estética.

Durante toda essa irritante busca domiciliária, a que o morgado de Val-das-Donas procedeu, D. Rodrigo seguia, silencioso como um autómato, atrás dos três intrusos inquiridores, dos quais apenas um lhe despertava indignação e ódio, rancor profundo e frenemente. Era o pai.

Até entrarem no quarto de Tomasia, D. Rodrigo tinha falado uma única vez quando o administrador do concelho lhe preguntou se era certo estar recolhida naquêle palacio uma ladra que fugira de Ensalde.

— Se o sr. administrador, respondeu êle, veiu a investigar, não serei eu que lhe estorve a investigação. Queira revistar o palacio.

No quarto de Tomasia, o morgado de Val-das-Donas reclamou as chaves da cómoda.

— Sabes delas, Ovaia? disse com sombria secura D. Rodrigo.

— Não sei, meu rico menino.

— Podem arrombar as gavetas, se quiserem, tornou D. Rodrigo altivamente.

Fazia pena vêr um criado da casa arranhar com um escopro a valiosa madeira desse móvel antigo, para forçar as gavetas. Encontraram-se dentro delas

gorgêttes e lenços, pequenas caixas de cartão contendo objectos de ouro, brincos, arrecadas, uma cruz, um cordão, acamados em rama de algodão côn de rosa.

Ao vê-los, faiscou nos olhos do morgado de Val-das-Donas um relâmpago de ferocidade.

— São estes, exclamou êle, os objectos que eu procurava.

— Senhor administrador, disse com voz trémula D. Rodrigo, eu vou apresentar-lhe as facturas do ourives de Viana, onde os mandei comprar. Estão na minha secretária.

O morgado de Val-das-Donas não esperava certamente ser contrariado por este golpe; por isso, replicou furioso:

— Mas foram adquiridos com o meu dinheiro, e sem o meu consentimento!

— Senhor administrador, tornou D. Rodrigo, há dois anos, como é publico e notório, que eu administro a casa de minha mãe em Boivão.

— Por tolerancia minha, que neste momento vai cessar.

— Senhor administrador, redarguiu D. Rodrigo, tinha-me sido conferido por acôrdo e antecipação um direito, em que estou investido, e que só devolverei à justiça, se ela quiser disputar-mo pelo pouco tempo que falta para efectuar-se legalmente a minha emancipação.

O morgado de Val-das-Donas bramiu num crescendo de cólera:

— Senhor administrador, queira intimar meu filho a saír de minha casa.

O administrador ficou, por um momento, calado, perplexo; mas cobrou serenidade e respondeu:

— E' uma questão judicial, em que não posso intervir.

— Como ? !

— Digo eu a V. Ex.^a que, em conformidade com as leis vigentes, não posso intervir em questões que teem o seu fôro proprio.

— Mas então o senhor administrador não tem autoridade para expulsar da casa de um cidadão qualquer pessoa, que nela seja encontrada contra a vontade do proprietario ? !

— Essa pessoa é, no assunto de que se trata, o filho de V. Ex.^a, que aqui estava residindo com autorização paterna.

— Meu filho ! Meu filho ! exclamou desvairado o morgado de Val-das-Donas. Parece não ser do meu sangue ! Eu sei lá ! . . .

D. Rodrigo, crescendo para o pai, susteve-se de súbito, gritando :

— Senhor administrador, diz o povo que minha mãe era uma santa e foi assassinada, mas só este homem seria capaz de duvidar que fosse uma esposa digna e honesta.

— Bem ! muito bem ! regougou o morgado de Val-das-Donas, numa desentoação asperrima, dirigindo-se para a porta do aposento. Eu virei efectuar com os meus criados aquilo que o senhor adminis-

trador, muito consciencioso, teve escrúpulo de fazer...

Ao ouvir esta irónica referencia, o administrador do concelho disse com os seus botões:

— Estou demitido.

E o alferes de caçadores 7, que se tinha conservado silencioso, aproximando-se de D. Rodrigo Pacheco apertou-lhe efusivamente a mão, sem dizer palavra.

XIII

Se pela primeira vez na sua vida João Sabino tivesse de bater-se em frente do inimigo, não sofreria maiores nem mais frequentes comoções, mais profundos abalos, do que ali, deante do palacio de Boivão, que era tambem o inimigo da sua alma...

Todos os soldados estavam picados de curiosidade por saber ao que tinham ido; que misterioso drama, certamente um crime, se ocultava para êles dentro das quatro paredes dessa casa nobre.

Mas João Sabino encontrava-se em condições especiais, porque, se desconhecia o drama, conhecia os actores, e pressentiu que a Tomasia não seria estranha ao que quer que fosse que ali se passava de extraordinario.

A princípio suspeitou que o Bento de Ral tivesse reclamado a filha às autoridades, e que D. Rodrigo a negasse. Esta hipótese durou pouco no seu espírito. Ainda que por parte dos pais da Tomasia tivesse havido reclamações, as autoridades não as atenderiam. A corda quebra sempre pelo mais fraco. E acabou por convencer-se de que nem a *Choca* nem

o Bento, miseráveis camponeses de Ensalde, ousariam disputar a filha ao senhor de Boivão, que era rico.

A esta hipótese sucedeu outra: talvez que D. Rodrigo Pacheco, convencendo-se de que a Tomasia lhe era infiel, tivesse feito justiça por suas proprias mãos. Assassina-la-ia, fiado na impunidade dos fidalgos do Minho? Acaso teria havido uma excepção de severidade? Pendia a acreditá-lo, por não encontrar melhor hipótese.

E, neste tumultuar de conjecturas, a esperança de vêr a Tomasia, viva ou morta, alvoroçava-o como a aproximação de um acontecimento que se deseja e se teme.

Mas o tempo ia passando, e ninguem assomava às portas e janelas do palacio. Não se ouvia dentro do solar movimento algum; nem sequer ruido de vozes. Se as paredes eram tão espessas...

Por duas ou três vezes os soldados que estavam perto de João Sabino lhe tinham preguntado o que lhe parecia que fosse aquilo. Ele encolhéra os ombros, sem responder palavra. Quando todos estavam mordidos de viva curiosidade, João Sabino continuava a ser «o embuchado dos marmelos» como os camaradas diziam.

Finalmente aparecera uma pessoa ao portão do palacio: era o morgado de Val-das-Donas. Estava muito exaltado, numa irritação manifesta: o sobrô-lho carregado, a vista torva. João Sabino comprehendeu nesse momento que ele tivesse sido o assassino da morgada na Ponte dos Cavaleiros.

Mais de uma vez D. José Maria chamara para dentro, gritando :

— Tragam-me o cavalo. Vem ou não vem ? Canalhas ! não vêdes que estou à espera ? !

E quando lhe trouxeram o cavalo aparelhado, D. José Maria montou com tão pronta agilidade como se fôra ainda mancebo. Já firme no selim, dissera relanceando um olhar ameaçador às janelas do palacio :

— Haveis de ter noticias minhas... Canalhas ! canalhas !

Metendo esporas ao cavalo, desapareceu a galope ao longo da avenida dos plátanos.

Cêrca de meia hora depois, saíram juntos o alferes e o administrador do concelho.

Pararam conversando, com vivacidade, a pequena distancia de uma das sentinelas.

O alferes dizia:

— Eu tinha ouvido contar as façanhas do morgado de Val-das-Donas, mas supunha que o povo exagerava. Agora vejo que não. E' um malvado ! Não custa a acreditar que tivesse sido assassino.

O administrador do concelho respondia :

— E tudo isto por ciumes !

— Pois é claro. O que êle quer é tirar a rapariga ao filho. A história do roubo indignou-me. Que patifaria !

— O alferes verá o que acontece. Êle vai daqui direito a Viana exigir a minha demissão.

— Mas por que não vai o senhor administrador

tambem a Viana contar o que se passou? E' melhor do que escrever.

— Lembra bem. Mas... será tempo perdido. Isto é inevitável.

— Talvez não. E onde lhe parece que estará escondida a rapariga?

— No palacio não estava. A meu vêr, D. Rodrigo preveniu-se levando-a para a Galiza.

— E' natural. Está por aí em Tuy.

— De certo. Mas não imagine que isto acabou aqui.

— Tambem me parece. E por causa destes diabos de fidalgos, que fazem o que querem, anda a gente em bolandas, a apanhar estopadas medonhas.

Foi apenas em Valença que João Sabino teve conhecimento dêste rápido diálogo, contado na caserna pelo soldado que pudera ouvi-lo. Compreendeu tudo. E tornou-se mais concentrado ainda, a pensar nesse estranho acontecimento, que lhe saía ao encontro a tentá-lo como um genio mau. A ocultas dos camaradas; rabiscou uma carta, que deitou na caixa do correio, olhando para um e outro lado, com receio de que alguém o surpreendesse.

O morgado de Val-das-Donas, que tinha pressa de voltar a casa para dar uma ordem urgente, não foi a Viana do Castelo, mas escreveu ao governador civil uma carta em que a indignação era mais profunda do que a ortografia.

Quando o administrador chegou a Viana, já o chefe do distrito tinha resolvido demiti-lo.

— São conveniencias politicas, disse-lhe o governador civil. Eu quis apenas transferi-lo, mas o morgado impôs a sua demissão. Tenha paciencia. Custa-me fazê-lo, mas não há remedio. Deixe passar o tempo, a vêr se o morgado amansa.

No solar de Boivão ninguem duvidou de que não tardariam maiores e mais estrondosos acontecimentos. Ovaia aconselhava D. Rodrigo a fugir com a Tomasia para Espanha.

— Fugir?! replicou o morgado. Nunca! Meu pai viria logo tomar conta do solar.

— Por pouco tempo seria.

— Quem sabe! Meu pai dispõe de muita influencia.

— Mas se houver alguma desgraça?

— Ora ouve. Tu vais levar a Tomasia a uma povoação que fica a quatro léguas de Tuy, porque não quero que lhe aconteça mal algum. Conheço essa povoação, chama-se Rosal, é bonita e sossegada.

— E fico lá tambem?

— Decerto.

— Mas hei-de deixar aqui sózinho o meu querido menino?!

D. Rodrigo sorriu do fraco auxílio que lhe oferecia a sua velha Ovaia.

— Não tenhas cuidado, disse êle bondosamente. Eu saberei livrar-me dos perigos.

Ovaia, muito aflita, coçando na cabeça, com o olhar espantado, repetia:

— Deus permita. Deus permita.

Já no corredor, a sua bôca deixou escapar a mais irritada exclamação de toda a sua larga existência :

— Arrenego de mulheres. Por causa duma é que é tudo isto !

Nessa mesma tarde a Tomasia de Ral saíu às escondidas da azenha, tendo sido preciso que o moleiro escalasse um muro para abrir passagem.

D. Rodrigo confiara a guarda da amante a Ovaia e ao moleiro, que devia regressar de Rosal com a certeza de que «a sr.^a Tomasia» ficava na Galiza a bom recado.

Escalado o muro, entraram os três num pinheiral cerrado, donde, por desvios pedregosos, foram saír à estrada real.

O moleiro ia contente de se ver investido naquela grave missão de confiança, que podia acarretar-lhe perigos.

E o seu prazer seria que os houvesse, para se mostrar o valente que era. Levava ao ombro uma espingarda carregada. A Ovaia tremeu ao ver o moleiro armado.

— Santo Deus ! para que leva você isso ? ! preguntou convulsa de terror.

— Deixe estar, respondeu o moleiro desdenhosamente, não faz mal nenhum, e pode servir se tivermos algum mau encontro.

— Credo ! cruzes ! Algum mau encontro ! Nossa Senhora da Misericordia nos livre de tal ! Eu vou estarrecida de medo.

— Pois não deve ir, replicou altivo o moleiro. Vai aqui um home, pode acreditar.

A Tomasia parecia não ter dado pela espingarda do moleiro. Ia absorvida numa dôr profunda, como a de todas as almas que pela primeira vez encontram no amor um sofrimento que tortura docemente. Calada, suspirava; os seus olhos molhavam-se de lágrimas de momento a momento. Dir-se-ia que ela mesma ignorava que fosse chorando; as lágrimas corriam soltas, morrendo no seio, como numa taça de jaspe.

Nenhum dos criados de Boivão tinha visto saír a Tomasia do palacio para a azenha; nem um também a vira saír da azenha para o pinhal. A fuga fizera-se com o maior segredo.

A criadagem do solar, alarmada pelo aparato da força pública e pelo ar irritado do morgado velho, que ao descer das salas não tinha na bôca senão a palavra — *canalhas*, — passou a tarde numa freima de curiosidade, procurando encontrar-se em conluios, consultando-se em grupos, o que quer que fosse do esvoaçar das gaivotas sobre a praia na véspera de um temporal pressentido.

Ninguem em casa tornara a ver D. Rodrigo, que se fechou incomunicável nos seus aposentos, revolvendo no espírito atribulado todas as hipóteses de um perigo, que tinha como certo. O seu amor pela Tomasia era como o oceano agitado pela tormenta, subia, aumentava estuante. Pareciam-lhe suportáveis todos os conflitos, que tendiam a divinizar na sua

imaginação a mulher amada. As conquistas vulgares na província eram depreciadas pela facilidade da posse. O amor, tal como êle o sentia agora, devia valer o que custasse. E não há nada que alimente tanto o amor como os sofrimentos e as contrariedades que o cercam. São como a lenha que reacende o fogo calmo.

A espaços, D. Rodrigo horrorizava-se com a ideia de encontrar em seu pai um rival; mas o ciúme podia mais do que a razão, e o ódio fremia-lhe do coração aos labios.

Pensava até que a martirizada figura de sua mãe vinha agora inspirar-lhe valor e coragem clamando vingança contra o covarde, o vilíssimo assassino.

Foi horrorosa a noite de D. Rodrigo, à espera de graves acontecimentos que previa. Conhecia o duro coração do pai, ferido na velhice por uma paixão primaveril, que não estava nos seus hábitos femeiros. Devia, portanto, ser uma cegueira, uma alucinação: não podia esperá-la sem temor.

Dois dias depois, ao romper da manhã, D. Rodrigo, que não podia encontrar uma hora de repouso, viu assomar a meio da avenida dos plátanos uma turba de homens, que marchavam com o ar aguerrido de invasores, conquantos apenas quatro viesssem armados.

De relance, conheceu alguns deles; tinha-os visto muitas vezes. Eram criados de Val-das-Donas. O coração, batendo desordenadamente, avisou-o de que a hora do perigo tinha chegado. Viriam para captu-

rar a Tomasia ou para expulsá-lo de Boivão? Fosse o que fosse, as hostilidades iam romper-se.

Retirou-se da janela e correu a chamar os seus criados ao tempo em que punhos fortes, de alentados camponeses, esmurravaçavam já o portão do solar.

XIV

A Rita de Parada, apesar da convivencia íntima que mantinha com os santos da corte celeste, aos quais prodigalizava cuidados e, muitas vezes, carícias, começara, ao cabo de algum tempo, a perder a saúde.

Certa velha, que frequentava a missa das almas, dissera uma vez, ouvindo a Rita queixar-se:

— Isso é Deus Nosso Senhor que te quer esp'ri-mentar a paciencia. Sofre com resignação, para ganhares o reino do céu.

E, sob o ponto de vista das beatas, não podia ser outra coisa, porque nem homem nem mulher de Ensalde tinha jámais excedido a meiga devoção com que a Rita se desvelava em tratar dos arranjos da igreja e do culto dos santos. O proprio Lelo ficava a perder de vista, comparado com ela; êle, trabalhava por dever; a Rita, por devoção.

Não se contentava a voluntária sacristã em vigiar pelo asseio e graça das toalhas de renda e das flores de papel. Algumas vezes levava o seu zelo piedoso até o ponto de lavar a cara aos santos com um pincelinho molhado em clara de ovo. Tomava esse trabalho

quando havia alguma festa de maior vulto, e não se limitava a cuidar apenas do santo do dia, mas de todos os outros. E, lavando-os, animava-os, fazendo-lhes bichinha gata, com uma terna confiança de igual para igual.

Havia um lindo S. João Baptista, branco e loiro, com os olhos meio cerrados numa lasciva indolença, encostado ao cordeiro pacífico e bom. Era a melhor imagem da igreja de Ensalde.

A Rita, quando a descia do altar e, para lavá-la, a punha deante de si sobre um banco, passava-lhe carinhosamente a mão pelo rosto, batia-lhe gaiatamente com a ponta dos dedos na bochecha, acompanhando os gestos com frases brejeiras :

— Anda lá, grande maganão, que déstes muito que fazer às raparigas . . .

E, carregando no pincel, cantarolava como para arreliar o santo com as alusões mundanas da trova :

S. João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata.
As moças não vão à fonte,
S. João todo se mata.

E o Precursor, no seu quebranto de suave preguiça, parecia receber com delicia as festinhas da Rita, saboreando e sorrindo com os olhos meio cerrados.

Algumas vezes chegou ela a ter a impressão de que, se apertasse mais com o santo, vê-lo-ia perder a cabeça, e o respeito a si mesmo, afastar bruscamente o cordeiro, atirar o resplendor de prata por

cima dos moínhos, sacudir dos olhos a última névoa de sono, fitá-la languidamente, pôr-se em pé, abrir os braços e cingí-la num desvairamento de pecado sensual.

Por duas ou três vezes, ao menos, acontecera isto, e sempre o Lelo chegara a ponto de completar de algum modo a ilusão da Rita de Parada.

Ao fundo da sacristia, havia a casa da arrecadação num desvão da escada da torre. Estava cheio de tocheiros, de jarras de loiça, de tapetes dobrados do avesso, de bancos encastelados. A um canto, encostado ao alto contra a parede, avultava o esquife, de madeira, pintado de preto.

A Rita, vendo entrar o Lelo, nessas ocasiões, tinha sempre que dizer-lhe na casa da arrecadação, atraía-o para lá, levava-o pela mão como a uma criança.

A' volta, ela continuava a lavar a cara de S. João, cantando com uma vozinha fina e ténue, algo quebrada :

S. João, por ver as moças.
Fez uma fonte de prata

e interrompendo-se para, batendo-lhe com as pontas dos dedos na bochecha rosada, repetir :

-- Maganão ! Maganão !

Apesar desta livre intimidade com os santos, da piedade inexcedível com que lhes velava o culto e lhes alindava as imagens e os altares, os santos não lhe retribuiam com igual dedicação, olhavam pouco pela saúde dela.

A Rita de Parada começava a sentir-se adoentada a ter enjôos, vômitos sécos, cansaços, sonos desiguais, umas vezes profundos, outras vezes agitados.

E parecia preocupada com o seu estado, porque abatida de ânimo, apreensiva, cochichava com o Lelo, contando-lhe que os enjôos aumentavam, o cansaço crescia e que outros sinais certos de doença cresciam, aumentavam também.

O Lelo, espírito resoluto, dizia-lhe que deixasse estar, porque tudo se arranjaria. Tinha expedientes, estava habituado a tê-los em ocasiões identicas.

— Mas a vergonha? preguntava ela.

— Qual vergonha, nem meia vergonha! respondia êle muito cínico. As outras não são melhores do que tu. Para mim vem elas de carrinho. Conheço-as como os meus dedos...

E, contudo, outro honiem de menos corajoso ânimo encontraria sobejo motivo para estar preocupado também, porque o governador civil de Viana tinha a mania de moralizar o distrito, excepção feita para os grandes influentes eleitorais, e adoptava providencias para que fossem intimadas a criar os filhos as mulheres solteiras ou viúvas, que apresentassem indícios de maternidade próxima.

Essa tineta, que êle, num relatório especial, guindára, Plutarco de si mesmo, até às honras de um serviço humanitário e económico, valera-lhe o hábito de Cristo; desde então, convencendo-se êle proprio de que tinha merecido a graça régia, mostrava-se severo a ponto de fechar os olhos apenas quando

topava com a descendencia ilegal do morgado de Val-das-Donas ou de qualquer outro potentado eleitoral, irresponsavel e iníangível.

Os vilões ruins, sem cotação no mercado das transacções políticas, tinham de aguentar-se com os encargos das suas extravagancias amorosas, da sua prole de contrabando.

·E os jornais do país, especialmente os do norte, não deixavam nunca de louvar o zelo com que o ilustre governador civil fiscalizava a moralidade pública no seu distrito.

Ti' Lelo não era homem que se acobardasse diante de uma contrariedade, por mais irredutivel que parecesse.

Sem saber ainda ao certo a que expediente recorrer, procurava tranquilizar a Rita repetindo-lhe :

— Que deixasse estar ; que tudo se havia de arranjar pelo melhor.

E aconselhou-a a fingir que sofria de sezões, e a que pedisse ao cirurgião (era um curandeiro mais feliz do que muitos medicos encartados) que lhe receitasse quinino para as combater.

A Rita seguiu o conselho e foi procurar o curandeiro.

— Que tens tu, rapariga ?

— Tenho maleitas.

— Estás bem certa ? Não será isso outra cousa ?

— Nada, não. Credo ! Sou capaz de pôr as mãos no fogo, por mim ; pelas outras, não sei.

— Bem. Tu lá sabes. Se são maleitas, vou receber-te quinino.

— É o que me há de fazer bem.

— Pois então aí vai.

E receitou. Daí a pouco, a Rita confessava que o cirurgião tinha acertado com a doença; que os ataques de febre já eram menos fortes, mas que o quinino lhe queimava as entradas.

Muitas das outras raparigas de Ensalde conheciam a história do quinino por experiência própria. Gostariam de deprimir a Rita, mas fingiam acreditar o que ela dizia, para não darem a conhecer publicamente que também tinham quinino no passado. E as velhas, algumas fungando pitadas, diziam com refinada malícia, muito sérias e sentenciosas, ouvindo a Rita:

— Sim... o quinino costuma fazer isso.

Um dia pela manhã, a Rita, depois do Lelo ter ajudado à missa, chamou-o de parte. Estava inquieta, aflita, torturada de dores.

Aproximava-se a hora terrível, que ela tanto receava e desejava.

O Lelo, conservando o seu habitual sangue-frio, disse-lhe que ia fechar a porta da igreja, e que tudo se arranjaria.

— E nós onde é que ficamos? preguntou a Rita.

— Cá dentro, na casa da arrecadação.

Então a Rita, lembrando-se do esquife de madeira pintado de preto, arvorado contra a parede, teve medo da morte e de Deus, esgazeou o olhar, tremeu, receou perder o juizo.

O Lelo animou-a, dizendo-lhe que estaria ali ao

pé dela, e que podia gemer à vontade, porque os santos não a ouviriam; as paredes eram grossas.

Foi efectivamente ao pé do esquife, veículo negro da morte, que a fonte de uma nova existencia brotou; naquele desvão escondo, a morte e a vida enlaçaram-se numa antítese formidável, que não teria escapado a Vitor Hugo.

E o Lelo, muito desfaçado, pegando na criança, sem saber ainda o destino que lhe havia de dar, queria mostrar-se jovial dizendo:

— Este rapaz é todo da igreja; se não sair sineiro... cá por certas razões, sai bispo com toda a certeza.

Ao fim da tarde, a Rita de Parada, amarelida, com as mãos escorrendo um suor viscoso, preguntava ao Lelo:

— E nós havemos de ficar aqui de noute? Tenho medo.

— Qual! respondia êle. Em se indo embora o sol, tambem nós vamos.

— P'ra aonde?

— Tu vais p'r'a tua casa, e eu vou p'r'a minha.

— E o menino?

— Fica por minha conta.

— Vais...

A Rita não pôde concluir a frase, tanto se horrorizou de a pensar.

O Lelo, compreendendo-a sem se dar por ofendido, replicou:

— Não tenhas cuidado no menino, que há de ser mais feliz do que nós.

Durante a noite, o Lelo, em casa, alimentou a criancinha a pequenas colhéres de água assucarada. Por vezes uma tentação criminosa lhe atravessou o espirito. Lembrava-se da pregunta que a Rita deixára suspensa de reticencias transparentes. A vida humana é tão frágil numa criança recén-nascida, que a menor pressão basta para extinguí-la. E o principal obstáculo teria desaparecido; uma camada de terra faria o resto. Mas, pai muitas vezes, nunca procedera assim. O infanticidio não estava nas suas tradições, nem era processo seguido por aqueles que, como êle, se encostavam à Igreja. A religião é a mãe dos filhos que não teem mãe. Pois bem, resolveu entregar-lhe a criança. O governador civil dificultava a roda, sob o requentado lêma «Moralidade e Economia;» mas Deus tem sempre os braços abertos para receber magnánimamente os enjeitados.

Ao raiar da alvorada, Lelo saiu levando o pequenino escondido. Abriu a porta do templo, entrou, e cerrou-a. Poisou o menino na credêncie e foi arrancar os sete gládios de prata que trespassavam o peito de Nossa Senhora das Dores, *Mater Dolorosa*, desolada como na solidão do Calvario. Depôlos juntos sobre o altar. Indo buscar a criança, deitou-a no regaço da Virgem Santíssima, que, pendida a fronte, parecia menos chorosa envolvendo o enjetadinho num terno olhar de carinhosa mãe.

Depois de fechada cautelosamente a porta da igreja, tirou as chaves e correu a meter-se em casa.

Quando chegou a hora da missa «das almas», o

abade, sempre pontual no cumprimento dos seus deveres, estranhou que o sino não tivesse dado ainda sinal. Foi para a porta do templo esperar o Lelo. Chegaram algumas devotas, com um saia posta sobre a cabeça, à laia de mantilha. Notava-se a ausencia de Lelo, que não costumava deixar-se dormir. Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa? Decerto. Uma das beatas ofereceu-se para ir procurá-lo. Pouco depois, voltou com ele, que se dizia adoentado, porque tivera um mau sonho: ladrões, entrando-lhe em casa, haviam-lhe roubado as chaves da igreja, tentando estrangulá-lo na luta.

Abriu-se a porta, porque não passara tudo de sonho... As chaves ali estavam. Viu-as o povo, que já não era pouco; mulheres, principalmente.

O abade, que foi o primeiro a entrar, ajoelhou deante do altar-mór. Viu os gladios de prata, que tinham sido arrancados a Nossa Senhora.

— O que é isto?! exclamou admirado.

As mulheres correram a vêr o que era. Uma delas disse abruptamente: «Nossa Senhora tem não sei quê no colo!» «E' verdade!»

Subiram a escada interior do trôno. Verificaram: era uma criança recén-nascida.

Uma voz bradou:

— Bendita seja Nossa Senhora, que é mãe dos enjeitadinhos!

Outra voz perguntou:

— E agora?

O abade respondeu:

— Uma criança que aparece na minha igreja, sob a protecção de Nossa Senhora, não pode deixar de ser adoptada pelo pároco.

E ficou de pé, muito pensativo, a lastimar que na sua freguesia tivesse havido uma descaroável mãe, capaz de expôr o filho recém-nascido.

XV

Enquanto D. Rodrigo Pacheco fazia tocar a sineta do pátio para reunir todos os criados do solar de Boivão, punhadas fortes, repetidas com frequencia, ressoavam na porta do palacio.

Rapidamente ordenou o morgado novo que os criados se armassem com as espingardas caçadeiras que havia em casa, prontos a ocupar, se fosse preciso, o pátio e o vão das janelas do andar nobre, repelindo o assalto.

Feito isto, D. Rodrigo apareceu no balcão central do edificio, e preguntou com firmeza :

— O que querem vocês ?

Uma voz respondeu :

— Saiba s. ex.^a que somos os criados de Val-das-Donas e que trazemos ordem dô sr. D. José Maria para ficarmos em Boivão, devendo os criados de cá ir fazer serviço em Val-das-Donas.

D. Rodrigo, conquanto estivesse certo de que o pai procuraria vingar-se por qualquer modo, sentiu-se perturbado com tão estranha ordem, cujo sentido não alcançou no primeiro momento. O sangue

estuava-lhe nas artérias; um zumbido, como de vésperas em turbilhão, ensurdecia-o e alucinava-o. Não encontrou outra resposta, na agitação em que estava, senão esta:

— Já ouvi; esperem.

E, retirando-se do balcão, e passeando a passos rápidos pela sala, deu algumas voltas desorientado, até que parou de súbito exclamando:

— Ah! já sei! Meu pai quer conservar-me prisioneiro e coacto em Boivão, guardado à vista pelos seus criados de confiança. Na hipótese de ainda a Tomasia estar aqui, ela ficaria prisioneira como eu, e teria, obrigada pela força, de render-se a meu pai. Na hipótese contrária, a presença dos criados de Valdas-Donas estorvaria que eu me encontrasse com ela em qualquer lugar oculto. E meu pai viria a saber, pelos criados de Boivão, tudo o que elas pudessem contar-lhe. Homem costumado a expedientes decisivos, não recorreu à acção judicial para me expulsar deste solar; prefere empregar a força, que é expediente mais rápido. Pois bem! disse, cerrando no ar a mão direita, ameaçador e torvo, à violencia responderei com a violencia.

E, reaparecendo na varanda, gritou para baixo:

— Ouçam bem a minha resposta: daqui não sai ninguem, nem entra aqui ninguem.

A estas palavras respondeu um rumor confuso de vozes exclamativas; um *brouhaha* ressoante como o dos tumultos populares nos dramas sanguinários.

— Tenho dito, gritou de novo D. Rodrigo Maria reforçando a voz sacudida num tom imperioso.

E como nenhum rumor lhe respondesse desta vez, o morgado de Boivão, olhando para o terreiro do palacio, viu os criados de Val-das-Donas em grupos, conferenciando entre si, como se também os desorientasse aquela resposta, que porventura os obrigaria a tomar uma resolução grave e extrema.

Passou-se um quarto de hora numa expectativa ansiosíssima para D. Rodrigo Pacheco. Receando uma congestão cerebral, que o matasse fulminantemente, firmou os cotovelos contra a parede da sala, e comprimiu o crânio entre as mãos, conservando-se de pé, imóvel, como petrificado.

Foi nessa situação que uma voz rouvenha o despertou, clamando no terreiro :

— Sr. D. Rodrigo !

— Que é ? preguntou o morgado correndo à sacada.

— Ouça bem o que dizemos. Nós trazemos ordem de tomar o palacio à força, e bem nos custa ter de o fazer. Requeremos-lhe que se renda, para nos poupar a perigos e trabalhos.

De pé, a meio da varanda, D. Rodrigo adquirira de súbito uma serenidade estoica, como se o conflito tivesse passado, e contudo nunca o perigo estivera tão próximo.

— Pois bem ! disse êle serenamente. Cumpram as ordens que trazem, que lhes não quero mal por isso. Ouviram ? Façam o que lhes mandaram fazer.

Então as mãos vigorosas dos criados de Val-das-Donas, e as coronhas das espingardas que êles traziam, caíram em repelões sucessivos, retumbantes, sobre as grossas almofadas da porta de velho castanho, no empenho de arrombá-la, o que não era fácil.

Correndo ao interior do palacio, D. Rodrigo gritou aos seus criados:

— Rapazes! a vossa sorte é a minha. Querem assaltar o palacio; o nosso dever é defendê-lo.

Como se impacientemente esperassem esta ordem, os criados de Boivão abriram as janelas, e invadiram-nas, disputando os primeiros lugares. Alguns foram postar-se no pátio, para a hipótese de travarem luta braço a braço quando a porta cedesse.

Foi como se um imprevisto tufão ateasse súbitamente um incendio. Rebentavam pragas, sarcasmos, injúrias entre os criados de Val-das-Donas e os de Boivão. Destes ultimos, um meteu a arma à cara para intimidar os adversarios. Imediatamente, um tiro disparado do terreiro, respondeu à ameaça. E, então, todos os criados de D. Rodrigo, favorecidos pela superioridade da posição, descarregaram das janelas as espingardas que possuíam.

A fumarada, cobrindo o terreiro e cerrando-se em núvem, ia subindo à altura do palacio. Momentos depois, o terreiro estava vasio, os criados de Val-das-Donas tinham corrido a emparedar-se de trás dos troncos dos plátanos, na avenida, e daí enviavam ainda alguns tiros para as janelas do solar. Junto a

um plátano, um criado de Val-das-Donas, caído por terra, agarrava com ambas as mãos a perna direita, que devia estar ferida. Outro criado, de Boivão, caíra de costas na janela, para dentro da sala, atingido no peito.

D. Rodrigo, que acudia a todos os postos, correu a levantar o seu criado, e no momento em que tentava soerguê-lo nos braços, foi repelido por um homem, que lho tirou das mãos, trazendo-o para dentro, e dizendo ao fidalgo:

— Não se exponha s. ex.^a, que o matam. Se não é ouvir os tiros, eu não sabia de nada! Mas cá estou.

E agarrando na espingarda, que tinha encostado à parede, apontou na direcção dos plátanos, desfechando.

Era o moleiro, que regressava da Galiza.

A bravura deste possante auxiliar alentou a coragem dos criados de Boivão, que despejaram as espingardas por varias vezes, até que o moleiro lhes bradou:

— Lá vão êles fugindo por entre os plátanos! Fogo, rapazes, a ver se ainda tombamos algum.

E, ao fundo da avenida, uma bala alcançara um dos fugitivos, que caíra por terra, de borco.

Houve um momento de fúnebre silencio, que o moleiro quebrara dizendo triunfalmente:

— A primeira lição não foi má, patrão. Se dá licença, vou lá abaixo acabar de mandar ao diabo aqueles dous.

— Não, gritou D. Rodrigo. Vão buscá-los, e tra-

gam-nos para serem pensados. Eles não teem culpa do que fizeram.

O moleiro não gostou desta ordem, mas foi cumprí-la. Os outros criados seguiram-no.

O morgado de Boivão desceu ao pátio, e aí ficou esperando que chegassem os feridos: um, o que caíra ao fundo da avenida, tinha fractura no humero; o outro, que primeiramente fôra alcançado, tinha, efectivamente, recebido uma bala na perna direita.

Ambos elles, extremamente pálidos, ressumbrando um suor frio, enodoados de sangue muito vivo, exclamaram ao ver o morgado:

— Perdõe-nos, sr. D. Rodriguinho, que não temos culpa do que fizemos.

E o fidalgo, não menos pálido, estremecendo arrepiado, dizia de si para si:

— Como tudo isto é triste!

O povo, que, despertado pelas sucessivas detonações do tiroteio, tinha acudido aos outeiros para assistir de longe a esse inesperado espectáculo belicoso, começara a reunir-se em grupos, findo ele, para comentá-lo a seu modo, improvisando locutórios em que os pássaros, já meio restabelecidos da comoção do medo, parecia quererem intervir voltando a poifar nas árvores e pipitando frases ainda tímidas, em diálogo com os camponeses.

Brigas armadas explodindo entre fidalgos rixosos e entre parentes mal-avindos por questões de partilha de herança, de predomínio político ou de ódios originados num casamento disputado, não eram em

todo o país espectáculo novo, e menos ainda desconhecido. Mas o que acabava de presencear-se em Boivão oferecia a pouco vista singularidade de ter por motivo uma humilde rapariga do campo, circunstância que interessava o povo mais do que era costume, porque, tomado ele sempre um partido, ainda mesmo quando nada tem a ganhar, o que quase sempre acontece, desta vez opinava com maior afogo, julgando conquistar direitos e regalias para a sua classe.

Que se tratava da «sr.^a Tomasia», que por sua causa tinham vindo agora os criados de Val-das-Donas em som de guerra, como tinham vindo antes os soldados do 7 de caçadores, e que pai e filho estavam dispostos a disputar entre si, encarniçadamente, a posse daquela mulher, que nascera do povo, era claro à perspicacia do instinto popular.

Ora as simpatias dos habitantes de Boivão levavam a patrocinar a causa de D. Rodrigo por um justo sentimento de conveniencia local, quando outras razões não houvesse. O morgado novo fazia-lhes o bem que podia, e nunca lhes causava dano, nem a eles, nem aos seus campos, nem às suas mulheres. Enamorado como estava, poderia vir a desposar a Tomasia, o que seria um triunfo para a classe.

O morgado velho era um libertino, um avarento, um déspota, acusado na voz geral como assassino de sua propria mulher.

Por isso o povo de Boivão, muito indignado, comentava o acontecimento, praguejando contra D. José

Maria, ameaçando-o de oferecer ao filho um apoio colectivo e solidário, se tanto fosse preciso — fazendo lembrar uma partida de vascões que se levantasse nas montanhas da Navarra a proclamar mais uma vez os seus *fueros*.

Dir-se-ia que iriam, correndo, buscar armas e munícões de guerra, arregimentar-se em legião de voluntários e marchar sobre Val-das-Donas, antes de D. José Maria ter tempo de refazer-se da derrota dos seus criados. Era um mar encapelado e revôlto, que esbravejava sanhudo, e que só a satisfação da vingança parecia poder acalmar. De repente, no mais acêso da cólera popular, viu-se assomarem na estrada dois homens, para os quais se voltaram logo todas as atenções. E como se fizesse um largo silencio expectante, ouviram-se, já a menor distancia, os guinchos de uma rabeca estafada, rouca de trabalho e velhice, que um cego andante, guiado pelo seu moço, vinha tocando para chamar gente.

O povo, cachopas pulando à frente, correu ao encontro do cego, que, sentindo auditório, estacou sob as flechas ardentes do sol.

O moço parou tambem e, sacudindo a mão sobre a viola, preludiou.

Então o cego, sanfoninando no violino gosmento, levantando para o sol as faces crivadas de varíola, com as pálpebras afundadas na cavidade orbitária, retesando os tendões do pescoço e escancarando a bôca para vozear num diapasão fundo e soáturno, começou, numa cadencia lenta, gemebunda, que fazia

lágrimas, a cantar o *Noivado do sepulcro*, estro-
piando-o em flagrante pronúncia minhôta:

Bai alta a lúa ! na manson ði a morte
Já meia noute com bagar zoou ;
Que paz tranquilha ! ðos baibens ði a sorte
Só tem discanso quem ali vaixou.

E como se sobre um vagalhão fremente se hou-
vesse despejado de pronto um tonél de azeite, que
o aquietasse, o povo de Boivão, esquecendo-se logo
do tiroteio, das pragas, das juras e protestos, das
ameaças e represálias, que pouco antes o alvoroça-
ram, ficou suspenso da cantoria do cego andante,
que parecia arrancar do peito, como suspiros, os
versos de Soares de Passos, escalavrados em dialecto
semi-calaico.

XVI

Pelos dois criados de Val-das-Donas que ficaram feridos, soube D. Rodrigo Pacheco, ao certo, quais eram as intenções do pai. Não se enganara preven-do-as. O solar de Boivão constituir-se-ia em cárcere privado, donde nem D. Rodrigo nem Tomasia poderiam sair, e onde não lograriam entrever-se. Logo que Tomasia fosse encontrada, dentro ou fóra do palácio, havia ordem de correr um criado a Val-das-Donas para levar a notícia.

Os feridos foram tratados com desvelo, e felizmente a sua vida não correu perigo. Mas o criado de Boivão, cujo ferimento interessara um dos pulmões, falecera em resultado de hemorragia, D. Rodrigo, profundamente impressionado, con quanto lhe aconselhassem que não saísse do solar, porque podia ser vítima de alguma cilada, quis acompanhar o cadá-ver até ao Pinhal do Moinho, onde ficou sepultado, junto à raiz de um pinheiro, em cujo tronco penduraram uma cruz.

Não se enganava D. Rodrigo a respeito das funestas consequencias daquele mortífero rompimento

de hostilidades. Era o prefácio de mais dolorosos acontecimentos, que não poderiam tardar muito. Esperava-os e, no fundo do coração, temia-os.

Confuso, ignorava ainda que ao rancor de D. José Maria se associara voluntariamente um cúmplice. Era João Sabino, que, ao regressar de Boivão a Valença, escrevinhara uma carta, e a foi em segredo lançar no correio.

Essa carta continha propostas de adesão a qualquer intuito de vingança contra a Tomasia de Ral, que o desprezara, havendo-se entregado voluntariamente a D. Rodrigo. João Sabino prometera ao morgado de Val-das-Donas encontrar viva ou morta a Tomasia, se o morgado lhe confiasse a direcção das operações e o protegesse contra as justiças que o procurariam como desertor, porque, sendo aceitas as suas propostas, abandonaria a vida militar.

D. José Maria mandou resposta verbal a Valença por um criado: aceitava. Era um auxiliar sem escrúulos, que odiava a Tomasia e que, portanto, não vacilaria na escolha dos expedientes, nem recuaría deante dos perigos. Convinha-lhe. Mas o seu orgulho de fidalgo tinha-o levado a tentar de conta própria a primeira arremetida; se pudesse triunfar sem o auxilio de estranhos, melhor seria.

João Sabino já estava em Val-das-Donas quando chegaram os criados que tiveram de fugir, sem que as balas os alcançassem. Ouvindo-os contar que haviam sido repellidos a fogo, e que dois ficaram em Boivão feridos ou talvez mortos, D. José Maria,

desesperado, na cegueira do rancor, parecia querer arrancar os cabelos grisalhos e já pouco bastos, que lhe emplumavam a cabeça congestionada. Naquela hora, se pudesse haver à mão o filho e a Tomasia, tê-los-ia assassinado. Era uma fera que despertava açulada pelo instinto da vingança. E João Sabino aticava a cólera do fidalgo prometendo-lhe uma desforra cabal, se confiasse nele, que tinha tanto ou maior interesse ainda em vingar-se.

— Mas qual é o teu plano? preguntou-lhe o morgado.

— O meu plano é arregimentar gente segura com que possa ir tomar o palacio de Boivão. Se eu lá ficar estendido por alguma baia, adeus! acabou-se o meu fadário, que aquela maldita mulher me preparou. Se a cousa me sair bem, prenderei o menino e a Tomasia, se a topar, e hei de trazê-los aqui, à presença do sr. D. José. Que diz o fidalgo?

— Mas o que eu pregunto é onde hás de tu encontrar essa gente segura, que não tenha medo? Dinheiro não faltará...

— Quanto a isso, sossegue o fidalgo. Em Ensalde arranjarei alguns homens, maiormente dois, que teem pouco amor à vida.

— Quem são eles?

— É o Canastreiro e o filho, que já estiveram na Relação do Porto, quando foi do roubo ao abade de Padornelo, e que sairam por se não ter provado o crime.

— Esses... servem. E os outros?

— Os outros são contrabandistas da raia que estão habituados a bater-se com os carabineiros espanhóis.

— E virão eles?

— Hão de vir, fidalgo.

— Mas se tu vais procurá-los podem deitar-te à mão como desertor; e depois é mais difícil eu libertar-te.

— A'gora vou! Não qu'eu não sou tolo. Escrevo a um camarada, que os contrate. E' o *Malagueta*, rapaz destemido.

— E se ele te denunciar?

— Qual denunciar, nem meio denunciar. Muita vez me disse ele que o seu gosto era entrar em fogo ainda que fosse para cometer um crime...

— Se tens essa certeza, mete mãos à obra. E anda depressa.

— Nada se faz sein tempo, patrão. Tenho de escrever p'ra Valença e de esp'rar resposta. Mas s. ex.^a verá que sai obra limpa. Sempre se há de andar com mais ligeireza do que se a cousa corresse pela mão da justiça.

— A justiça! exclamou desdenhosamente D. José Maria. A justiça só serve para os desgraçados que não podem havê-la de outro modo. Lá sevê o que eu fiz com os panos quentes do tal administrador do concelho!

— Tem s. ex.^a muita razão. Eu vou tratar do negócio, se o fidalgo sempre quer...

— Quero. Quando te fôr preciso dinheiro, fala.

— Nanja por ora, fidalgo.

João Sabino, escrevendo ao *Malagueta*, procurava estimular-lhe a índole brava e a cubica dizendo que o morgado de Val-das-Donas pagaria por bom preço as cabeças do filho e da Tomasia de Ral. Não estava autorizado a fazer esta promessa, porque a D. José Maria não falara senão em prender os dois, caso os pudesse apanhar. Mas pareceu-lhe conveniente carregar as cōres do programa, para atiçar o ânimo dos cúmplices, e açulá-los antes da refrega.

Como passassem três ou quatro dias sem haver novo alarme em Boivão, o que a todos admirava, o moleiro, desconfiado de tão longa calmaria, disse a D. Rodrigo :

— Patrão ! o demonio está a tramá-la ! Aqui anda grossa marosca . . .

— Por que dizes tu isso ?

— Por não terem dado ainda sinal de si. E olhe que o paizinho de s. ex.^a não se fica assim . . .

— Sim . . . de certo. Que triste situação a minha !

— Qual triste nem meio triste ! Um home é p'rás ocasiões. S. ex.^a não deve desfalecer, porque tem a razão da sua banda. Se lhe parece que são poucas as desfeitas . . .

— Cala-te ! exclamou com severidade D. Rodrigo.

— Haja de perdoar, patrão. Mas eu sou-lhe tão dedicado, que nem s. ex.^a pode fazer ideia. E por desconfiar que se está tramando alguma grande trabuzana contra o menino, é que falo assim.

— Mas o que hei de eu fazer ?

— S. ex.^a não faz nada; eu é que faço tudo. Deixe-me cá a mim. Sabe que mais, patrão? Vou a Ensalde ver se tóscos o que se passa em Val-das-Donas.

— São capazes de matar-te, se te descobrem.

— A'gora descobrem êles, que são curiosos. Vaso ruim não tem perigo. Mas eu, pelo sim pelo não, cortei as barbas, e mudo de roupa. Temos em casa pólvora e bala para o que der e vier. Cautela e caldo de galinha, dizia minha avó, não fazem mal a ninguém. Mas eu vou a Ensalde num pé e venho no outro.

— Pois vai, respondeu D. Rodrigo.

A linguagem daquele homem, e a sua má fama, causavam-lhe uma estranha impressão de horror; mas a sua dedicação diminuia, quase apagava, essa impressão pessimista. A situação era desesperada, e nos lances extremos todos os caractéres dedicados são aproveitáveis. No crime há tanta dedicação como na virtude; as feras também têm simpatias, deixam-se às vezes domar por uma criança.

O moleiro fez o que disse: cortou as barbas, mudou de fato, montou a cavalo, meteu duas pistolas nos coldres, uma garrafa de aguardente no bolso interior da jaqueta, e partiu para Ensalde.

Daqui por deante vão empenhar-se na luta, entre pai e filho, dois homens que parecem dominados pela febre de sangue e de vingança: João Sabino e o moleiro.

Foi de noite, como mais lhe convinha, que o moleiro chegou a Ensalde. Fóra do povoado, encontrou

solitária a primeira casa da aldeia. Viu luz, e bateu, sem saber quem ali morava. Era o Canastreiro com o filho. Dir-se-ia que os aldeões de Ensalde não consentiam no interior da povoação os dois únicos habitantes que pela sua má fama a desonravam.

— Quem é? preguntou de dentro uma voz rouenha.

— Gente de paz, que vai de jornada, respondeu com firmeza o moleiro.

Veio o filho do Canastreiro ao postigo, viu um só homem segurando uma cavalgadura pela arreata, e recolheu-se a consultar o pai.

O moleiro esperou tranquilamente.

Daí a pouco abria-se a portaria, e a mesma voz rouenha dizia :

— Entre quem é.

O moleiro entrou com as duas pistolas sobraçadas e embrulhadas num farrapo de chita.

— Olá! traz *meninas* consigo! apostrofou o Canastreiro conhecendo que o adventício trazia pistolas.

— Se lhe parece! São p'r'ó caminho. Mas também trago aqui outra *menina*, que não é capaz de fazer mal a ninguem, respondeu o moleiro indicando o gargalo da garrafa.

— O que quer você?

— Pedia que me recebessem até pela manhã, a mim e à cavalgadura.

— Você pode ficar p'r'a aí. Quanto à cavalgadura, não ha córte. Deite lhe em cima uma manta, que é o que se pode arranjar. Isto é casa de pobres, ainda que a voz do diabo diga o contrário...

— Diga o contrário! replicou o moleiro. Ele bem se vê! Vocês hão de ser tão ricos como eu.

— A você nunca lhe contei o dinheiro.

— Pois é bom de contar — disse o moleiro tirando do bolso das calças uma pequena saca de linho, mais comprida do que larga, e tão enodoadas, que já não daria ideia de ter sido branca algum dia — trago aqui quarenta patacos, de que hei-de repartir com você, para lhe pagar a hospedage. Ei chegado ao Porto, tenho de receber maquia grossa, e à volta poderei ser mais generoso.

— Não faz míngua. Uma cama dá-se a um cão. Prante-se ali na enxerga do rapaz, que ele vai dormir comigo.

— Vim dar incômodo, já vejo...

— Onde não há mulheres não faz diferença. O' José, vai deitar a manta velha à bêsta, que há de vir suada.

— Se faz favor... disse o moleiro. E avie-se, que antes da sossega vamos dar um beijo nesta aguardente, que não é de todo má.

O moleiro pôs as pistolas sobre os joelhos e tirou do bolso interior da jaqueta a garrafa de vidro branco, sacando-a pelo gargalo.

O Canastreiro não se fez muito rogado para ir buscar três canecas de loiça. Por sua parte o moleiro tinha pressa de entrar no capítulo das libações, desejoso de aproveitar o ensejo para saber o que se dizia em Ensalde. E o Canastreiro logo planeou captar a confiança daquele homem, para lhe apanhar a

declaração do dia em que voltaria do Porto «com a maquia grossa.» Intentava roubá-lo, por qualquer meio que fosse.

Começaram os três a beberricar, tendo o moleiro o cuidado de entornar a aguardente pelo peito da camisa, quando levava a caneca à boca.

— Então você donde é? perguntou o Canastreiro, preparando o terreno para as confidencias que desejava obter.

— Sou de Valença do Minho, respondeu o moleiro.

— De Valença! Ora espere lá! Então há de saber alguma coisa da grande retesia que houve há dias entre os criados do solar de Boivão e os do nosso morgado de Val-das-Donas? Dizem que parecia *a fim do mundo*.

— Não se fala de outra cousa! Pena foi que não dessem cabo por uma vez do tal sr. D. Rodrigo, alma de cántaro, que não é capaz de dar nem migalha aos pobres e não perdoa um chavo aos rendeiros.

No olhar do Canastreiro passou um relâmpago de alegria felina; estava com a sua gente. O moleiro, observando a impressão que as suas palavras tinham produzido, encheu de novo as três canecas.

Cada trago de aguardente tornava mais expansivo o dono da casa, já confiante no hóspede. Contou-lhe como fôra convidado e por quem para a conspirata que devia liquidar de vez aquela discordia de familia. E era um negócio seguro, porque D. José Maria pagava bem e tinha fechadas na mão as autoridades da comarca. «O que nos importa a nós é o dinheiro

— concluiu êle cinicamente — ; quanto à cachopa que a leve o pai, o filho ou o diabo.»

Nem o hóspede nem os hospedeiros se deitaram. Passava das duas horas da noute, quando o moleiro, tendo sabido tudo o que desejava, disse que não tinha sono e que, portanto, ia seguir jornada. Ficara pactuado entre todos que o hóspede voltaria, três dias depois, do Porto, e roubaria, em proveito seu e do Canastreiro, o dinheiro de que fosse portador; alistar-se-ia no bando que um desertor do 7 de caçadores, chamado João Sabino, o *Sardão*, para se vingar da indiferença da Tomasia, tratava de organizar por conta do morgado de Val-das-Donas para ir a Boivão tomar o palacio, prender D. Rodrigo e procurá-la a ela viva ou morta.

O moleiro quis deixar vinte patacos em sinal de reconhecimento pela confiança que lograra inspirar ao dono da casa, e como prémio da hospedagem; mas o Canastreiro, para afirmar o seu desprendimento, disse-lhe que à volta do Porto receberia a partilha do roubo. . contentando-se com isso.

Arrotando e fingindo-se cambaleante, o moleiro cavalgou com dificuldade e percorreu a passo cêrca de um quarto de léguas. Parou aí, cortou com uma navalha pedaços da camisa e da jaqueta, entrapou as patas do cavalo e retrocedeu para Boivão.

Quando tornou a passar em frente da choupana do Canastreiro, a aguardente estava decerto produzindo os seus naturais efeitos. O Canastreiro e o filho deviam dormir profundamente.

XVII

O moleiro, logo que se julgou em terreno seguro, meteu esporas ao cavalo. Tinha pressa de chegar a Boivão. Reputava-se feliz por haver sabido, em pouco tempo e com pouco trabalho, tudo quanto queria e precisava saber. A certeza de ir empenhar-se uma luta perigosa, que lhe poderia custar a vida, incomodava-o pouco. Tinha visto morrer muita gente: sofrer custava muito, morrer parecia-lhe uma cousa relativamente fácil e doce. O «derradeiro suspiro» afigurava-se-lhe mais um arranco de satisfação, como que um grito de liberdade estrangulado na garganta pela falta de alento vital, do que o estalar doloroso da engrenagem no mecanismo da existencia. O seu pensamento não se traduzia precisamente por estas palavras, mas por uma locução popular, que parece à primeira vista material ou pelo menos scéptica, con quanto não seja talvez mais do que a intuição de que a morte é menos aflictiva do que a vida: «Os mortos já não sofrem nada.»

D. Rodrigo Pacheco ficou sobremodo atribulado com as más notícias que o moleiro levara. Fez-lhe

terror ouví-lo contar com indiferença tudo quanto soubera na cabana do Canastreiro. Era, pois, certo que se preparavam acontecimentos tremendos, de que os primeiros tiros trocados haviam sido apenas o prefácio. Sentiu-se abatido de ânimo e, num momento de prostração, acudiu-lhe a ideia de abandonar para sempre aquele solar maldito, fugindo com a Tomasia, para correr mundo, errante como um zíngaro, procurando trabalho de terra em terra, à mercê do acaso ou da Providencia.

Logo que abandonasse o solar de Boivão, já ninguém o incomodaria. Se seu pai morresse primeiro, como era provável, voltaria a tomar posse, legal e tranquila, da herança que por direito lhe pertencesse. E se a sua morte precedesse a do pai, teria ao menos vivido serenamente os últimos dias da vida.

O moleiro adivinhou, porém, os pensamentos do fidalgo, e procurou exortá-lo dizendo :

— S. ex.^a nada deve temer, porque pode contar com todos os criados que se lhe tem conservado fieis. Se os abandonasse, seria ingrato, porque a vingança do sr. D. José Maria não os havia de poupar. A mim pouco se me dá de morrer; muitas vezes tenho feito por isso. Mas há dentro desta casa muita gente que ficaria desgraçada e perdida.

Este argumento fez impressão na alma escrupulosa do fidalgo; fugir, seria realmente uma cobardia, talvez uma infamia. Mas preparar-se propositadamente para uma luta, que devia ser fatal para um dos contendores, pareceu-lhe sacrifício superior às suas forças.

Ainda desta vez o moleiro lhe adivinhou os pensamentos, dizendo :

— Descanse s. ex.^ª, que eu vou tratar de prevenir tudo o que seja preciso. Vou chamar todo o povo de Boivão à nossa causa, e pode s. ex.^ª crêr que não faltará um unico home. Quer uma cousta, fidalgo ? Fie-se em mim, e não pense mais nisso.

— Mas o que tu não podes é evitar as desgraças que seguramente resultarão.

— Menino ! nós não atacamos ; defendemo-nos apenas. E todo o mundo nos há de dar razão. Deite-se s. ex.^ª a dormir, que eu cá estou p'r'a olhar por tudo.

— Quando ficaste tu, segundo dissesse ao Canastrero, de voltar do Porto ?

— Daqui a três dias.

— Pois bem, confio em ti, mas preciso saír de Boivão por algumas horas, visto que tenho tempo para isso.

— Entendo... entendo, disse o moleiro. Mas s. ex.^ª não deve ir só, porque lhe pode acontecer algum perigo. Eu não posso acompanhá-lo, porque sou cá preciso, mas arranjarei alguém de toda a confiança.

Receoso de que outra pessoa, além do moleiro, soubesse onde a Tomasia estava oculta, D. Rodrigo Pacheco replicou com vivacidade :

— Isso não. Irei só ou não irei.

— Pois bem ! o fidalgo irá só.

E falando com os seus botões reflexionou o moleiro :

— Se não quiser voltar, fico ainda mais livre p'r'a lhe defender a casa. Então é que hão de ser elas.

Uma intensa saudade, ardente e funda, devorava o coração de D. Rodrigo Pacheco, na ausencia de Tomasia. A saudade que pode chorar é como a nuvem efémera que se dispersa em gôtas de agua. Outra saudade, que em silencio avassala uma alma atribulada, é como as grandes nuvens negras que parecem imóveis, e em que a electricidade se condensa sobre o horizonte.

Quando a mulher amada realça pelo nascimento e pela educação, nenhuma das suas elevadas qualidades, por mais requintada que seja, nos surpreende.

Mas a Tomasia de Ral viera de um berço humilde, criára-se entre camponeses crassos, fôra o amor do morgado de Boivão que accordara nela os sentimentos doces e nobres, a inteligencia e a sensibilidade até aí adormecidas por falta de estímulo e orientação.

A Tomasia era, moralmente, a obra desse amor, o trabalho dum lapidário. Cada dia denunciava, inconscientemente, alguma nova surpresa, algum novo encanto. Ao passo que a mulher progrédia, a camponesa recuava.

D. Rodrigo ardia numa febre de artista amoroso, que se inebria deante da sua estrofe ou da sua estátua. Ignorava ainda que vestigios a inquietação e o sobressalto haveriam deixado na alma da Tomasia, depois de medidos na solidão os sacrifícios que êle estava sofrendo por sua causa.

Não se enganara D. Rodrigo prevendo que esse

inesperado conflito ajuntaria uma nova faceta ao diamante lapidado. Foi encontrar a Tomasia mais espiritualizada ainda por uma suave melancolia, que era, além da saudade, o pavor, a incerteza terrificante pelo que se haveria passado na sua ausencia. Os olhos quebraram-se-lhe numa tristeza mórbida, que era como que a refracção da sua propria luz nas lágrimas represas. E sobre toda a sua fisionomia caía como um véu de gaze uma palidez translúcida, que não chegava a ocultar a expressão das feições.

Ovaia, quando viu entrar D. Rodrigo, teve um alvoroço de criança, gritos de alegria, chilidos que não sendo palavras não eram menos eloquentes do que elas.

A Tomasia, de pé, encostando-se a um móvel, lívida e ofegante, cravara os olhos amortecidos em D. Rodrigo, numa insaciável avidez de visão, sem que pudesse articular sequer o nome dele.

D. Rodrigo comprehendeu-a, e correu a cingi-la ternamente num longo abraço em que os dois corações se confessaram um ao outro palpitando com igual rapidez.

Foi então que as lágrimas da Tomasia rebentaram num soluço, que teve o que quer que fosse de estertor.

— Tens sofrido muito, minha pobre Tomasia! exclamou o morgado.

— Se tem!... se temos! replicou, numa involuntaria expansão de despeito afectuoso, a velha Ovaia. Ela desde que cá estamos não come, não dorme, não fala... Isto p'r'a nós nem é viver!

— Minha pobre Tomasia! repetiu com amargurada ternura o morgado. E tu, minha pobre Ovaia, quanto não tens sofrido tambem!

— Eu cá, meu querido menino, sou como a azeitona curtida; estou habituada ao sal, que é amargo. Mas a sr.^a Tomasia, se vai por este andar, cai doente dentro em pouco.

E, como se arrependesse de ter suscitado um assunto triste, mudou súbitamente de tom:

— Que doente já ela está, segundo diz a nossa criada galega.

— Doente! O que tem então?! preguntou o morgado com anelante interesse.

— O meu querido menino vai-se rir. Diz que é morrinha.

— Morrinha?!

— Admira-se! Tambem nós nos admiramos. Mas a galeguita explicou que dão cá este nome à tristeza das pessoas que estão longe da sua terra.

D. Rodrigo envolveu Tomasia na maciez de um olhar ternamente veludoso. Compreendeu que não era a saudade da patria, a nostalgia, o que a fazia sofrer, porque ela tinha abandonado voluntariamente Ensalde, e parecia viver feliz em Boivão. A sua doença era a saudade dêle, a neurósis do amor na ausencia, a hipocondria funda que nasce dum grande desgôsto íntimo.

A pouco e pouco, como a graduação lenta da luz matutina, que passa por varias *nuances* antes de fixar se, a alma da Tomasia foi acordando na serenidade.

dade e no sossego, colorindo-se como o céu ao alvorecer, desabrochando, flor do sentimento, em pétalas de luz.

Foi ela que insistiu com D. Rodrigo para que não deixasse de ir ver o adro da igreja. Queria mostrárlhe o sítio onde todas as tardes ia sentar-se, com a Ovaia, pensando nele amargamente; queria sentir-se feliz, sentada nos degraus de pedra do templo, onde durante tantos dias as lágrimas pareciam estrangular-lhe a vida na garganta.

Saíram ambos, numa expansão de alegria chilrante, apenas concedida pela natureza aos namorados, às crianças, e aos passaros.

Pela janela da cozinha rompia a voz da *muchacha*, enviando-lhes, certamente como saudação malficiosa, uma canção do país:

A viña d'os namorados
Fai com'o zume d'a uva:
S'un bebe moito, emborracha,
E se pouquecho, dá gula.

Não sei se os dois ouviriam a trova da *cocinera*, que, num momento, vendo chegar o português, compreendera todo o romance de um amor até então ignorado por ela. Mas há uma alegria contagiosa entre gente moça: é a que resulta do espectáculo da felicidade no amor.

Até a Ovaia, que às vezes se entristecia ouvindo a *muchacha* cantar *muiñeiras* num tom lento e melancólico, muito arrastado, estranhava-a naquele dia,

porque todas as *copras* se lhe afiguravam alegres e vivas.

Já os dois iam decerto longe, e a *cocinera* não cessava de cantar o seu vasto repertorio galego, parecendo contudo que lhe acudiam de preferencia à memoria as cantigas alusivas ao amor e a Portu gal

Costureiriña bonita,
Vólve pol-o devantal
Que che queda de bandeira
N-a raya de Portugal.

Santa Mariña de Rosal fica num vale delicioso de suavidade, abrigado por colinas verdejantes. O arvoredo é basto e frondoso. O rio Tamuje, muito claro e manso, vem deslizando até ali desde a paróquia de Burgueira, refrescando a verdura viçosa do vale.

A igreja, com uma só torre, é de arquitectura modesta, mas o adro ensombra-se deleitosamente com a rainaria larga de velhos sôbros e castanheiros.

D. Rodrigo e Tomasia, sentados nos degraus do templo, sonhavam esperanças em melhores dias, que Deus lhes havia de conceder, indemnizando-os generosamente do que tinham sofrido.

— Havemos de casar aqui, disse-lhe êle, nesta igreja, longe de todas as recordações dolorosas de Boivão.

Ao ouvir esta palavra, que a chamou à realidade, Tomasia estremeceu. Muito pálida e convulsa, passara os braços ao pescoço de D. Rodrigo, e disse-lhe com a voz trémula de comoção:

— Peço-lhe, pelo nosso amor, que não torne a Boivão. Que importa ser rico ou pobre? Não vá.

O morgado procurou, carinhosamente, fazê-la convencer de que a sua honra o obrigava a voltar a Boivão, acontecesse o que acontecesse. Mas todas as contrariedades da vida tinham um termo, e a felicidade havia de voltar de um momento para outro. Conseguiu tranquilizar Tomasia algum tanto, prometendo-lhe que se não exporia aos perigos, e selando a promessa com um longo beijo, que foi como que a embriaguez de uma borboleta sorvendo o nectário de uma rosa fresca.

Em casa, Ovaia chamara de parte D. Rodrigo:

— Tome conta em si, menino, e volte de pressa, porque esta pobre rapariga morre-me de desgosto nos braços. Há de haver por esse mundo muitas fidalgas e princesas que tenham coração menos delicado que ela. De mim não falo, que tomara eu que Deus me tirasse dêste mundo perverso.

D. Rodrigo abraçou-a com filial carinho, e prometeu que logo que pudesse voltar premiaria a dedicação da Tomasia fazendo-a sua mulher.

Ovaia, muito abafada em soluços, respondeu:

— Digam os fidalgos o que disserem: é digna disso.

Na manhã seguinte, a Tomasia, lívida e ofegante como no dia da chegada do morgado, encostava-se a um móvel para não caír desfalecida. D. Rodrigo, abraçando-a, e beijando-a, sentia-a fria e convulsa, e ouvia-lhe o coração palpitando em tumulto.

Ela, sem lágrimas, num esforço de voz curta e velada, dissera-lhe ao ouvido numa encantadora timidez de pudor:

— Promete-me que tornarás breve.

Era a primeira vez que o tratava por tu.

E D. Rodrigo, peito contra peito, labios contra labios, amparando-a nos braços, respondera:

— Prometo.

Durante dez minutos, a Tomasia e Ovaia viram da janela, acenando com os lenços, o fidalgo voltar-se no cavalo a olhar para trás, e, seguindo o cavalo, um enxame de crianças que iam correndo aos pulos pendinчando numa gritaria arrepiante:

— *Pêrra chica! Pêrra chica!*¹

¹ Moeda espanhola, de cinco centimos.

XVIII

D. Rodrigo Pacheco, chegando a Valença, tinha dois itinerarios a escolher: meter pela serra, que era o caminho mais curto, ou seguir a estrada pública.

Vacilou um momento, mas optou pela estrada. Lembrou-se de que prometera à Tomasia que evitaria os perigos. A serra era solitária, e se lhe fizessem uma espera, não haveria quem o socorresse aí. Na estrada encontraria de certo alguém, que tanto poderia ser um amigo ou um inimigo. Mas, na peor hipótese, ser-lhe-ia mais fácil defender-se ou fugir; e pois que regressava de Espanha, incomodava-o menos que o vissem à volta do que à ida, porque todo o seu receio era que se descobrisse o paradeiro de Tomasia.

Caminho fóra mentalizava interrogações e dúvidas.

O que teria acontecido em Boivão durante a sua ausencia? Que elementos de resistencia haveria organizado o moleiro? O povo acudiria ao chamamento? Todas estas preguntas lhe preocupavam o espírito ensombrando-o sinistramente. Mas uma ténue

claridade longinqua, semelhante à de um farol que se avista ao longe em mar tenebroso, dava-lhe um vago alento de esperança e fé: era a recordação suave das horas que passara enternecido em Rosal; era a imagem de Tomasia.

-- Se caminho para a morte, chegou êle a pensar, estranho a coragem com que se pode morrer.

Até avistar a igreja de S. Mamede, que fica à margem da estrada, não encontrou vivalma.

Mas, a breve trecho, depararam-se-lhe dois homens, que iam conversando um com outro, e fumando cachimbo.

Picou o cavalo e passou rápido, olhando de soslaio, para ver se o saudavam. Nenhum dos dois levou a mão ao chapéu, sinal certo de que o não tinham reconhecido.

Em sentido contrário vinha outro homem, o que alguma suspeita causou a D. Rodrigo. Mas a suspeita desvaneceu-se logo, porque este viandante parou respeitosamente e, descobrindo-se, cumprimentou-o:

— Salve-o Deus, sr. morgado.

Quem seria aquele homem? Não lhe era de todo estranha essa fisionomia; mas não o reconheceu como habitante de Boivão.

D. Rodrigo ainda se voltou, sobre o cavalo, para ver se os três homens parariam a falar quando se encontrassem. Efectivamente, assim tinha acontecido.

— Falam a meu respeito, pensou o morgado. Este homem, que me conheceu, está dizendo aos outros quem eu sou

Os dois que vinham de Valença eram *Malagueta* e um contrabandista por êle contratado para o assalto ao solar de Boivão. Iam para Val-das-Donas. Por curiosidade, ou talvez por intuição felina peculiar aos caractéres perversos, preguntaram ao homem com quem se encontraram, quem era o cavaleiro que tinha saudado.

- E' o morgado de Boivão.
- Quem ? ! exclamou surpreendido o *Malagueta*.
- O sr. D. Rodrigo, morgado de Boivão.
- Está bem certo disso ?
- Não conheço eu outra cousa !
- O filho do morgado de Val-das-Donas ?
- Esse mesmo.

O *Malagueta*, que vestia à paisana, meteu a mão na faixa de lã preta, tirou uma pistola de dois canos, deu uma corrida, parou de súbito, apontou contra o cavaleiro, e desfechou. O tiro não acertou, e o morgado de Boivão, sentindo zunir a bala, ia a voltar-se para vêr quem disparara. Nesse momento interveio o contrabandista: uma segunda bala feriu-o pelas costas, e, atravessando-lhe o pulmão direito, matou-o instantaneamente.

D. Rodrigo tombou do cavalo, que partiu a galope, mas o cadáver ficara preso por um dos pés ao estribo, e foi arrastado durante algum tempo.

O contrabandista, vendo que o involuntário denunciante fugia horrorizado, correu sobre êle, agarrou-o e, desembaraçando-se facilmente da faixa, envolveu-lha nos queixos, amordaçou-o.

O pobre homem não lutára; ficou desfalecido no chão.

— Mata-o, aconselhou o *Malagueta* ao contrabandista.

A ordem foi rapidamente cumprida. O contrabandista cravou-lhe uma navalha no coração. Mas o corpo não se moveu. A asfixia e a comoção tinham ocasionado a morte.

Avançando na estrada, os dois cúmplices encontraram, a certa distancia, o cadáver do morgado de Boivão, já desembaraçado do estribo.

— Isto é que foi caír a sopa no mel! exclamara ferinamente o *Malagueta*.

— Não se ganha dinheiro mais depressa, blasonou o contrabandista com brutal jactância.

— O que é preciso é que não venha gente agora...

— Se vier...

— Pois está visto. Mas vamos a tirar o corpo do morgado p'ra dentro do pinhal, porque temos ainda alguma cousa a fazer.

— Revistar-lhe as algibeiras?

— Não é só isso. Cortar-lhe a cabeça.

— Como?

— Pois o que diz na carta o João Sabino? Que a cabeça do morgado de Boivão estava a prémio. Não podendo levar o cadáver, levamos a cabeça, e ganhamos o prémio.

— Mas não temos faca!

— Não importa. A navalha ainda agora te serviu p'ra alguma cousa...

— Pois serviu.

— E eu trago outra. Vamos a isto, que não há tempo a perder.

Pegaram no cadáver, um pela cabeça, outro pelos pés, atiraram-no por cima do muro baixo da estrada para dentro do pinhal. Depois saltaram êles, e arrastaram o corpo até onde lhes conveio para não serem facilmente vistos.

Com uma intuição anatómica que talvez se possa explicar pela bossa do crime, enquanto um segurava o cadáver, o outro, servindo-se da navalha, enterrou-lha entre o ácsis e a terceira vértebra cortando a espinhal medula; depois, fazendo obliquar o golpe, foi rasgando os tecidos até à região tireoídea, completando a decapitação.

Os dois criminosos tinham pressa de acabar e de escapar-se por atalhos, ambos receosos de que os criados de D. Rodrigo, quando vissem chegar o cavalo sem o cavaleiro, saíssem alarmados à procura do amo.

O cavalo, correndo a galope, só parou em Boivão, à porta da estrebaria, onde foi visto, meia hora depois, por um criado, que logo começou a gritar:

— Mataram o nosso amo! Mataram o nosso amo! Acudam! acudam!

Correram todos os criados, em tropel; mas faziam-lhes falta o moleiro, que estava em casa do ferrador, assistindo e ajudando ao concerto de algumas espingardas.

Foram chamá-lo.

O moleiro, ouvindo a triste nova, exclamou num tom de dor bravio:

— Ah! patifes! que lhe hei de arrancar o coração em vida. Eu bem não queria que o nosso amo fosse sózinho. Mas êle ateimou. Era a morte a chamar por êle.

A notícia espalhou-se rapidamente na aldeia. As mulheres levantaram um clamor ululante. Um dos criados de Boivão foi tocar a rebate. Juntou-se imenso povo, num desvairamento aflitivo.

O moleiro fez calar as mulheres, ameaçando-as. Deixou alguns homens distribuidos na estrada para que ninguém pudesse passar, e saiu à frente dos criados e de outros camponeses para fazer uma batida, procurando o cadáver do amo, e os assassinos.

Mas os dois cúmplices tinham calculado bem. Passaram ao largo, por Boivão, cada um por sua vez, antes do sino tocar a rebate. Quando o ouviram e compreenderam o que acontecera, apesar de irem longe, juntaram-se para o caso de poderem defender-se melhor, se fosse preciso, e estugaram o passo.

Toparam apenas uma rapariguita, que levava à cabeça um taleigo, e que lhes preguntou:

— O' tios! porque barréga aquele sino?

E o contrabandista, andando sempre, respondeu-lhe:

— Acho que é por causa das décimas.

João Sabino não ficou contente quando viu chegar a Val-das-Donas apenas o camarada e o contrabandista.

- Então só vem dous ! exclamou êle.
- Não se pôde arranjar mais, mas tambem já não fazem míngua... respondeu o *Malagueta*.
- A'gora não fazem !
- Digo-f'o eu. O morgado de Boivão foi morto.
- O que ?! Por quem ?!
- Por nós.
- Mas como foi isso ?! Quem vos mandou matar o home ?!
- Fostes tu.
- Fui eu !
- Faz-te de novas. E não foi só isso que pusestes na carta. Mas avia-te, vai avisar o morgado velho, que com esse é que nos queremos entender.

João Sabino, entre assustado e satisfeito, foi dizer a D. José Maria que já tinham chegado os dois homens de Valença, e que lhe queriam falar. Traziam notícias importantes.

— Pois que entrem, respondeu o morgado de Valdas-Donas.

Entrando à sala, os dois assassinos mostravam-se orgulhosos do seu triunfo.

O *Malagueta* falou desembaraçadamente:

- Patrão, nós cumprimos as ordes que nos deram.
- Que ordens ?! Expliquem-se.
- Matamos o morgado de Boivão.
- O que dizes tu ?! exclamou D. José Maria numa convulsão de terror.
- Matámo-lo na estrada e para prova — continuou

com desplante o *Malagueta* desembrulhando a faixa que embrulhava o crânio de D. Rodrigo — aqui está a sua cabeça.

D. José Maria recuou espavorido, de um salto, hirto de surpresa e horror ; os cabelos grisalhos, e rareados, puseram-se-lhe em pé, e os olhos, abertos mas paralisados, pareciam de vidro fosco.

De repente caiu ao chão, sentindo-se ranger os ossos na queda.

O *Malagueta* pôs o índice da mão direita sobre o nariz, recomendando silêncio ao João Sabino e ao contrabandista, ao mesmo tempo que os ia empurrando para a porta. E, já no patamar, disse-lhes :

— Estamos perdidos. Tratemos de ver se apanhamos alguma cousa, e safemo-nos quanto antes.

Nem uma recriminação contra João Sabino ! Os criminosos aceitam a «fatalidade» do crime. Nas situações difíceis, as lástimas preocupam-nos menos do que os expedientes.

Foram ao quarto do morgado, remexeram nas gavetas dos contadores, algumas das quais, por estarem fechadas, tiveram de forçar com o auxílio das navalhas ; encontraram rôlos de dinheiro em ouro e prata. Fugiram, sem despertar suspeitas, porque João Sabino, desde que chegara, era um íntimo com quem o morgado conferenciava em segredo.

Ao cabo de algum tempo, que não podemos calcular, D. José Maria tornou a si, frio e extenuado, como se tivesse acordado no túmulo. Sem querer voltar-se para o sítio em que o *Malagueta* tinha mos-

trado a cabeça de D. Rodrigo, arrastou-se até à porta, e começou a gritar com débil voz. Teve medo de morrer antes que chegasse gente. Mas acudiu um criado que, vendo de rojo o patrão, chamou os outros. D. José Maria, com humildade que jámais tivera com os seus domésticos, pediu que o pusessem no leito e fossem chamar o abade de Ensalde e o tabelião.

Apareceu primeiro o abade, a quem o morgado quis confessar-se, arrependido de seus grandes pecados.

O virtuoso pároco de Ensalde ouviu-o, e aconselhou-o sobre as disposições testamentárias que mais deveriam agradar à justiça de Deus e dos homens.

O tabelião fez-se esperar, mas quando chegou, e foram chamadas testemunhas, o testamento de D. José Maria estava reduzido a uma fórmula simples e concisa: os bens de Boivão, livres e alodiais, que sua mulher levou em dote, deixava-os à Tomasia de Ral como indemnização devida pelos desgostos que lhe causara; fazia alguns donativos em dinheiro a parentes remotos da referida sua mulher, com obrigação de promoverem sufrágios implorando a misericordia divina para uma alma pecadora.

De mais nada podia dispor, porque o vínculo de Val-das-Donas passava à linha transversal.

Como, fechado o testamento, o abade dissesse ao morgado que procurasse concentrar o seu pensamento em Deus, D. José Maria ficou silencioso e recolhido, com os olhos fechados, durante largo tempo.

A sua respiração era frouxa, quasi imperceptível.

O abade, sentado à cabeceira de leito, velava rezando.

Houve um momento em que o pároco julgou ouvir um ruído longinquo, como vozaria de plebe amotinada. Levantou-se inquieto; foi à janela. O rumor crescia, avançando. E o abade viu camponeses, principalmente mulheres, que fugiam correndo e clamando, fazendo lembrar que vinham acossados deante de um exército inimigo. Ouviam-se alguns tiros, que maior grito provocavam por parte dos fugitivos.

D. José Maria agitou-se no leito, estrebuchando.

— O que ? ! disse ele com voz sumida, sem poder completar a frase.

O abade aproximou-se e ia a responder — Será talvez algum cão danado — quando D. José Maria, tremecendo violentamente, exalou, num arranco instantâneo, o derradeiro alento.

Era o povo de Boivão, que, em som de guerra, com o moleiro à frente, vinha fazer justiça por suas próprias mãos.

A turbamulta, num alarido atrorador, entrou de roldão, sedenta de vingança, no solar de Val-das-Donas.

O moleiro e mais alguns homens foram os primeiros a chegar ao quarto do morgado, mas o abade de Ensalde, de pé, junto ao leito, dissera-lhes solenemente apontando para o cadáver:

— A justiça de Deus chegou mais cedo que a dos homens.

XIX

João Sabino e os dois assassinos do morgado de Boivão combinaram seguir caminhos diferentes em direcção à Póvoa de Varzim.

O que chegasse primeiro esperaria os outros a meio da estrada da Póvoa a Vila do Conde, a fim de poderem negociar passagem para a Galiza numa lancha de pesca.

Receosos de que a justiça conseguisse descobrì-los, queriam vêr-se fóra do país. Quem propôs este alvitre foi o *Malagueta*, parecendo-lhe que a sua deserção deveria causar suspeitas. João Sabino, também deserto, apoiou a lembrança. E o contrabandista aceitou-a como vantagem para êle, porque não lhe convinha afastar-se muito da fronteira, que era o seu teatro de operações.

Os indícos, que mais receavam, eram a deserção dos dois, a inconfidencia de alguns cúmplices, como o Canastreiro de Ensalde, que vendo o «negocio perdido» certamente dariam com a língua nos dentes, e o encontro da rapariga na estrada.

O primeiro a chegar à Póvoa foi o contrabandista,

que estava muito habituado a escapar-se para não ser preso. Chegou em segundo lugar o *Malagueta*, que não sabia o caminho, mas que foi seguindo a orla do mar. Em terceiro lugar chegou João Sabino, que era o mais preocupado dos três.

Algumas vezes, durante a jornada, tivera longas paragens à sombra de um pinheiro ou de um rochedo, sentando-se ou deitando-se no chão a pensar naquela grande tragédia, em que livera parte, e de que mal poderia suspeitar nos dias felizes de Ensaldé. A sua reflexão insistente, síntese da desgraça em que se via, era esta: «Como o diabo as arma!» Mas pensar na sua desgraça valia o mesmo que pensar na Tomasia de Ral, porque fôra ela a causa de se ver agora perdido. Então uma onda amarga de fel subia a afogar-lhe a voz na garganta. Secava-se-lhe a língua. A cabeça escaldava-lhe. O morgado de Boivão já pagara bem caro a felicidade de possuir a Tomasia. Que no fim de contas — pensava João Sabino — o morgado de Boivão fizera apenas o que fariam todos os homens: aceitara uma mulher que se lhe ofereceu, e que era bonita. Arrependia-se de ter mandado dizer ao *Malagueta* que a cabeça de D. Rodriggo estava a prémio. Procurara apenas estimular a ambição do sujeito, cujos instintos sanguinários conhecia. Queria-o bem interessado no «negocio»; e estava longe de imaginar que o acaso preparasse tão rápida solução. Contra a Tomasia, a quem devia o ser desertor e cúmplice num crime de morte, é que ele havia de ter instigado o camarada. E contudo

fôra justamente a ela que não acontecêra mal nenhum! Ah! que se êle proprio pudesse ainda tirar uma desforra formidavel, uma vingança terrivel contra aquela mulher que o perdêra! Não deixaria escapar a ocasião, se o acaso lha deparasse. Mas como? Nunca mais a veria. Era um criminoso, que teria de andar a monte, comendo o pão que o diabo amassou...

Se os dois cúmplices pudessem adivinhar o que, longe dêles, frequentes vezes pensava, teria vergonha; lembrava-se então de que ambos o estariam já esperando, e punha-se a caminho.

Reunidos os três no sitio combinado, foram o *Malagueta* e o contrabandista, cortando através de gandras, saír ao bairro sul da Póvoa, guiando-se pela igreja da Senhora da Lapa. Aí, entraram numa taberna, onde muitos pescadores conversavam na aravia que lhes é peculiar, discutindo coisas da vida marítima, rivalidades de companha, num tom de desordem que certamente não correspondia às intenções amigáveis de todos êles. Os dois intrusos sentaram-se a comer sardinhas assadas e a beber vinho verde, muito rascante.

A principio, os pescadores olharam-nos com certa reserva, pensando, na sua eterna desconfiança sempre ingénua, que fossem «homens da décima» ou outros vampiros encarregados de lhes sugar impostos. Mas os dois ofereceram-lhes vinho, elogiaram a coragem dos pescadores poveiros, que até para atracar à praia tinham de arriscar a vida; disseram mal das autoridades, que só costumam lembrar-se da classe

piscatória para colhêr algum fruto em dinheiro ou votos; e acabaram por gabar a linda igreja da Lapa, que apenas tinham visto por fóra, mas que logo mostrava ser ali a séde da irmandade dos pescadores, por estar edificada no areal, à beira-mar, para que Nossa Senhora os ouvisse melhor quando êles a invocassem nos perigos da pesca.

Depois, como por acaso, apareceu João Sabino.

Captada a simpatia dos poveiros, ficou a breve trecho combinado com um dêles que os levaria na lancha, nessa mesma noite, e que os deitaria na costa da Galiza, onde pudesse ser.

Feito o contrato foi João Sabino, com o pescador, cambiar algumas das boas libras do morgado de Val-das-Donas por dinheiro espanhol, numa loja de campista, como dizem na Póvoa, da rua da Junqueira.

O duplo crime da estrada de Boivão soava já a esse tempo no Alto Minho, mas as justiças ainda não tinham dado um passo para capturar os criminosos. O governador civil de Viana, quando soube da morte do morgado de Val-das-Donas, respirou desoprimido, porque não mais teria que sofrer-lhe as imposições escandalosas. E o administrador de concelho demitido por influencia de D. José Maria achou que a justiça de Deus era menos cega que a dos homens. «Aquêle patife, dissera êle, não podia acabar bem.» Quanto ao pai, era esta a opinião geral; quanto ao filho, todos lastimavam o bárbaro crime de que fôra vítima, mas não há nada menos possivel do que re-

pôr sobre os ombros de um homem estimado a cabeça que lhe cortaram.

Os três criminosos foram lançados em terra junto a Vigo, apesar da fiscalização dos empregados da aduana, e dos carabineiros. Desembarcados sãos e salvos, separaram-se. João Sabino acompanhou o contrabandista até chegarem a Tuy, porque ao passo que êle obedecia à sugestão da saudade aproximando-se da província em que nascera, o contrabandista queria-se entre pessoas conhecidas, seus cúmplices nas aventuras do contrabando.

O *Malagueta* não obedecia senão a um móbil: salvar a péle evitando as garras da justiça de Portugal. Por isso avançou de Vigo para o interior, dirigindo-se a Lugo.

Numa *fonda* de Tuy, muito frequentada de arreeiros e almoocreves, tiveram João Sabino e o contrabandista ocasião de ouvir falar do homicídio de um camponês e principalmente da morte do morgado de Boivão, mais acrescentada em horrores de atrocidade pelas hipérboles que costumam avolumar todas as narrativas trágicas.

Contava um almoocreve que os assassinos não só tinham cortado a cabeça ao fidalgo português, mas também lhe haviam espostejado o corpo.

João Sabino sentiu medo de ser descoberto, e disse ao companheiro que, por cautela, ia meter-se terra dentro, evitando a estrada da fronteira.

O contrabandista riu com desdém.

João Sabino preguntou a um arreeiro que, tinha tipo

de cigano, para onde é que ia. Agradava-lhe a ideia de encontrar uma criatura com quem fosse conversando, para não ter que pensar na sua desgraça.

O arreeiro respondeu-lhe que ia ao mercado de Rosal, que se fazia no dia 18 de cada mês, havendo muitas transacções de gado.

— Pois eu vou consigo ver o mercado, disse João Sábino.

Passava-se isto sete dias depois da carnificina de Boivão, e ainda a Tomasia de Ral e Ovaia a ignoravam.

O moleiro, única pessoa que em Portugal conhecia o paradeiro da Tomasia, andava empenhado numa cruzada afanosa: descobrir os assassinos e encontrar o cadáver do morgado de Boivão.

Prendera e entregara à justiça, a qual continuava a não se mexer, o Canastreiro e o filho, que fugiram, mas que foram perseguidos com bom éxito. O Canastreiro denunciara João Sabino, que ainda não tinha sido possível encontrar, e declarara, pensando salvar-se, que João Sabino tinha contratado gente em Valença. O depoimento da rapariga, que encontrara os dois homens no caminho, completara esta última declaração. Os dois desconhecidos deviam ter fugido para o sul, e foi nesse sentido que o moleiro dirigiu então a batida, explorando todos os atalhos, e inquirindo todos os transeúntes. Alguns disseram-lhe que tinham encontrado um homem qualquer, mas que lhes não havia inspirado desconfiança. Seria talvez algum dos três cúmplices, que, por caminhos diferentes, fugiram para a Póvoa.

O moleiro, com o seu bando, seguiu até Viana do Castelo, onde se foi apresentar ao governador civil, o qual lhe elogiou muito o procedimento, e lhe asseverou que em Viana não tinha passado nenhum indivíduo suspeito.

Ele não sabia bem se isto era assim, mas uma autoridade esperta deve sempre mostrar-se bem informada. E, despedindo o moleiro, recomendou-lhe que, no caso de encontrar os assassinos do morgado de Boivão ou algum dêles, não fizesse justiça por suas proprias mãos, porque só à lei competia castigar os criminosos.

Quando o moleiro voltou a Boivão, nove dias depois da morte do morgado, ia desalentado por não ter podido vingá-la. Bem se importava êle com as recomendações do governador civil!

O camponês que aparecera morto na estrada devia ter visto tudo, mas a navalha do assassino anulara a hipótese de poderem obter-se revelações comprometedoras.

Em Boivão soube o moleiro que o cadáver de D. Rodrigo tinha aparecido, em adeantada decomposição, e que fôra denunciado por um enorme enxame de moscas, que, formando uma nuvem espessa, voltavam sobre êle.

Tinha sido enterrado, por ordem do regedor, no mesmo sitio, em que fôra encontrado, porque o removê-lo dali, na opinião paroquial, «causaria febres à saúde publica».

Indignou-se o moleiro, e jurou que se estivesse

presente, o cadáver do morgado, em vez de ser enterrado como um cão, teria tido sepultura na capela da casa.

Mas foi em Boivão que êle se lembrou de ir à Galiza buscar a Tomasia, para acompanhá-la ao solar que lhe pertencia.

E então, a fim de ganhar o tempo perdido, fez a jornada a marchas forçadas.

Pelo caminho ia dizendo com os seus botões:

— Eu, que sou capaz de meter uma bala no coração dum home, sinto faltar-me a coragem para contar àquelas duas mulheres o que elas ainda ignoram.

Ah! que se ele tivesse podido chegar à Galiza dois dias antes...

O arreeiro, guiando a sua récua, e João Sabino a par dele haviam calcurriado de Tuy para Rosal conversando como bons amigos.

No caminho, o arreeiro vendo tatuado um dos pulsos de João Sabino, disse-lhe que já encontrara outros homens assim sarapintados no corpo, mas que não sabia como aquilo se fazia.

João Sabino prometeu ensinar-lhe, e mostrou-lhe o cabo de madeira, as agulhas, a pólvora tritura-dada e o azul de brunideira, seus utensilios predilectos, que jamais abandonava.

Chegando a Rosal, deram fé de se abrir uma janela e assomar uma linda mulher mirando impaciente de esperar alguem. Fôra certamente o estrépito das cavalgaduras que lhe despertara a atenção.

João Sabino reconheceu-a logo. Era a Tomasia

de Ral; estava mais pálida, mas não menos bela. Um alvorôço de infernal alegria pareceu cravar a ponta de um estilête no coração de João Sabino. Tomasia não o reconheceu, nem sequer suspeitou daquêle homem, muito queimado do sol, com as barbas crescidas, que se parecia com todos os almoctores e arreeiros que frequentavam a estrada de Rosal por ocasião do mercado.

Como o João Sabino, aturdido pela surpresa, caminhasse calado durante algum tempo, o arreeiro estranhoulhe o silencio.

— E' que, respondeu João Sabino, vi agora o diabo.

O arreeiro olhou para êle com espanto.

— São contos largos. Vamos lá procurar a *fonda* e prender as bêstas. Conversaremos depois.

Assim fizeram. Arraçoadas as cavalgaduras, João Sabino e o arreeiro atravessaram o largo da igreja e afastaram-se conversando à puridade. João Sabino começou por dizer ao outro que tinha dinheiro para galardoar todos os serviços que lhe prestasse. Ocultando a parte que tivera no homicídio do morgado de Boivão, contou que estava desgraçado por causa de uma mulher, que lhe não podia sair do pensamento. Quando menos o esperava, tinha-a visto em Rosal; era aquela linda cara que aparecera à janela de uma casa alta.

O arreeiro confirmou que também lhe parecera muito bonita; e preguntou pondo as cartas na mesa:

— Mas o que queres tu fazer? A tua ideia é matá-la?

Apesar da intimidade já estabelecida entre os dois, João Sabino ficou embaraçado com a pregunta.

— Não... eu quero vingar-me.

— Mas isso de matar, objectou o arreeiro, fia mais fino, porque toda a gente me conhece desde a raia até à Corunha e facilmente me apanhariam.

— Não... eu quero apenas meter-lhe medo e lançar-lhe em rosto a sua ingratidão.

— Mas a mulher há de gritar...

— Amordaça-se.

— E não há mais gente em casa?

— Decerto há, mas é o que trataremos de saber.

— Bem, se me dás a tua palavra de que a não matas, conta comigo.

— Dou, sim. E pega lá cinco *duros* para prova de que não estou de má fé contigo.

XX

Tratou logo João Sabino de se aproveitar das circunstancias para realizar o seu danado intento.

O mercado era no dia seguinte. Já tinha chegado bastante gente; havia, por isso, certa animação em Rosal. Ninguem suspeitaria da sua presença, nem dos seus planos. A Tomasia não o reconheceria, porque, chegando à janela, olhara para ele e para o arreeiro com indiferença. E no caso de que as coisas lhe corressem mal, ser-lhe-ia mais fácil fugir havendo na povoação gente estranha, que se confundiria uma com outra, do que em ocasião em que a presença de qualquer forasteiro despertasse a curiosidade dos habitantes.

Estabelecido o pacto entre os dois, João Sabino largou o arreeiro, e foi ele próprio colher informações.

Viu à janela a *muchacha*, que não cantava nessa ocasião, porque a Tomasia lhe havia dito que o ouvia cantar a entristecia: mas que se vingava desse forçado silêncio espreitando para a rua, curiosa de ver a gente que vinha para o mercado.

Fixou as feições da galeguita, de modo a poder reconhecê-la em qualquer parte que a encontrasse.

Convencido de que, fechada a porta da rua, o assalto seria impossível, e que as janelas eram muito altas para ser escaladas, foi examinar as traseiras da casa, que davam sobre uma horta separada de uma devesa por um muro de cascalho.

Ficou contente de ver uma varanda coberta abrindo em duas janelas com vidraças de correr.¹ Era o mesmo estilo das casas do Minho: devia ser ali a casa de jantar, sem portas interiores. Ao lado desta varanda davam saída para a horta alguns degraus de pedra.

Não seria difícil abrir, pelo lado de fóra, uma das vidraças com o auxílio de uma escada de mão.

Restava saber quantas e quais pessoas viviam naquela casa, além da Tomasia e da *muchacha*. Haveria também algum homem, qualquer criado de Boivão? Se assim fosse, o negócio seria mais sério; poderia travar-se luta.

João Sabino pensou em adquirir a escada, que, vindo a noite, iria esconder ao longo do muro, de modo a não dar nas vistas, e que mais tarde, quando voltasse com o arreeiro, levaria para dentro da horta.

Depois, tratou de averiguar o mais que precisava ainda saber — quanto ao número e sexo de todos os habitantes daquela casa.

¹ Chamadas também «de guilhotina».

Desandou, e veio para a rua. Entrou numa taberna, onde havia aglomeração de fregueses. A' porta, uma galega assava castanhas. Achou que o melhor seria puxar pela língua à assadeira. Começou por comprar-lhe castanhas.

— Estou encarregado, disse-lhe ele em espanhol, de arrendar uma casa p'ra uma familia portuguesa, mas não vejo nenhuma com escritos.

— Não há. Aquela — e indicou a de Tomasia — é que lhe podia servir, se a familia não fosse muito numerosa, mas também lá está uma familia portuguesa.

— Pouca gente?

— Uma jóvem, e uma velha.

— Mas hão de ter decerto quartos para os criados.

— Quem lhe faz o servtço é uma *muchacha* de Rosal, que vai dormir a casa de seus pais. E não há lá mais ninguem. Outro dia é que veio de visita um cavaleiro, mas teve pouca demora.

João Sabino comprehendeu tudo: o cavaleiro era D. Rodrigo, que tinha sido morto quando regressava a Boivão. O morgado pagara com a vida as últimas provas de amor e felicidade que a Tomasia lhe concedera; esta ideia satisfez tanto João Sabino, que lhe apagou na alma toda a possibilidade de remorso pela morte de D. Rodrigo. Chegou a dizer consigo mesmo: «se eu o encontrasse nessa ocasião, teria feito o que os outros fizeram».

— Pois é pena — respondeu êle à assadeira — que

aquela casa esteja arrendada, por que já vejo que me servia. Mas talvez que a jovem e a velha recolham brevemente a Portugal...

— Isso não sei. Nem o cavaleiro tornou, nem elas tem recebido carta.

Acabando de comer algumas castanhas, João Sabino foi beber vinho; depois tornou a comer castanhas, e a beberricar.

Sentia-se agora feliz na sua desgraça. Parecia-lhe que o diabo havia corrido em seu auxílio, preparando tudo adrede para uma vingança completa.

E, um pouco aturdido pelo vinho, dizia a si próprio:
— O arreeiro não quer. Mas eu sou capaz de matar a Tomasia. Tenho-lhe um ódio...

Foi dali contar ao arreeiro tudo quanto descobriria, exagerando ainda mais a facilidade do assalto. O arreeiro, a esse tempo, não estava menos embriagado que João Sabino.

Ao anoitecer, um homem, depois de ter ido comprar varias faixas de lã e uma verruma grossa, sentou-se na soleira de uma porta a pequena distancia da casa de Tomasia. Parecia dormir. Era João Sabino. Quando a *muchacha* saiu dizendo *adiós*, a porta fechou-se por dentro. Daí a pouco o homem fingiu acordar, e, espreguiçando-se, levantou-se.

Seria meia noite e meia hora quando João Sabino se dirigiu com o arreeiro para a devesa, onde, algum tempo antes, tinha ido pôr a escada de mão. Correra tudo bem. Não havia receio de terem sido vistos.

A povoação de Rosal estava mergulhada no silen-

cio aldeão de noite velha. Apenas em duas ou três tabernas faiscava luz pelas frinchas das portas fechadas. O arreeiro despedira-se na *fonda* até ao outro dia, dizendo ter de ir a Tuy, onde lhe esquecera um negócio importante, mas voltaria no dia seguinte para o mercado. Levou as cavalgaduras, porque talvez trouxessem carga; e prendeu-as a um tronco da devessa. Deixou-as ali para o que desse e viesse.

Passada a escada de mão por cima do muro de cascalho, os dois cúmplices encostaram-na a uma das janelas. João Sabino foi o primeiro a subir; atrás dêle subiu o arreeiro, para segurá-lo enquanto tentasse levantar a vidraça.

Com o auxilio da verruma, bem cravada na base do caixilho inferior, fácil foi erguê-lo à altura de uma polegada: por essa nesga couberam os dedos que depois o fizeram correr.

Logo que êle saltou dentro da casa, tirou da jaqueta um côto de vela e uma caixa de lumes-prontos, os velhos e toscos palitos cuja extremidade era empapada em enxofre derretido. E avançou com muita cautela, seguido pelo arreeiro, auxiliados pela ténue claridade das vidraças.

Entrando na escuridão do corredor, perdeu o receio; acendeu a vela, pondo-lhe deante o chapéu.

E continuou avançando.

Chegaram os dois, pé ante pé, à sala, que tinha duas janelas, certamente as que se viam da rua. As portas das janelas estavam fechadas. A um dos lados da sala, havia um leito. João Sabino meteu a luz à

cara para ver quem dormia ali: reconheceu a Tomasia.

Mas, justamente nesse momento, ela acordou, e tirando rapidamente os braços de entre a roupa, como para se defender, soltou um ai, que o arreeiro atabafou envolvendo-lhe a cabeça e os braços na coberta da cama, e segurando com força.

— Quem anda aí? ó sr.^a Tomasia! preguntou com sobressalto uma voz dentro da alcôva.

Imediatamente, João Sabino, pousando o côto de vela no chão, correu à alcôva, encontrando já a Ovaia meio soerguida no leito. Facilmente fez, com a coberta da cama, a mesma operação que o arreeiro tinha feito para amordaçar a Tomasia. A velha, tremendo, não opôs a menor resistência. E João Sabino, enquanto tirava da cinta três ou quatro faixas, para a amordaçar e manietar, dizia em voz alta ao arreeiro, que subjugava a Tomasia:

— Passa-lhe uma faixa à boca e outra aos braços, de modo que não possa gritar nem mexer-se.

A Tomasia não perdêra os sentidos, mas conservava-se imóvel, com os olhos fechados, receosa de que a matassem. Ouvia tudo, e reconhecia João Sabino pela voz.

Ovaia, ao ser manietada, tivera uma sícope, que se prolongou favorecida pela debilidade peculiar à velhice.

João Sabino, saíndo da alcôva, arrancara de repelão a roupa que ainda ocultava meio corpo da Tomasia. O decote da camisa deixava vêr a branca tur-

gidez dos peitos, fofos e altos; os braços pendiam ligados por uma faixa que cingia a cintura; e do joelho para baixo, as pernas nuas pareciam esculturadas no mármore, frias e alvas, desenhando na transparência da pele a ramificação azul das veias.

Com raivoso frenesim rasgou João Sabino a camisa de Tomasia em duas metades, que afastou para os lados.

Por momentos ficára absorto num encantamento ao tornar a vêr, como na madrugada de S. João, esse lindo corpo, que de rojo, no linhar de Ensalde, êle tanto havia desejado.

Foi o arreeiro que o despertou do êxtase, dizendo brutalmente:

— E daí! o que queres tu fazer então ? !

Estas palavras foram o tagante com que, no circo, o domesticador embravece o leão sonolento. O olhar de João Sabino tornou-se duro e torvo; e um rugido de cólera fremiu nos seus labios fazendo-o tiritar como num arrepió.

Vendo-o apalpar com a mão direita o bolso interior da jaqueta, o arreeiro disse-lhe com sacudida resolução:

— Se tentas matá-la, grito.

João Sabino olhou espantado para o arreeiro, olhou depois para o corpo da Tomasia, e respondeu aparentando serenidade :

— Não a mato, descansa. Mas quero deixar-lhe uma recordação, que a faça lembrar de mim toda a vida.

Tirando de outro bolso o cabo de madeira, um agulheiro, o azul de brunideira e a pólvora triturada, pousara todos este petrechos na borda do leito, dizendo:

— Segura na vela. Vais ver que a não mato.

Preparou a substancia corante, em que mergulhara as três agulhas fixadas no cabo, e, com mão firme, começou a cravá-las sobre o peito esquerdo da Tomasia.

Um grito, mais profundo do que alto, acusou a dôr que ela sentira, e em seguida ao qual pareceu perder de todo a sensibilidade.

— Sofres?! disse João Sabino. O que é isso comparado com o que me tens feito sofrer?!

E tendo desenhado um P principiou a repicá-lo com golpes sucessivos.

— Acabas com isso ou não acabas? disse-lhe o arreeiro, enfadado.

— Já vai, homem! São poucas letras. Isto acaba já.

E sobre o peito esquerdo da Tomasia, em que as agulhas pareciam penetrar como numa almofada de bocaxim tenso e liso, tatuou em quatro letras a palavra infamante que mais afronta as mulheres.

Depois êle e o arreeiro saíram pela janela, como tinham entrado. Montaram em duas cavalgaduras, das que haviam deixado na devesa, levando as outras pela arreata, e fugiram.

XXI

Como na manhã do dia seguinte a *muchacha* tivesse batido muitas vezes à porta da casa, e ninguém viesse abrir, deu alarme aos vizinhos, que se lembraram de entrar pela varanda envidraçada.

Viram, com surpresa, a escada de mão que os assaltantes deixaram arvorada quando apressadamente desceram.

Logo correu voz de que as portuguesas tinham sido vítimas de um roubo.

Resolveu-se então chamar o alcaide, que veio de pressa e ordenou que a *muchacha*, subindo à varanda, fosse abrir a porta da rua.

A galeguita assim fez, não sem espreitar para a sala. E como visse desnudo no leito o corpo de Tomásia, piedosamente estendeu sobre êle o lençol, que levantou do chão.

Entrou o alcaide com testemunhas e na sua presença a *muchacha* desatou às duas mulheres as mordaças e amarras, tendo o cuidado de não descobrir muito o corpo da Tomásia, a qual, já liberta, procurava ocultar o peito com o lençol, num insis-

ente gesto de pudor, que não inspirou desconfiança.

Ela tinha visto as letras tatuadas por João Sabino, mas não sabia ainda o que diziam, não pudera lê-las. Sentia no seio esquerdo um forte prurido, que a incomodava. E tinha febre, que atribuía aos horrores por que passara durante a noite.

A todos os vizinhos espantou que, depois de amordaçadas e manietadas as duas mulheres, não tivessem os ladrões consumado o roubo. Aventou-se a hipótese de que julgariam ter sido pressentidos pela vizinhança ou pela gente que passava na rua e ia chegando para o mercado.

A Tomasia de Ral, muito interrogada, dizia apenas que os assaltantes eram dois, mas que não os reconhecia; todavia dava alguns sinais da fisionomia de ambos, o que foi bastante para que toda a gente suspeitasse do contrabandista e do companheiro, tanto mais que o contrabandista, tendo chegado a Rosal, partira nessa mesma noite, contra o seu costume.

Ovaia nada sabia dizer a respeito dos malfeitos. A sua alcôva entrara apenas um, que não pudera vê bem, porque ele deixara a luz na sala.

A comoção da pobre velha era ainda profunda.

Quando o moleiro chegou a Rosal, ouviu a confusa história do assalto, e mostrou-se muito preocupado de uma vaga desconfiança. Mas a Tomasia, a quem ele assegurara no primeiro momento que D. Rodrigo estava vivo e são, e que todas as inimizades com o pai tinham cessado por comum acôrdo, res-

pondeu às perguntas do moleiro afastando as suspeitas que êle parecia nutrir e não ousava formular claramente.

Todavia o moleiro estranhou que a Tomasia ficasse triste e abatida, quando ouviu afirmar que D. Rodrigo vivia.

— Por que não veio êle ? ! perguntou Tomasia.

Nesta pregunta havia um desalento imenso.

— Porque, respondeu o moleiro, foi a Val-das-Donas concertar as pazes com o pai.

— Tenho tanto que lhe dizer ! exclamara amarguradamente Tomasia.

— Mas se a sr.^a Tomasia precisa que se trate alguma cousa urgente, fale, que tem aqui um home capaz de ir ao inferno p'r'a servir.

— Bem sei. Conheço bem a tua dedicação. Mas tenho tanto que dizer ao sr. D. Rodrigo ! . .

Ela aludia à revelação da vingança de João Sabino.

As suspeitas do moleiro tomaram então maior vulto ; mas não se atreveu a insistir no assunto. Como, porém, êle lhe preguntasse se estava disposta a partir para Boivão, a Tomasia respondera com mais energia do que a todas as outras preguntas :

— Sim ; vamos já ; já.

Saíu o moleiro para alugar um carro, e a Tomasia, levantando-se a custo do leito, correu a um espelho. Podendo lêr então a palavra que o João Sabino lhe gravara no peito, vibrou um grito dilacerante, despedaçador, agudo como um silvo.

Ovaia, mal podendo arrastar-se, veio acudir-lhe, receosa de alguma nova desgraça.

Encontrou a Tomasia, sentada numa cadeira, que estava perto do espelho, muito pálida, com os olhos cerrados, resfolgando ansiada, e cobrindo cuidadosamente o peito com a roupa e as mãos sobrepostas.

— O que é?! O que foi?! preguntou, muito afflita, a pobre velha.

Tomasia quis responder-lhe, e não pôde. Ovaia continuava a interrogá-la com um olhar desvairado, angustioso. Passaram alguns momentos até que Tomasia pudesse responder-lhe:

— Foi uma dor horrivel! meu Deus!

— É onde foi, minha filha?!

— Nem eu sei!...

— Que admira! Temos sofrido tanto, que até parece que a vida nos foge a cada momento! Se a morte viesse...

— Quem me dera!

— A menina não deve dizer isso. Mas eu! seria um favor de Deus...

— Tambem eu queria morrer, tambem. Sabe uma cousa, sr.^a Ovaia?! tenho medo de ir p'ra Boivão...

— Medo, filha! Vamos acompanhadas pelo moleiro, que é nosso amigo a valer.

— Pois é, sim, coitado. Mas, tenho medo, tenho medo... Ah! que é de uma pessoa morrer de aflição!...

E chorava, num desespero tormentoso, conchegan-

do muito a roupa ao peito com ambas as mãos sobrepostas.

Foi, no caminho, pouco antes de chegar a Boivão, que o moleiro julgou conveniente ir predispondo as duas mulheres para a terrível notícia que tinha a dar-lhes. Empregando rodeios mais transparentes do que habilidosos, disse que D. Rodrigo tinha sido gravemente ferido num dos conflitos com os criados de Val-das-Donas.

Não há palavras que possam descrever a amargura de Tomasia e Ovaia, que, sentadas a par dentro do carro, se encostavam uma à outra, confundindo as lágrimas e os gritos de angústia.

— Bem me dizia o coração ! soluçava Tomasia.

— Meu rico ! meu querido menino ! carpia Ovaia.

O moleiro quisera mostrar-se forte, mas a sua coragem, nunca desmentida, sossobrava agora deante do espectáculo dessa dor ingente, tão profunda e dilacerante.

Não foi sem lagrimear — pela primeira vez na sua vida — que êle chegou à revelação final, a morte de D. Rodrigo, ocultando, contudo, o pormenor da decapitação.

Dir-se-ia que nem a Tomasia nem Ovaia tinham já forças para sofrer ou reagir.

Iam semi-mortas, inertes, entorpecidas de pavor.

Passado algum tempo, o moleiro, cobrando ânimo, concluiu a narração.

A notícia de que o morgado de Val-das-Donas tinha falecido, atormentado de remorsos, não produ-

ziu impressão às duas mulheres como justa compensação do muito que por causa dêle haviam sofrido. As grandes dores são como os grandes crimes: não há atenuantes que lhes diminuam a gravidade.

De repente, num tom de imperativa energia, fazendo lembrar o último esforço de um naufrago, disse Tomasia que não queria voltar para Boivão.

— E' a sua casa, menina, respondeu brandamente o moleiro como se D. Rodrigo pudesse ainda ouvi-lo. O fidalgo de Val-das-Donas deixou-lhe em testamento toda a propriedade de Boivão.

— Ele! até depois de morto quis fazer pouco de mim! Imaginou que a minha desgraça se remediava com dinheiro!

— E' um restituição, que o sr. abade de Ensalde lhe aconselhou.

— Não! replicou ela. Não porei mais os pés nessa casa onde fui tão feliz e tão desgraçada. Sou uma pobre camponesa, que não precisa de palacios. Levem me p'ra Ensalde, onde ainda vive meu pai. Quero ir morrer à choupana onde nasci.

— E eu, disse Ovaia, quero ir acabar aonde a menina: também não tenho forças para tornar a Boivão.

Quando o carro chegou a Ensalde, estava o Bento de Ral sentado à porta da choupana, com os cotovélos fincados nos joelhos, e a cabeça apoiada nas mãos.

Recordando a tragédia da estrada de Boivão pensava melancólico na filha, que não sabia se era viva ou morta.

Ao vêr parar o carro levantou-se e, reconhecendo a Tomasia, correu para ela com os braços abertos. A Tomasia, chorando ansiadamente, encostou-se ao peito do pai, que a abraçava com ternura.

-- Feliz da tua mãe, exclamou êle, que já não assiste a isto.

A administração das propriedades de Boivão foi confiada ao moleiro, com recomendação expressa de nunca mais abrir as salas e janelas do solar.

Na choupana de Ensalde ficaram residindo o Bento, a Tomasia de Ral e Ovaia. A Tomasia, vestida de luto, furtava-se à vista das suas patricias, que durante muitos dias estacionaram curiosas deante do postigo cerrado. E não tardou que ela ouvisse cantar os rapazes da aldeia a sua propria história posta em verso por algum menestrel ignorado e anónimo.

Cuidava do linho, fazia a bessada,
Torcia e corava a roupinha lavaða.

Nem moura ou negrinha lídou mais ainda
Do que esta linheira tão boa e tão linda.

Deixou sua terra, buscou torrão novo,
Por ser maltratada na bôca do povo.

Amor que inspirara por sua beleza,
Da pobre linheira fizera princesa.

E tinha palacios e tinha criados,
E véstes de sêda, chapins e toucados.

¹ Pronúncia minhôta.

Um dia o ciúme de amor carniceiro
Roubou aos seus braços gentil cavaleiro.

Despiu a princesa fraldilhas e télas,
Do rico palacio cerrou as janelas.

Qual triste viuva de luto vestida,
Voltou à cabana onde fôra nascida.

Por todo o palacio duendes malditos
De noute, a desoras, vagueiam, dão gritos.

De infames algozes são almas penadas
Abrindo as janelas com mãos descarnadas.

Lá dentro perpassam com gestos horrentes
Caveiras sem olhos e bôcas sem dentes.

Co' o dia se ausentam deixando fechado
O rico palacio, não mais habitado.

E a pobre linheira, semana a semana,
Rezando adormece na antiga choupana.

Na decurso de três anos saíram da choupana de
Ensalde dois cadáveres: o da Ovaia e do Bento.

O moleiro, que baldadamente tinha procurado por
toda a parte os assassinos do morgado de Boivão,
não pudera jamais ver realizado o seu ideal de jus-
tiça. A condenação do Canastreiro e do filho em al-
guns anos de degredo não o satisfizera. Quebrantado
de desgostos e anos, fôra oferecer-se à Tomasia para
lhe fazer companhia quando Ovaia faleceu.

— Não, meu bom amigo, dissera ela, eu quero e
preciso estar só.

— Mas se lhe acontecer algum perigo ?

— Que mais poderão querer de mim agora ? !
 — Mas toda a gente sabe que é rica.
 — Rica, eu ! Tu é que tens arrecadado todo o dinheiro das rendas.

— Está debaixo da pedra grande, à entrada do moíinho. Há lá dinheiro como milho ! Mas o povo não no sabe.

— Não tenhas receio. Em Boivão não há ladrões. Em Ensalde havia um, mas está no degredo . . .

Referia-se ao Canastreiro. Uma sufocação de choro estrangulou-lhe a voz por algum tempo.

O moleiro, querendo afastar as recordações dolorosas da morte de D. Rodrigo, reatou o diálogo :

— Mas a menina precisa tomar o ar dos campos em que foi criada.

— Pela manhã abro o postigo, e vejo esvoaçar as andorinhas, que me fazem companhia.

— São avezinhas estimadas ; dessas não vem mal nenhum.

E, com as lágrimas caíndo em fio pelas faces pá lidas, respondeu-lhe a Tomasia :

— Benditas é que elas são. E sabes por quê ? Em Rosal aprendi uma cantiga que o explica :

En el Monte Calvario
 Las golondrinas
 Le arrancaron a Cristo
 Diez mil espinas.

Um dia, a Tomasia chamou um rapazito que ia passando, e disse-lhe que fosse procurar a Rita de Parada.

O Lelo tinha sido despedido de sacristão, porque o abade viera a conhecer toda a sua vida escandalosa. Andava miserável, indigente. Fizera-se borra-chão. A sua desgraça arrastara a da Rita. O filho, protegido pelo abade, que tomara conta dêle desde a hora em que apareceu nos braços de Nossa Senhora, também por Ela parecia protegido.

— Pois tu queres falar-me? ! preguntou a Rita à Tomasia. Por tua causa me desgracei, e não tens feito caso de mim!

— Eu não falo com ninguém, Rita. Mas não fui eu que te desgracei. Tens sido infeliz, e eu não o sou menos, acredita. Quando dizias que eu era a causadora dos teus males, fugi de Ensalde, e foi essa a causa de todas as desgraças que sucederam depois... Mas não foi p'ra lembrar o passado que te quis falar. Ainda tens o cordão que te mandei?

— Não tenho nada de meu, Tomasia. Vendí-o. Estou perdida e desgraçada.

— Pois vai a casa do sr. abade e diz-lhe que eu quero estabelecer-te uma mesada e fazer doação da quinta de Boivão a teu filho.

— O que dizes tu?!

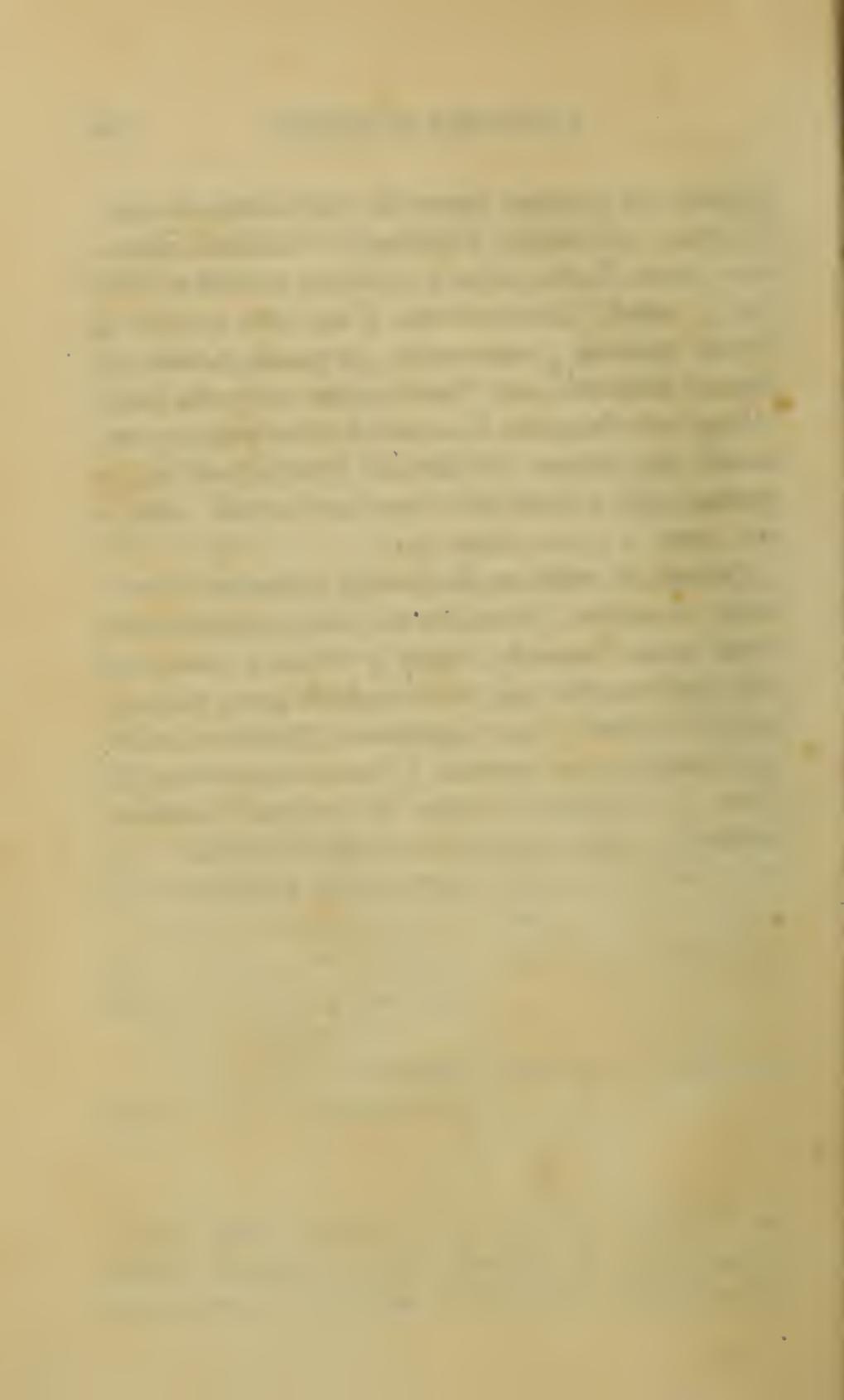
— O que sim. Anda, vae pedir ao sr. abade que venha cá p'ra tratarmos disso.

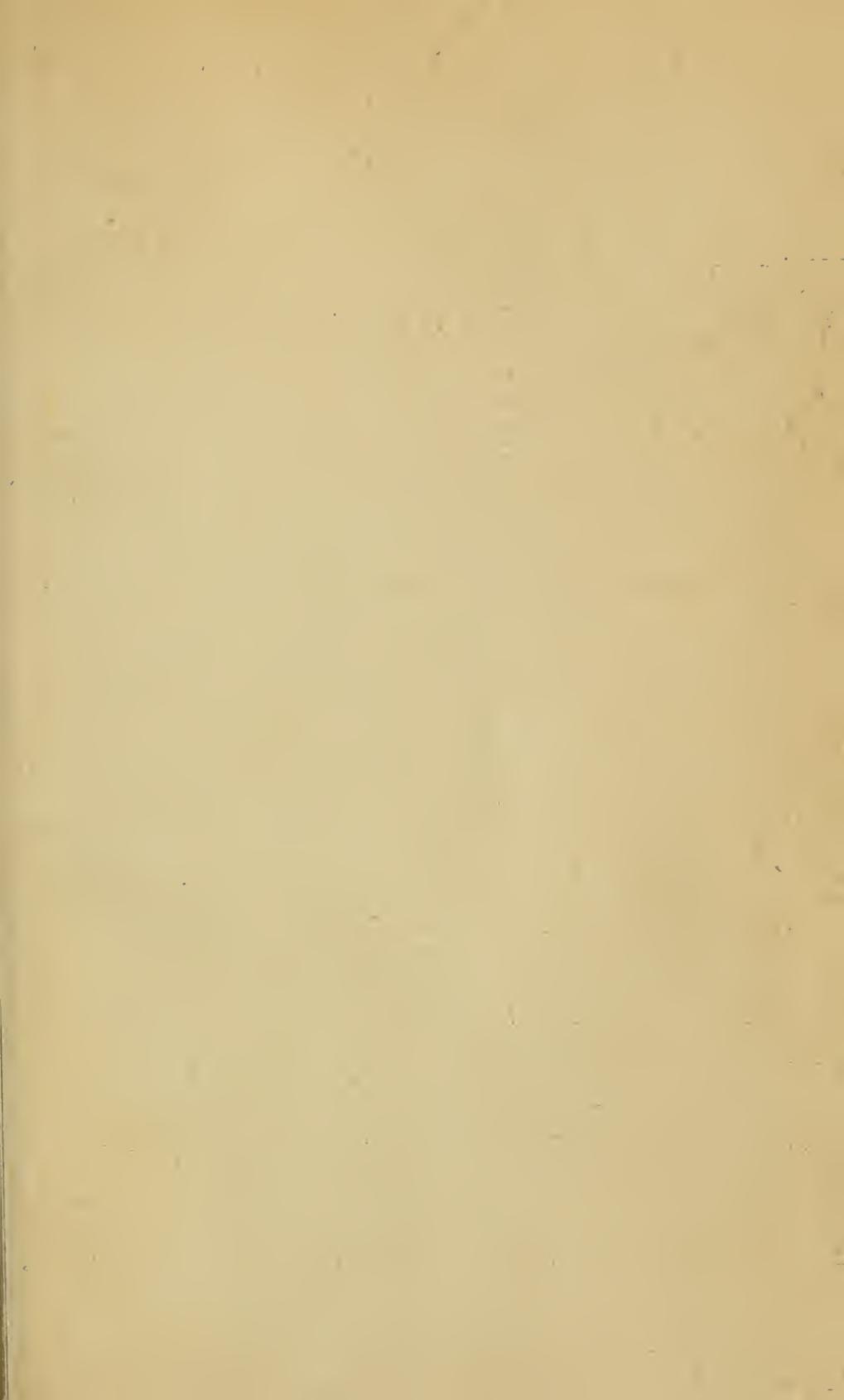
Sete anos e um dia contados sobre a tragédia de Boivão, desconfiou-se que Tomasia de Ral estivesse morta porque o postigo da choupana conservava-se

fechado. Os vizinhos, depois de terem chamado muitas vezes — Tomasia! Tomasia! — decidiram arrombar a porta. Foram achar a *princesa* deitada no leito, fria e imóvel. Tinha morrido. E sob uma peanha de Nossa Senhora encontraram um papel, escrito com alguma hesitação pela Tomasia, que pretendia dizer: «Deixo esta choupana às andorinhas em paga da companhia que sempre me fizeram. Não fechem mais o postigo, nem a porta, para que elas possam entrar e sair como se a casa fosse sua.»

Quando as mulheres de Ensalde trataram de amortalhar o cadáver, viram-lhe no peito esquerdo umas letras azuis. Chamado a toda a pressa o mestre-escola, pediram-lhe que lesse aquelas letras misteriosas. E ele disse o que significavam. Então as mulheres romperam em prantos e clamores contra os algozes da *princesa*, e todas lhe beijaram condolentemente o peito como se quisessem desfazer com beijos piedosos aquelas quatro letras ultrajantes.

FIM





LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.^A

68 - RUA DO MUNDO - 70

Obras de ALBERTO PIMENTEL

Viagem á roda das «Viagens» (garreteano).....	1
Do portal á claraboia , romance, 1 vol.....	1
A corte de D. Pedro IV , 1 vol.....	1
Notas sobre o «Amor de perdição» , 1 vol. il.....	1
A primeira mulher de Camillo , 1 vol. il.....	1
O arco de Vaudoma , romance, 1 vol.	1
A porta do paraíso , romance, 1 vol., in 4. ^o , il.....	1
Terra prometida , romance, 1 vol.....	1
O anel misterioso , romance, 1 vol., il.	1
A princesa de Boivão , romance, edição definitiva, 1 vol..	1

A ENTRAR NO PRELO:

Romance do romancista (vida de Camillo C. Branco),
2.^a edição revista.

André Brun

<i>Dez contos em papel</i>	\$80
<i>Cada vez peor</i>	\$80
<i>Soldados de Portugal</i>	\$80
<i>Praxedes, mulher e filhos</i>	\$60
<i>Almas de um outro mundo</i>	\$60
<i>Outra vez Praxedes</i>	\$60
<i>Felhinha de qualquer anô</i> , 2. ^a ed	1\$00
<i>A malta das trincheiras</i> (migalhas da grande guerra) 3. ^a ed.	1\$00

Augusto Gil

<i>Gente de palmo e meio</i>	\$80
<i>O canto da cigarra</i> , 3. ^a ed., no prelo.	

Brito Camacho

<i>D. Carlos Intimo</i> , 1 vol. enc. . .	1\$20
<i>Impressões de Viagem</i>	\$80
<i>Ao de leve</i>	\$80
<i>Por ahí fora</i>	\$80
<i>Longe da vista</i>	\$80

Albino Forjaz de Sampaio

<i>O Livro das Cortezãs</i> , 2. ^a ed., no prelo.	1
<i>Tiberio, filósofo e moralista</i> , 2. ^a ed.	1
<i>Os Barbaros</i> . I. <i>Antonio Nobre</i> , 1 vol., 2. ^a ed.	1

D. João da Câmara

<i>Dôr Bendita</i> , trad.....	1
<i>A Cidade</i>	1
<i>Contos</i> , 2. ^a ed., prefaciada por Albino Forjaz de Sampaio	1
<i>Meia Noite</i>	1
<i>Aldeia na Corte</i>	1

Americo Olavo

<i>Na grande guerra</i> , 1 vol.	1
---------------------------------------	---

Carlos Olavo

<i>Jornal d'um prisioneiro de guerra na Alemanha</i> , 1 vol., 2. ^a ed.	1
--	---

Novidades literarias:

<i>Ensaios de uma moral sem obrigação nem sancção</i> , por Guyau, 1 vol.	1
<i>A conferência da paz e a sua obra</i> (o que ela foi e o	1

PQ
9261
P46P77

Pimentel, Alberto
A princesa de Boivão

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D	RANGE	BAY	SHLF	POS	ITEM	C
39	10	05	04	15	021	3